

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
MIGUEL KANCELSKIS DRIGO

**A ELEIÇÃO E A ATUAÇÃO DE MARCEL MAUSS NO COLLÈGE DE
FRANCE: DIÁLOGOS ENTRE ARQUEOLOGIA E SOCIOLOGIA (1930-1940)**

CURITIBA

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
MIGUEL KANCELSKIS DRIGO

**A ELEIÇÃO E A ATUAÇÃO DE MARCEL MAUSS NO COLLÈGE DE
FRANCE: DIÁLOGOS ENTRE ARQUEOLOGIA E SOCIOLOGIA (1930-1940)**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura e Bacharelado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.
Orientador: Prof^o. Dr. Rafael Faraco Benthien.

CURITIBA

2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

À minha família que sempre me apoiou em todas as decisões da minha vida e que possibilitou minha educação. Obrigado por sempre me incentivarem a seguir meus sonhos, independentemente de quais eles fossem.

À Nikita, a qual eu não saberia agradecer com palavras todas as vezes que você me ajudou e me apoiou durante o curso. Mais do que uma companheira, você esteve ao meu lado durante todo esse percurso.

Aos professores do Departamento de História da UFPR, todos os que estiveram envolvidos direta ou indiretamente na minha formação. Agradeço em especial à Professora Renata Garraffoni que possibilitou minha primeira Iniciação Científica e me ajudou a crescer como historiador. Também ao meu orientador, Professor Rafael Benthien, que também possibilitou uma Iniciação Científica, a qual depois virou esta monografia. Agradeço por desde o primeiro ano do curso sempre estar aberto às minhas dúvidas e sempre me incentivando na pesquisa.

Aos meus colegas de turma, pela convivência nestes quatro anos de curso.

À UFPR e ao CNPq que me agraciaram com duas bolsas de Iniciação Científicas, possibilitando meu crescimento como pesquisador e historiador.

Ao povo brasileiro, o qual através dos impostos financiou e possibilitou meu estudo e minha pesquisa. Confio que irei lhes retribuir todo esse investimento como futuro professor de História.

RESUMO

Marcel Mauss, importante sociólogo e antropólogo francês, fez parte da chamada Escola Sociológica Francesa, projeto esse levado a cabo por seu tio, Émile Durkheim. Essa equipe reuniu intelectuais de diversas áreas das ciências humanas, como historiadores, arqueólogos, linguistas, juristas, filósofos, psicólogos, entre outros. Esse grupo de intelectuais possuía como projeto a divulgação do método sociológico e a institucionalização das Ciências Sociais no sistema de ensino e pesquisa francês. Nesse sentido, a criação de uma cátedra de Sociologia na renomada instituição *Collège de France* (doravante CF) e a eleição de Mauss para ocupá-la podem ser entendidas como uma importante conquista do grupo e um passo em direção à institucionalização proposta. Um vez eleito, Mauss notabilizou-se por propor agendas de pesquisa direta ou indiretamente ligada aos povos celtas e germânicos, influenciado pelos trabalhos de seu amigo, Henri Hubert. Com isso, a monografia buscou compreender, em um primeiro momento, como diferentes agentes atuavam em uma eleição ao CF e como para além da questão intelectual, a política e a religião também influenciavam em tal contexto. Além disso, procurou-se entender como a eleição de Marcel Mauss ao CF impactou no projeto de institucionalização das Ciências Sociais defendido pela equipe durkheimiana. Em um segundo momento, analisou-se como Marcel Mauss, em seus cursos no CF, trabalhou com a Arqueologia e a Sociologia, principalmente no que tangia os temas dos povos celtas e germânicos. Essa conversa entre saberes também era uma forma dos durkheimianos de disseminar o método sociológico. Assim, a monografia buscou analisar as diversas formas como o sociólogo Marcel Mauss ajudou a promover a sociologia durkheimiana e os projetos defendidos pela Escola Sociológica Francesa.

Palavras-chave: Marcel Mauss; *Collège de France*; Sociologia.

LISTA DE QUADROS (TABELAS)

Tabela 1 – Professores do <i>Collège de France</i> em 1929 – 1930.....	51
Tabela 2.1 – Cursos dados por Marcel Mauss na École Pratique des Hautes Études, 1900 – 1914.....	88
Tabela 2.2 – Cursos dados por Marcel Mauss na École Pratique des Hautes Études, 1920 – 1940.....	90
Tabela 2.3 – Cursos dados por Marcel Mauss no Collège de France, 1930 – 1940.....	94

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. O SISTEMA EDUCACIONAL FRANCÊS NA TERCEIRA REPÚBLICA, A ESCOLA SOCIOLOGICA FRANCESA E MARCEL MAUSS	11
<i>1.1 UM TEMPO DE REFORMAS: O SISTEMA EDUCACIONAL FRANCÊS NA TERCEIRA REPÚBLICA FRANCESA (1870 – 1940)</i>	11
<i>1.1.1. O COLLÈGE DE FRANCE NO TURBILHÃO DAS REFORMAS</i>	19
<i>1.2 A ESCOLA SOCIOLOGICA FRANCESA</i>	23
<i>1.2.1 OS PRIMÓDIOS DA SOCIOLOGIA NA FRANÇA (1880 – 1900)</i>	23
<i>1.2.2. ESCOLA SOCIOLOGICA FRANCESA E A L'ANNÉE SOCIOLOGIQUE</i> .	25
<i>1.3 MARCEL MAUSS</i>	30
2. A ELEIÇÃO DE MARCEL MAUSS AO COLLÈGE DE FRANCE	41
<i>2.1 O COLLÈGE DE FRANCE: A ELEIÇÃO E AS RELAÇÕES DE FORÇA(S)</i>	41
<i>2.2 A ESCOLA SOCIOLOGICA FRANCESA NO COLLÈGE DE FRANCE ANTES DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL</i>	43
<i>2.3 OS PROFESSORES DO COLLÈGE DE FRANCE (1929-1930)</i>	49
<i>2.4 A CRIAÇÃO DA CADEIRA DE SOCIOLOGIA E A ELEIÇÃO DE MARCEL MAUSS</i>	62
3. UMA CONVERSA ENTRE SABERES: A RELAÇÃO ENTRE A SOCIOLOGIA E A ARQUEOLOGIA NOS TRABALHOS DE MARCEL MAUSS (1930 – 1940)	79
<i>3.1 HENRI HUBERT (1872 – 1927) E A ARQUEOLOGIA FRANCESA</i>	79
<i>3.2 “GEMÊOS DE TRABALHO”: A PARCERIA MAUSS-HUBERT</i>	85
<i>3.3 ARQUEOLOGIA E SOCIOLOGIA SE ENCONTRAM NO COLLÈGE DE FRANCE (1930 – 1940)</i>	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105

INTRODUÇÃO

“Nós vivemos, H.H. [Henri Hubert] e eu [Marcel Mauss], à época onde nós nos encontramos e identificamos um ao outro um tipo de entusiasmo. Nós descobrimos juntos o mundo, a humanidade pré-histórica, primitiva, exótica, o mundo semítico e o mundo indiano [...]”¹. Em seu texto de apresentação como candidato à cátedra de Sociologia do *Collège de France* (doravante CF), Marcel Mauss faz questão de lembrar, em diversos momentos, sua colaboração de longa data com o historiador-sociólogo-arqueólogo Henri Hubert, o qual considerava seu “gêmeo de trabalho”. Nesta monografia, buscamos estudar e pesquisar dois temas que se complementam e que estão intimamente relacionados, a eleição de Marcel Mauss à cadeira de Sociologia no CF e, posteriormente a isso, a forma como este sociólogo relacionou a Sociologia com a Arqueologia em seus trabalhos. A partir disso, algumas perguntas podem vir à tona, como o porquê de estudar o caso de Marcel Mauss? Porquê analisar a relação entre a Sociologia e a Arqueologia? Ou, ainda, porquê a eleição ao *Collège de France*? Essas questões são pertinentes e demandam explicações.

Primeiramente, escolhemos estudar a trajetória do importante sociólogo e antropólogo francês, Marcel Mauss, e, mais especificamente, o período entre 1929 e 1940. Esta escolha deveu-se por ter sido ele o primeiro, na França, a ser eleito para uma cátedra denominada exclusivamente de Sociologia na importante instituição conhecida como *Collège de France*. Além disso, logrou importantes sucessos como um dos principais divulgadores da empresa levada a cabo por seu tio, Émile Durkheim, a conhecida Escola Sociológica Francesa. Mauss foi um dos colabores mais ativos na revista *l'Année Sociologique*, criada com o intuito de divulgar as pesquisas e os novos métodos científicos promovidos pela equipe durkheimiana. Dessa forma, sua eleição ao CF foi analisada visando entender a busca dessa equipe em tentar institucionalizar as Ciências Sociais no sistema de ensino e pesquisa francês durante a Terceira República.

¹ No original “Nous avons vécu, H.H. et moi à l'époque où nous nous sommes rencontrés et identifiés l'un à l'autre dans une sorte d'enthousiasme. Nous découvriions ensemble le monde l'humanité préhistorique, primitif, exotique, le monde sémitique et le monde indien [...]”. (Tradução nossa). In: L'œuvre de Mauss par lui-même. **Revue Française de Sociologie**, vol. 20, nº1, 1979, p. 215.

O *Collège de France* ocupava, e ainda ocupa, um importante local nesse sistema. Apesar de suas peculiaridades, como não possuir turmas regulares, nem prover diplomas aos que acompanham os cursos lá, essa instituição reúne o que pode ser considerado como uma elite intelectual francesa, ao menos no campo do professorado. O espaço criado pelo CF é, por vezes, responsável pelo de novos saberes que ainda não conquistam as outras instituições de ensino superior. Dessa forma, é possível identificar nessa instituição francesa um importante local onde grandes intelectuais realizam pesquisas inovadoras e davam cursos abertos ao público para divulgar suas descobertas. É nesse sentido que buscamos trabalhar com o CF na monografia, como um local que está aberto, não sem resistências é claro, para novas perspectivas das ciências, como era o caso da Sociologia na época de Marcel Mauss. Nesta direção, também escolhemos trabalhar com a relação entre Arqueologia e Sociologia feita por Mauss na década de 1930. Além de estar trabalhando como editor das obras póstumas de seu colega arqueólogo, Henri Hubert, o fato de estar numa instituição que abriga novos saberes também o permitiu de trabalhar com essas duas novas ciências que estavam buscando se consolidar. Essa era igualmente uma forma de divulgar o método sociológico durkheimiano como passível de ser aplicado em outras ciências humanas.

Com isso, dividimos a monografia em três capítulos em que buscaremos trabalhar com estas ideias apresentadas. No capítulo 1, intitulado “O sistema educacional francês na Terceira República, a Escola Sociológica Francesa e Marcel Mauss”, procuramos apresentar como uma série de reformas educacionais ocorridas entre o século XIX e XX alteraram o sistema de ensino e pesquisa francês, principalmente durante o período conhecido como Terceira República. Estas reformas abriram brechas para que novas disciplinas e saberes pudessem conquistar espaços pudessem ganhar espaço e se consolidar, como é o caso das Ciências Sociais. Dentro dessa nova ciência, uma equipe encabeçada por Émile Durkheim e pessoas próximas à ele, como o próprio Marcel Mauss e Henri Hubert, divulga um novo método sociológico de pesquisa e análise. Esse grupo se autodenominava como Escola Sociológica Francesa e conseguiu realizar grandes conquistas nas primeiras décadas do século XX até o começo da Segunda Guerra Mundial. Por fim, apresentamos uma breve trajetória intelectual e política de Marcel Mauss e os percursos que este percorreu.

Após esse capítulo em que apresentamos o contexto, partimos para o capítulo 2, “A eleição de Marcel Mauss ao *Collège de France*”. Neste, analisamos o caso da eleição de Mauss à cátedra de Sociologia no CF em 1930. Para tal, elencamos um conjunto de fontes que nos auxiliasse nesta tarefa. Entre estas estão as atas das assembleias dos professores do CF dos dias em que ocorreram as votações tanto para a criação da cadeira de Sociologia, quanto a eleição de Mauss para ocupá-la; necrológios e textos autobiográficos que apresentassem, minimamente, o perfil dos professores que faziam parte dessa instituição; correspondências trocadas entre intelectuais comentando especificamente desta eleição, como as cartas de Lucien Febvre; discursos proferidos ao longo das assembleias; e, por fim, textos de apresentação de candidaturas, especialmente o de Mauss. Com esse conjunto de fontes, buscamos analisar como diferentes capitais eram ativados dentro de um campo² intelectual francês e, mais especificamente no caso dessa eleição. Além disso, propomos que a eleição de Mauss, em um momento em que as Ciências Sociais, como pensada pela equipe durkheimiana, buscavam se consolidar e pode ser vista como um coroamento de uma trajetória intelectual bem sucedida.

Uma vez eleito e ocupando sua cátedra no CF, Marcel Mauss trabalhou com temas ligados que relacionavam a Sociologia e Arqueologia. É nesse sentido que o capítulo 3, denominado “Uma conversa entre saberes: a relação entre a Sociologia e a Arqueologia nos trabalhos de Marcel Mauss”, busca apresentar a relação que Marcel Mauss e Henri Hubert possuíam, e como esta impactou no trabalho de ambos. Porém, o foco do capítulo é o de analisar como a Arqueologia transparece nos trabalhos de Marcel Mauss entre 1930 e 1940 e, principalmente, em diversos cursos que este deu no CF no mesmo período. Para além de uma simples influência da edição das obras póstumas de Henri Hubert, indicamos que essa relação entre Sociologia e Arqueologia empreendida por Marcel Mauss também tinha o intuito de apresentar às outras ciências humanas o método sociológico durkheimiano e defendê-lo. Para tal, elencamos fontes que nos auxiliassem nessa empreitada, como alguns textos produzidos pelo sociólogo nesse período, principalmente aqueles que tinham como tema a sociologia dos povos celtas e germânicos, e também os

² Utilizamos nessa monografia os conceitos de “campo” e “capital” conforme teorizou o sociólogo francês Pierre Bourdieu. Segundo este, “o campo intelectual constitui um sistema de linhas de força: isto é, os agentes ou sistemas de agentes que o compõem podem ser descritos como forças que se dispendo, opondo e compondo, lhe conferem sua estrutura específica num dado momento do tempo”. In: BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. IN: POUILLON, Jean (org.). **Problemas do estruturalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 105.

resumos dos cursos que este deu no CF. A escolha dos textos sobre os povos celtas e germânicos é justificada pois era principalmente sobre esse tema que Henri Hubert vinha produzindo pesquisas antes de falecer e, conseqüentemente, os temas que Mauss teve de se aproximar ao editar postumamente as obras de seu colega.

A partir disso, a monografia propõe apresentar que a eleição de Marcel Mauss ao *Collège de France* em 1930 pode ser vista como o coroamento de uma trajetória bem sucedida, assim como uma institucionalização parcial das Ciências Sociais no sistema de ensino e pesquisa francês, levado a cabo pela Escola Sociológica Francesa. Pois, além do CF, Mauss ocupava cargos na *École Pratique des Hautes Études* (doravante EPHE) e no Instituto de Etnologia. Ademais, outros pesquisadores considerados da equipe durkheimiana também se encontravam em posições de destaque em instituições universitárias, principalmente em Paris. Dessa forma, é possível entender os trabalhos de Mauss entre 1930 e 1940, quando este relacionou, em alguns textos, a Arqueologia com a Sociologia. Esta era uma outra forma de promover as Ciências Sociais, como pensadas pelos durkheimianos, através da relação entre saberes das ciências humanas, buscando apresentar o método sociológico como interessante para estas. Com isso, foram com estes dois temas, interligados entre si, que buscamos trabalhar nesta monografia.

1. O SISTEMA EDUCACIONAL FRANCÊS NA TERCEIRA REPÚBLICA, A ESCOLA SOCIOLOGICA FRANCESA E MARCEL MAUSS

Neste primeiro capítulo buscaremos apresentar alguns apontamentos sobre o funcionamento do sistema educacional francês na época da Terceira República (1870 – 1940), bem como as reformas às quais este sistema foi submetido durante o período. Além disso, também discutiremos a inserção da Escola Sociológica Francesa neste sistema educacional, através da atuação conjunta de pesquisadores interessados no método sociológico e relacionados com a publicação da revista acadêmica *L'Année Sociologique*. Por fim, com o intuito de melhor compreendermos a trajetória de Marcel Mauss, apresentaremos brevemente uma biografia deste, que contemplará os aspectos intelectuais e não-intelectuais (a política) de sua vida.

1.1 UM TEMPO DE REFORMAS: O SISTEMA EDUCACIONAL FRANCÊS NA TERCEIRA REPÚBLICA FRANCESA (1870 – 1940)

O sistema educacional francês, com suas diversas especificidades, passou por variadas reformas. Durante o período conhecido como Terceira República, tinham como objetivo a “modernização” desse sistema. As reformas francesas buscaram se aproximar do modelo alemão de universidade, conhecido pelo seu incentivo combinado à pesquisa e à docência. Outra característica alemã que serviu de inspiração para a França foi o auxílio do Estado para com os professores universitários e estudantes do ensino superior, por meio de bolsas e outros incentivos monetários. Dessa forma, para compreendermos melhor o processo de reformulação do sistema de ensino e pesquisa francês da Terceira República, é importante que façamos uma breve apresentação dos antecedentes desse sistema, principalmente na época do governo de Napoleão I.

Os historiadores Christophe Charle e Jacques Verger, no livro *História das Universidades* (1996), apontam que o governo francês na época da Convenção, durante o período da Revolução Francesa, aboliu as universidades e permitiu somente a permanência de alguns grandes estabelecimentos existentes, como o *Collège de France*, o Museu de História e a Escola Central dos Trabalhos Públicos (futura Escola Politécnica)³. Aos poucos, o governo napoleônico reconstruiu o ensino superior com base em três preocupações principais, sendo elas: “oferecer ao Estado e à sociedade pós-

³ CHARLE, Christophe. & VERGER, Jacques. **História das Universidades**. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

revolucionária os quadros necessários para a estabilização de um país conturbado; controlar estritamente sua formação em conformidade com a nova ordem social; e impedir o renascimento de novas corporações profissionais.”⁴.

As Faculdades de Letras e Ciências não tinham como função a realização de pesquisas e inovações, principalmente na província, onde o ensino superior durante muito tempo foi relegado em detrimento do centro parisiense. Com isso, identificamos a concentração das inovações em algumas grandes instituições, caso do *Collège de France*, da Universidade de Paris – também conhecida como Sorbonne, no caso da Letras e Direito – e, embora não tivesse vínculos com o sistema educacional, o *Institut de France*⁵. Essa hiper-concentração na capital parisiense gerava diversos problemas, principalmente pelo fato de que os docentes tinham como principal preocupação o retorno à capital, provocando um impasse no desenvolvimento das atividades intelectuais na província. Além disso, outras críticas foram direcionadas a essa questão, caso dos conservadores que acreditavam que o meio estudantil era um foco de difusão de ideologias liberais e/ou revolucionárias e um vetor dos movimentos de agitação política, sendo Paris o centro destes movimentos estudantis franceses⁶.

É nesse sentido que Napoleão buscou estabelecer um quadro da educação básica. Nessa época, as Faculdades de Letras e Ciências tinham como principal tarefa a definição e realização do *baccalauréat*⁷ e, também, o exame e certificação de professores para as escolas secundárias do Estado. Assim, a França possuía faculdades no nível universitário, mas nenhuma universidade. É essa situação que as reformas realizadas ao longo do governo de Napoleão buscará alterar, “modernizando” o sistema educacional francês⁸. Serão privilegiadas, neste momento, as *grandes écoles*, instituições que serviam para treinar especialistas para os variados ramos do serviço governamental, incluindo o militar.

⁴ Ibidem, p. 76.

⁵ “Criado durante a Revolução Francesa, ele serviu para reunir sob um só teto as cinco academias, quais sejam: a *Académie Française*, a *Académie des Sciences*, a *Académie des Beaux-Arts*, a *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* e a recém-fundada *Académie des Sciences Morales et Politiques*.”. IN: BENTHIEN, Rafael Faraco. **Interdisciplinaridades**: latinistas, helenistas e sociólogos em revistas (França, 1898- 1920). 2011. 352 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011, p. 243.

⁶ CHARLE, C. & VERGER, J. **op. cit.** p. 77 – 79.

⁷ Exame realizado pelos estudantes franceses ao terminarem o ensino secundário e que, durante a Terceira República, gerará diversos debates entre políticos, instituições acadêmicas e intelectuais.

⁸ RINGER, F. **Fields of Knowledge**: French academic culture in comparative perspective, 1890-1920. 1. ed. Cambridge: University Press, 1992.

Entre as duas mais famosas do século XIX, estavam a *École Polytechnique* e a *École Normale Supérieure*. Esta última, uma importante instituição acadêmica que preparava a elite de futuros professores e administradores das escolas secundárias estaduais⁹.

Como chave para o sistema educacional, Napoleão investiu na criação dos *lycées* (liceus). Os liceus franceses do oitocentos eram financiados diretamente pelo governo central e localizavam-se, majoritariamente, em grandes cidades. Em 1802, esses liceus napoleônicos ofereciam um currículo essencialmente clássico, juntamente com um treinamento em matemática. Essa definição do currículo é importante porque resultará em diversos debates sobre ele, principalmente sobre a questão de aumentar ou diminuir a carga horária de disciplinas clássicas, como o Latim e o Grego. Até a década de 1860, este permaneceu esmagadoramente clássico, ocorrendo uma mudança, pela primeira vez, em 1852. Nesta mudança sistemática de padrão, gerou-se uma bifurcação curricular, onde os últimos quatro graus foram divididos entre um ramo literário (clássico) e outro científico (predominantemente matemático)¹⁰.

O *baccalauréat*, em 1808, foi instituído como um exame padronizado e nacional de conclusão do ensino secundário. Este exame era um pré-requisito para o acesso às Faculdades de Letras e Ciência e, a partir de 1820, também para às Faculdades de Direito e Medicina. Este exame era um requisito exigido aos candidatos que pretendiam obter algum dos três principais diplomas avançados oferecidos pelas Faculdades de Letras e Ciências: a *licence*, a *agrégation* e o doutorado de estado¹¹. A primeira, a *licence*, era uma versão mais elaborada do *baccalauréat* e era requerido para todos os professores do ensino secundário, mas aqueles que somente possuíam esse certificado, normalmente ocupavam os níveis mais baixos. Por sua vez, a *agrégation* era um difícil exame que dava acesso às posições mais altas do sistema secundários e, às vezes, para cargos em universidades de província. Para passar neste exame, normalmente os candidatos realizavam um curso de três anos na *École Normale Supérieure* (ENS)¹² que, além de ser um importante centro de estudos, também aglutinava parte da elite dos intelectuais franceses. Assim, servia como um importante local onde os estudantes e professores

⁹ Ibidem, p. 40 – 42.

¹⁰ Idem.

¹¹ Ibidem, p. 44.

¹² Normalmente os candidatos optavam pela ENS, por haver nesta instituição um ensino direcionado à *agrégation* e também pelo fato de aglutinar a “elite” intelectual. Porém, havia quem optasse por realizar os estudos em outras Faculdades, como é o caso de Marcel Mauss.

começavam a criar suas redes de relações. Por fim, o doutorado de estado era formalmente requerido para os professores das faculdades e eram obtidos após a defesa de duas teses, uma delas em Latim e a outra em Francês.

Por volta da década de 1860 o ensino superior francês e administradores educacionais começaram a clamar por reformas para aproximarem do modelo de universidade de pesquisa alemão. Uma importante instituição acadêmica foi fundada em 1868 em Paris, como consequência deste prólogo de um movimento reformista. A *École Pratique des Hautes Études* tinha como objetivo permitir um treinamento em pesquisa no estilo de seminário para pequenos grupos de estudantes avançados em artes e ciências. Outras instituições de educação também surgiram em Paris neste período, entre estas estavam a *École des Langues Orientales Vivantes* e a *École des Beaux-Arts*¹³. No ano de 1885, limitou-se os poderes dados às faculdades em gerir seus próprios fundos, especialmente as doações privadas. Estes fundos foram repassados para a prerrogativa de um grupo de administradores das universidades. Já em 1893, aumentou o escopo administrativo destes conselhos, tendo mais liberdades para com a parte financeira. Por fim, em 1896, as faculdades existentes foram agrupadas criando um total de dezesseis universidades na França metropolitana, visando aumentar a importância das instituições acadêmicas provinciais¹⁴.

Essas reformas também visaram aumentar a participação popular no sistema educacional francês. Porém, pouco mudaram o quadro educacional francês, já que a classe média alta educada contabilizava quase metade dos estudantes secundários. Essas elites dominantes economicamente asseguravam fortes posições no sistema de ensino secundário e também no superior. Entendemos burguesia, neste caso, como apontado por Fritz Ringer (1992), como uma conjunção de três fatores de vantagens sociais que englobariam “riqueza e controle econômico, influência social e poder político, assim como status elevado associado a um estilo de vida quase aristocrático.”¹⁵. Porém, ainda segundo Ringer, os acadêmicos franceses eram normalmente ricos em capital cultural¹⁶ e

¹³ Ibidem, p. 45.

¹⁴ Ibidem, p. 46.

¹⁵ No original: “Wealth and economic control, social influence and political power, as well as the high status or *distinction* associated with a quasi-aristocratic style of life”. Grifos no original. (Tradução nossa) In: Ibidem, p. 66.

¹⁶ Utilizamos aqui o conceito de capital, teorizado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, pois é a partir da teoria deste que Fritz Ringer (1992) propõe sua análise.

relativamente pobres em capital econômico, gerando uma divisão social entre os acadêmicos e as outras elites francesas do século XIX.

No final do século XIX, um debate que já estava ganhando forma chegou ao auge por volta de 1900. Para entendê-lo, precisamos voltar novamente à discussão sobre o currículo secundário que vinha ocorrendo há algum tempo. As transformações do secundário começaram quando Victor Duruy, apontado Ministro da Educação por Napoleão III em 1863, criou o programa *enseignement secondaire spécial* (ensino secundário especial). Este programa foi moldado para prover uma alternativa ao currículo clássico, que já vinha sofrendo críticas. No ensino secundário especial haveria uma ênfase em ciências aplicadas, juntamente com o francês e uma língua estrangeira moderna. Porém, ao final desse ciclo de quatro anos, os que completavam-no não recebiam o *baccalauréat*. Duruy defendeu esta proposta sendo feita especialmente para os pupilos menos talentosos¹⁷. Estes serviriam como mão-de-obra especializada na indústria, no comércio e na agricultura. Contudo, em 1882, após críticas de professores do secundário, o programa especial foi remodelado, sendo introduzido dois ciclos sucessivos de três e dois anos, respectivamente. Além disso, em 1886, com a adição de um sexto ano, o programa especial recebeu um *baccalauréat* próprio. Com essas mudanças, a orientação mais “prática” do currículo foi enfraquecida e o programa diferenciava-se do currículo clássico na negligência do Latim e do Grego, além de sua maior ênfase em ciências naturais, línguas modernas e literatura francesa. Com isso, em 1891, o então Ministro da Educação, Léon Bourgeois, reconstituiu oficialmente o programa especial transformando-o em uma corrente do ensino secundário, mas mais “moderna” e com acesso ao *baccalauréat*.

Da década de 1870 até o final do século, o debate em andamento sobre o programa “especial” ou “moderno” foi acompanhado por uma discussão igualmente intensa sobre o currículo clássico do secundário. A questão básica era até que ponto a corrente clássica deveria ser alterada para acomodar tais matérias como Inglês e Alemão, história e geografia e, sobretudo, as ciências naturais.¹⁸

¹⁷ Ibidem, p. 115 – 118.

¹⁸ No original: “From the 1870s to the end of the century, the running debate over the ‘special’ or ‘modern’ program was accompanied by an almost equally intensive discussion over the classical secondary curriculum. The basic question was to what extent the classical stream itself should be altered to accommodate such subjects as English and German, history and geography, and the natural sciences above all.” (Tradução nossa). In: Ibidem, p. 118.

Dessa forma, entender esse debate sobre o currículo do secundário é importante para a presente pesquisa no sentido de que com a reformulação do ensino secundário e a introdução de novas matérias houve um impacto na forma como estas existiam no ensino superior. Assim, as mudanças do ensino secundário fizeram com que tais matérias, principalmente as ciências humanas, como História e Geografia, ganhassem importância e, elas mesmas, passassem por reformulações internas dentro do âmbito universitário. Nesse processo de reformulação que a Sociologia, tal como veio a ser proposta pela Escola Sociológica Francesa, ganhou força e encontrou um espaço nas instituições acadêmicas.

Após essa reforma curricular, as horas devotadas às matérias consideradas não clássicas aumentaram substancialmente. Porém, esse aumento gerou uma onda de preocupação pública sobre o excesso de horas semanais. Por tais mudanças e voltas, este debate educacional público fez com que se reconhecesse a necessidade de uma reformulação no currículo do secundário. Então, uma comissão parlamentar, comandada por Alexandre Ribot, foi concebida em 1899 com o objetivo de empreender uma investigação em larga escala sobre a educação secundária francesa. Esta comissão, que ficou conhecida como comissão Ribot, esteve no centro do debate entre o currículo clássico e o moderno.

Nesse sentido, formaram-se duas frentes, uma que defendia a preeminência do currículo clássico e aqueles que acreditavam na importância de haver uma alternativa para este, proposto pelo currículo moderno. Os principais defensores da primeira proposta eram os católicos, as escolas secundárias privadas e a burguesia. Dentro da comunidade acadêmica, os apoiadores do currículo tradicional eram encontrados em grande parte nas faculdades profissionais e nas que formavam as profissões liberais, já que eram verdadeiras fortalezas de uma burguesia estabelecida¹⁹. Do outro lado, o currículo moderno gerou um entusiasmo em três grupos que defendiam um conjunto de mudanças educacionais: os líderes políticos de centro-esquerda da Câmara dos Deputados, a administração educacional republicana e um substancial contingente de professores universitários das faculdades de letras e ciências em expansão²⁰. Essa contenda refletia uma divisão no sistema educacional francês como um todo.

¹⁹ Ibidem, p. 124 – 126.

²⁰ Idem.

Após dois anos de duração, em 1902, foram realizadas algumas reformas na educação propostas pela Comissão Ribot. Assim, o ensino secundário público foi dividido em dois ciclos sucessivos de quatro e três anos de duração, respectivamente. No primeiro ciclo era possível optar entre um currículo clássico e outro moderno, enquanto que no segundo ciclo haviam quatro alternativas: Latim-Grego, Latim-Línguas Modernas, Latim-Ciências e Ciências-Línguas Modernas. Ao final de todas essas opções eram realizados as provas do *baccalauréat* em diversas versões tendo um nível equivalente entre os diferentes ciclos²¹.

Apesar das mudanças realizadas, o debate continuou envolvendo intelectuais que publicavam textos defendendo suas posições. Fritz Ringer selecionou dez professores e/ou reitores relacionados com o sistema educacional francês, especificamente aqueles que defendiam o currículo clássico. Entre os selecionados, todos faziam parte de uma das quatro seções do *Institut de France*. Dois eram professores no *Collège de France*; dois eram professores na Faculdade de Medicina de Paris; um era diretor da *École Normale Supérieure*; por fim, outros dois eram professores na Faculdade de Letras. “Como um grupo, esses eram estabelecidos porta-vozes de uma ala mais velha e mais conservadora do sistema acadêmico. [...] todos os dez concordavam que o currículo clássico sozinho deveria ser creditado como todo o secundário.”²². Entre estes é importante citar alguns nomes presentes, como o do arqueólogo Georges Perrot; o filósofo Henri Bergson; o helenista Alfred Croiset; e o filósofo Alfred Fouillée.

Por sua vez, havia os que eram contrários a essa oposição sendo porta-vozes do que se pode chamar de posição reformista da educação secundária francesa. Para entender a posição destes que defendiam uma modernização do ensino secundário, Ringer selecionou trabalho de doze intelectuais e/ou políticos franceses. Entre os selecionados, todos haviam testemunhado perante à Comissão Ribot. Desse lado, foram selecionados um escritor; dois políticos e antigos acadêmicos; um professor da ENS; um professor do CF; seis que lecionavam nas Faculdades de Letras de Paris ou Lyon; e, por fim, um professor na Faculdade de Ciências de Paris. Para Ringer

²¹ Idem.

²² No original: “Thus as a group, these were established spokesmen for an older and more conservative wing of the French academic system. [...] All ten agreed that the classical curriculum alone should be accredited as fully secondary.” (Tradução nossa). In: *Ibidem*, pp. 141 – 142.

esses doze educadores reformistas eram associados primeiramente com as faculdades de letras e ciências em expansão, ou com o Ministério da Educação. Eles representavam perfeitamente a aliança entre o setor da comunidade acadêmica francesa, um porção da liderança parlamentar, e administradores educacionais da República Radical²³.

Assim como fizemos com os de posição mais conservadora, é interessante que citemos alguns nomes destes de posição reformista. Entre estes estavam: o escritor Jules Lemaître; o antigo Ministro da Educação, Léon Bourgeois; o político socialista Jean Jaurès; o professor na Faculdade de Letras de Paris, Ferdinand Buisson; e, por fim, o professor no CF, Charles Andler. Estes nomes que comentamos de ambos os lados, fazem-se interessantes no sentido de que eles aparecem, de uma forma ou de outra, próximos da trajetória intelectual de Marcel Mauss. Alguns, como Jean Jaurès e Charles Andler eram amigos pessoais de Mauss.

Por fim, outro importante acontecimento impactou toda a sociedade francesa e, mais especificamente, influenciou os diversos intelectuais franceses do final do século XIX e começo do século XX. O conhecido caso Dreyfus²⁴ serve como exemplo de como os intelectuais influenciavam a política francesa durante a Terceira República, através de grupos de pressão, circulação de petições, entre outros. Ele se referia, em linhas gerais, às mobilizações públicas em torno da revisão do processo de condenação do Capitão Alfred Dreyfus, judeu alsaciano e suboficial do exército, que fora julgado e condenado por espionagem por um tribunal militar sem que provas tivessem vindo à público. Nesse sentido, este caso tornou-se paradigmático, já que a defesa de Dreyfus ia além das acusações de traição, mas envolviam questões religiosas que desvelaram o preconceito contra os judeus. “Todo o caso Dreyfus, desta maneira, tornou-se uma confrontação entre as elites burguesas e os ‘intelectuais’”²⁵. Nas universidades, os revisionistas ou *dreyfusards*, eram particularmente fortes nas instituições mais “acadêmicas” do centro parisiense, como a ENS e a Sorbonne. De forma mais moderada, também era possível encontrar os *dreyfusards* nas Faculdades de Ciência de Paris e na *École Pratique des*

²³ No original: “These twelve educational reformists were associated primarily with the expanding faculties of letters and of sciences, or of course with the Ministry of Education. They perfectly represented the alliance between a sector of the French academic community, a portion of the parliamentary leadership, and the educational administration of the Radical Republic [...]” (Tradução nossa). In: *Ibidem*, p. 161.

²⁴ É possível indicar uma extensa bibliografia que comente sobre o caso Dreyfus e os intelectuais franceses. Parte da historiografia defende que foi com este caso que nasceu o termo “intelectuais”. Cf: CHARLE, Christophe. *Naissance des intellectuels* (1880-1900), Paris: Minuit, 1990.

²⁵ No original: “The whole Affair thus became a confrontation between the bourgeois elites and ‘the intellectuals’.” (Tradução nossa). IN: RINGER, F. *op. cit.* p. 219.

Hautes Études. Por sua vez, os anti-*dreyfusards* concentravam-se, mas não somente, nas Faculdades de Direito e em algumas *grandes écoles* burguesas. Essa divisão também é realizável por disciplina, em que as disciplinas de História e Filosofia destacavam-se como *dreyfusards*, enquanto que Literatura clássica e, especialmente, Direito eram fortes na direção oposta²⁶.

A partir do exposto anterior, foi possível entender de que forma o sistema educacional francês como um todo estava passando por reformas durante a Terceira República. Essas reformas deram margem para que novas disciplinas pudessem tomar forma e crescer dentro desse sistema educacional, caso da Sociologia, como também para que outras pudessem passar por reformas, caso da História com as inovações metodológicas de Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos; e com a Geografia, com a reformulação proposta por Vidal de la Blanche sobre a Geografia Humana. Também se percebe como acontecimentos políticos, como o caso Dreyfus e a Comissão Ribot, nos ajudam a identificar os intelectuais que tomavam posições mais progressistas ou mais conservadoras.

1.1.1. O COLLÈGE DE FRANCE NO TURBILHÃO DAS REFORMAS

É importante que nos detenhamos mais brevemente nesta instituição de pesquisa, tanto por sua importância dentro do sistema de ensino e pesquisa francês, quanto pelo fato dela ter um peso especial para a presente pesquisa. Segundo Ana Almeida

O Collège de France é um objeto particularmente instigante [...] porque se revela um estabelecimento de ensino peculiar, que define relações especiais com seus usuários, legalmente definidos como *ouvintes* e não como *alunos*. Trata-se de um estabelecimento onde as pessoas que acompanham as aulas e os cursos não sofrem nenhum tipo de regulação, não são acompanhadas, nem examinadas. Ali não se procede a matrículas ou inscrições, também não se fornece nenhum tipo de documento que certifique o tempo despendido na assistência às aulas. Tampouco é oferecido um programa de cursos organizados para o cumprimento de uma trajetória de formação. As aulas funcionam como conferências, não se preveem debates nem perguntas, não há diálogo entre os ouvintes e professores.²⁷

Essas particularidades do CF encontram-se desde o momento de sua criação. O *Collège Royal* foi criado em 1530 – durante o período da Reforma e do Renascimento –

²⁶ *Ibidem*, pp. 220 – 222.

²⁷ ALMEIDA, Ana. O Collège de France e o sistema de ensino francês. IN: CATANI, A. M.; MARTINEZ, P. H. **Sete ensaios sobre o Collège de France**. 2ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2001, p. 17.

por iniciativa da corte do rei François I com o objetivo de ser uma alternativa às instituições de ensino superior já existentes na época, como a Universidade de Paris. Os catedráticos do *Collège Royal* dedicavam-se às ciências e aos estudos das línguas, como o grego e o hebraico. Ao longo dos dois séculos seguintes, somaram-se a essas cadeiras outras oito: árabe, siríaco, eloquência latina, filosofia antiga, matemáticas, cirurgia, medicina e direito canônico. Dessa forma, utilizando-se de um mecenato estatal, essa instituição, rompeu com o monopólio das corporações de ensino e da Igreja Católica e conseguiu prover importantes inovações²⁸.

No período que antecede o da Revolução Francesa, esta instituição teve um aumento significativo de prestígio, pois surgia como uma alternativa ao modelo educacional posto no Antigo Regime. Após o começo da reorganização curricular, durante o período revolucionário, é nos saberes ensinados no CF que foram buscadas opções alternativas às disciplinas existentes. Ainda neste período de revoluções e contrarrevoluções, com a instabilidade do sistema educacional superior francês, o CF reafirma sua posição central entre a intelectualidade da França, sendo conhecido como um local de pensadores autônomos e originais. Durante o Segundo Império e a Terceira República, a eleição ao CF passou a ser amplamente reconhecida “como a coroação de uma trajetória bem-sucedida, amparada pelo reconhecimento dos pares e do estado”²⁹.

Porém, após a segunda metade do século XIX, apesar desse ganho de prestígio do CF, o sistema educacional francês passava por uma reforma. Assim, buscando-se aproximar do modelo alemão de universidades com forte investimento em pesquisas, outras universidades começam a ganhar importância dentro do cenário intelectual francês, como é o caso da *École Pratique des Hautes Études* e da *Nouvelle Sorbonne*. Com isso,

Se o CF era o único espaço do sistema de ensino no qual a heterodoxia poderia triunfar até fins da década de 1860, isso mudou com a criação da EPHE. Se até a década de 1880 ele se mantinha entre uma Sorbonne “mundana” e uma EPHE “científica”, a guinada pró-ciência daquela instituição alterou todo o equilíbrio do sistema.³⁰

A partir disso, como era o processo que levava alguns indivíduos a serem coroados com uma vaga no *Collège de France*? Através de um processo de eleição.

²⁸ BENTHIEN, R. F. **op. cit.**, p. 237.

²⁹ *Ibidem*, p. 238.

³⁰ *Ibidem*, pp. 239 – 240.

Desde os primórdios da instituição, duas regras foram sempre observadas: em primeiro lugar, tão logo uma cadeira se tornasse vacante por morte, incapacidade permanente ou aposentadoria do antigo ocupante, os demais professores deveriam debater se seu título seria mantido ou alterado em função de progressos substantivos em outra área do conhecimento; em segundo lugar, para além do prestígio científico ou literário, jamais houve exigências de quaisquer títulos para viabilizar uma candidatura.³¹

A não exigência de um título acadêmico é compreensível ao se falar de uma instituição que tinha como preceito a inovação científica e, por conta disto, elegia certos intelectuais que trabalhavam com áreas em que as universidades não fornecia treinamento (caso do próprio Marcel Mauss, como se verá adiante).

Havia três formas de adentrar aos quadros do CF. Todas as decisões concernentes às eleições passavam pela Assembleia dos Professores do CF. Quando uma cadeira era declarada vacante, por conta de motivos como falecimento do ocupante, aposentadoria, ou outros, os créditos relacionados a tal cadeira ficavam disponíveis, cabendo à Assembleia decidir o futuro destes. Na Assembleia, os professores decidiam se a cadeira continuaria com o nome que ela possuía ou se seria reformulada para abrigar um novo conhecimento. Após essa primeira definição, os candidatos se apresentavam publicamente – enviando cartas contendo seus currículos e propostas de pesquisas – e seguia-se a deliberação e a votação dos professores, sendo que os votos eram individuais e secretos. “Ao menos a partir de fins do século XIX, o colegiado tinha a incumbência de sugerir ao estado dois nomes. Cada um deles era definido em votação própria, a qual poderia se passar, dependendo das divisões internas dos professores, em um ou mais turnos”³².

O candidato que obtivesse o número necessário de votos para vencer a eleição era tido como a escolha principal do CF e, portanto, era apresentado como candidato “em primeira linha” (*en première ligne*). Seguindo essa primeira escolha, iniciava-se uma segunda votação para definir o nome que seria indicado “em segunda linha” (*en deuxième ligne*). Terminada essas duas votações, os nomes eram enviados ao Ministro de Instrução Pública para que fossem ratificados a escolha. Na maior parte das vezes, o Ministro seguia o que havia sido decidido na Assembleia dos Professores e respeitava o nome escolhido em primeira linha. Porém, ele possuía o poder de nomear o indicado “em segunda linha”.

³¹ Ibidem, p. 240.

³² Ibidem, p. 241.

Quando tal situação ocorria, normalmente, forças políticas estavam por trás da decisão tendo, na visão destes, algum impedimento para que o candidato principal assumisse a vaga.

As outras duas formas para tornar-se professor do CF era a intervenção estatal ou o financiamento particular de uma cadeira através de um mecenas. Na Terceira República era possível a nomeação direta de um titular, através da criação de uma nova cadeira, porém sendo pouco usual. Quando uma nova cadeira era criada, somando-se àquelas já existentes, o Estado poderia indicar alguém para ocupá-la ou deixar a cargo da Assembleia de Professores. A última forma, portanto, era o financiamento de uma cadeira específica do CF, bastando o aval dos professores para a abertura desta e a continuidade dos recursos para sua manutenção. Porém, o titular desta cadeira não possuía direito de voto na Assembleia³³.

É possível identificar, como apontado pelo historiador Rafael Benthien, linhas de força que atuavam dentro do *Collège de France*. De forma mais ampla, encontra-se uma distinção entre os “cientistas” e os “literatos”, remetendo-se às reformas educacionais e curriculares durante o século XIX. Com o crescimento do primeiro grupo após as reformas, mas ainda em menor número, manteve-se um equilíbrio de forças dentro do CF. Além disso, as Academias ligadas aos *Institut de France* também se fazem presente nessas linhas de força, já que majoritariamente os catedráticos do CF eram ligados a pelo menos uma delas.

A Académie des Sciences (AdS) agregava os cientistas: matemáticos, físicos, químicos e biólogos. Da Académie Française (AF) e da Académie des Beaux-Arts (ABA) participavam músicos, artistas plásticos, escritores e críticos em geral. Já a Académie des Inscriptions et Belles-Lettres (AIBL) reunia especialistas em línguas e literaturas, arqueólogos e epigrafistas. A Académie des Sciences Morales et Politiques (ASMP), por fim, acolhia filósofos e aqueles que, por um viés teórico, descritivo ou normativo, propunham-se a pensar questões políticas e sociais.³⁴

O mesmo autor aponta alguns dados concernentes ao período entre 1897 e 1918. Apesar de interessar especialmente os anos de 1929 e 1930 para a presente pesquisa, é interessante comentar sobre estes dados, pois sabemos que a variação – devido ao tempo

³³ Ibidem, pp. 241 – 242.

³⁴ Ibidem, p.243 – 244.

que os professores permaneciam em suas cátedras – é razoavelmente pequeno. Assim, Benthien propõe que

Na prática, entre 1897 e 1918, constata-se que as cadeiras ligadas a Académie des Inscriptions et Belles-Lettres (AIBL) dominaram a instituição, oscilando de 18 em 1897 (43,9% do total) a 20 em 1918 (43,5% do total). Já a Académie des Sciences Morales (ASMP) e a Académie des Sciences (AdS), cada uma delas deteve cerca de um quarto dos postos do CF. As demais, juntas, não superaram os 5%.³⁵

Com isso, entendemos de forma mais aprofundada como o *Collège de France* estava presente dentro do sistema de ensino e pesquisa francês, principalmente no período da Terceira República. As diversas reformas educacionais também chegaram a influenciar essa importante instituição, além de vermos outras linhas de força que ali atuavam e de que forma estas influenciavam no momento de decidir por abrigar, ou não, novos saberes.

1.2 A ESCOLA SOCIOLOGICA FRANCESA

Neste segundo subitem, buscaremos levantar algumas informações relevantes para a presente pesquisa acerca de como se deu o nascimento da Sociologia universitária na França. Na sequência, comentaremos sobre como o grupo de Durkheim – conhecido como durkheimianos e/ou Escola Sociológica Francesa – conseguiu, aos poucos, adquirir postos no sistema educacional e de pesquisa francês. Por fim, veremos como o grupo durkheimiano utilizou da revista acadêmica *L'Année Sociologique* para difundir suas ideias sobre o que estes acreditavam ser a Sociologia e o método sociológico.

1.2.1 OS PRIMÓDIOS DA SOCIOLOGIA NA FRANÇA (1880 – 1900)

Os primeiros contornos da nova disciplina e ciência conhecida como Sociologia nos remete à August Comte, que em 1856 já comentava sobre esta disciplina em seu Curso de Filosofia Positiva³⁶. Com a fundação da primeira Sociedade de Sociologia em 1872, por Émile Littré, que esta nova ciência começou a ganhar contornos mais nítidos, porém ainda muito superficiais. Por falta de um consenso sobre a definição de um programa e método desta ciência nascente, a Sociedade – da qual faziam parte médicos, juristas e filósofos – logo se dissolveu.

³⁵ Idem.

³⁶ MUCCHIELLI, Laurent. O nascimento da sociologia na universidade francesa (1880-1914). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 21, nº 41, 2001, pp. 35 – 54.

Com as reformas educacionais realizadas durante a Terceira República, a Sociologia conseguiu galgar alguns passos importantes em direção às universidades. A EPHE, originalmente contava somente com uma seção, dentre quatro, dedicada às ciências humanas: a seção das ciências históricas e filológicas. Em 1885, é criada a quinta seção, dedicada às ciências religiosas e que irá desempenhar um importante papel para o crescimento da Sociologia dentro das universidades e, particularmente, para o grupo durkheimiano³⁷. Porém, para além das reformas educacionais, o contexto político também foi importante para o momento de renovação dos saberes. Para o sociólogo Laurent Mucchielli, quatro elementos parecem determinantes para esse contexto. O primeiro é o advento da República, que, através de bolsas e incentivos ao sistema educacional, favoreceu as mudanças. O segundo elemento seria o crescimento do socialismo no plano político interno e a crise pela qual a Terceira República francesa passava, levando os republicanos a buscarem novas políticas. Em terceiro lugar, o fortalecimento do socialismo no mundo, principalmente na juventude, proveu um elemento em comum à diversos intelectuais franceses. O bibliotecário da *École Normale Supérieure*, Lucien Herr, introduziu o socialismo nesta instituição e influenciou jovens estudantes que por ali passaram. Dentre estes estavam diversos membros da equipe durkheimiana, que tiveram no socialismo um denominador comum. Por fim, Mucchielli cita o caso Dreyfus como tendo fundamental importância para os grupos de intelectuais socialistas. “Os laços pessoais entre os membros da equipe de Durkheim e seus laços com grande número de antigos companheiros da ENS foram consideravelmente reforçados durante e após o caso Dreyfus”³⁸.

É neste contexto político que a Sociologia vai ganhando traços. Entre os anos de 1860 e 1880 ocorreu o apogeu dos modelos naturalistas aplicados às ciências sociais, influenciados pelo evolucionismo. Paul Broca criou a Sociedade Antropológica de Paris e a Escola Antropológica de Paris, em 1859 e 1872, respectivamente. É nessa última que começa se a desenvolver as bases teóricas da antropologia racial. Contudo, a partir da década de 1880, três intelectuais começam a quebrar com essa imposição biológica perante à Sociologia. Gabriel Tarde foi o primeiro a criticar os evolucionistas, darwinistas sociais e biocriminólogos. Émile Durkheim também reagiu contra estes rompendo com

³⁷ Ibidem, pp. 40 – 41.

³⁸ Ibidem, p. 43.

as noções clássicas da Sociologia e aproximando-a das ciências humanas. Por fim, René Worms criticou as antigas bases teóricas da Sociologia, porém em partes, buscando uma renovação da teoria do organicismo³⁹.

Essas três novas figuras da Sociologia buscaram defender suas proposições perante as outras. René Worms, *agrégé* de direito e filosofia, foi o primeiro a propor, sem sucesso, uma institucionalização da Sociologia no sistema de ensino e pesquisa francês. Worms fundou a *Revue Internationale de Sociologie* em 1893 e, dois anos mais tarde, criou a Sociedade de Sociologia de Paris. Em um primeiro momento seus projetos tiveram relativos sucessos, pois agregavam o establishment dos sociólogos à época. Porém, Worms falhou ao não conseguir propor teorias inovadoras, nem reunir em torno de si uma equipe que propagasse a sociologia. Por sua vez, Gabriel Tarde, jurista de formação, propôs inovações importantes na área da criminologia e da filosofia, além de haver conquistado consagração acadêmica. Alcançou a eleição para o *Collège de France*, em 1900, e também para a *Académie des Sciences Morales et Politiques*. Contudo, assim como Worms, não conseguiu formar uma equipe de trabalho, preferindo trabalhar sozinho e, por isso, não teve força para conquistar efetivamente espaço nos diversos meios acadêmicos⁴⁰.

Por fim, Mucchielli apresenta como vencedor desta peleja intelectual o sociólogo Émile Durkheim e sua equipe que, além de proporem uma teoria e um método sociológico altamente inovadores, também conseguiram formar uma equipe de trabalho coesa e diversa que atuou promovendo a Sociologia⁴¹. Assim, no item seguinte procuraremos melhor analisar como se deu a introdução das Ciências Sociais nas Universidades e como esta foi auxiliada por Durkheim e seus companheiros de trabalho, através da revista *l'Année Sociologique*.

1.2.2. ESCOLA SOCIOLOGICA FRANCESA E A L'ANNÉE SOCIOLOGIQUE

“Como toda inovação epistemológica grande, a sociologia durkheimiana deve sua fortuna pública, bem ou mal, à conjunção singular de quadros sociais de recepção mais ou menos favoráveis e de um esforço mais ou menos consciente de autopromoção”⁴². O

³⁹ Ibidem, p. 44.

⁴⁰ Ibidem, pp. 45 – 46.

⁴¹ Ibidem, pp. 47 e seguintes.

⁴² No original: “Comme toute innovation épistémologique majeure, la sociologie durkheimienne doit sa fortune publique bonne ou mauvaise à la conjonction singulière de cadres sociaux de réception plus ou

que ficou conhecido como “durkheimiano” ou “Escola Sociológica Francesa”⁴³ foi um grupo de pesquisadores que tinham interesse nos métodos sociológicos. Estes pesquisadores se reuniram em torno da figura de Émile Durkheim e de suas propostas teórico-metodológicas. Além disso, criaram a revista acadêmica *L'Année Sociologique* para divulgar suas pesquisas, o que tornou o grupo, de certa forma, mais coeso.

Segundo aponta o sociólogo Victor Karady, o grupo durkheimiano teve de encontrar formas para conseguir adentrar nas instituições acadêmicas francesas, já que na época as Ciências Sociais ainda eram consideradas marginais. Porém, como visto anteriormente, o momento era propício para que estes conquistassem um lugar no sistema de ensino e pesquisa francês⁴⁴. Estas mudanças eram sentidas principalmente nas Faculdades de Letras, espaço ideal para abrigar as novas ciências humanas que estavam ganhando força.

Ao mesmo tempo que os durkheimianos buscavam conquistar espaços no sistema educacional francês, estes utilizaram-se da AS para divulgar seus resultados de pesquisas e suas propostas metodológicas. Assim, para entendermos a formação da Escola Sociológica Francesa, é preciso entender como ocorreu a criação da AS e como se deu a organização dos pesquisadores em torno dessa. Como um projeto coletivo, Durkheim buscou outros pesquisadores que o pudessem auxiliar nessa empreitada de criar uma nova revista. Para tanto, contatou Célestin Bouglé para negociar com a editora Alcan. Foi dele também o papel de começar a divulgar as Ciências Sociais em outras revistas, principalmente em uma das principais publicações de filosofia da época, a *Revue de Métaphysique et de Morale*. Nesta revista, durante o período entre 1895 e 1898, a *l'Année Sociologique* fazia parte como uma rubrica anual, sendo presidida por Paul Lapie entre 1895 e 1896. Nos últimos dois anos, esta rubrica ficou a cargo de François Simiand que buscou deixar esta seção mais crítica e seletiva⁴⁵.

moins favorables et d'un effort plus ou moins conscient d'auto-promotion.”. (Tradução nossa). IN: KARADY, Victor. *Stratégies de réussite et modes de faire-valoir de la sociologie chez les durkheimiens. Revue française de sociologie*. 1979, v. 20, n° 1. pp. 49.

⁴³ Ao longo da monografia utilizaremos essa denominação para o grupo de intelectuais próximos à Émile Durkheim. Essa é a forma com que este grupo se autodenominava sendo, portanto, uma categoria nativa.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 52.

⁴⁵ BESNARD, Philippe. La formation de l'équipe de l'Année sociologique. *Revue française de sociologie*. 1979, v° 20, n° 1. pp. 7 – 9.

No ano de 1898, as negociações com a editora Alcan já estavam encaminhadas e Durkheim consegue lançar o primeiro número da *l'Année Sociologique*. A escolha deste nome não foi por acaso, já que na época diversas revistas que estavam sendo criadas possuíam no título a palavra *Année*. As revistas *l'Année philosophique* e *l'Année psychologique* foram grandes influências no projeto de criação da AS. A primeira, também publicada pela editora Alcan a partir de 1891, tinha um forma próximo da que se pretendia na AS, com artigos e resenhas divididas em alguns seções temáticas⁴⁶.

Uma vez criada a revista e tendo acertado com a editora Alcan, Émile Durkheim buscou, com ajuda de colegas mais próximos, recrutar novos pesquisadores para publicarem na AS. Entre os principais colaboradores da revista, encontramos algumas divisões internas ao grupo. Um primeiro núcleo é composto por Bouglé e Lapie. Ambos *agrégés* em filosofia, tendo o primeiro entrado em contato com a Sociologia durante o período que esteve na Alemanha. Por sua vez, Lapie foi influenciado pelo próprio Bouglé, de que era amigo. Outro subgrupo era composto por Marcel Mauss e Henri Hubert, principalmente no período em que estes estudaram e, posteriormente, lecionaram na EPHE. Um terceiro, subgrupo foi recrutado por François Simiand, importante historiador que estava em contato com os métodos sociológicos propostos por Durkheim. Por fim, o próprio Émile Durkheim também buscou recrutar jovens intelectuais, principalmente enquanto professor na Universidade de Bordeaux e, posteriormente, na Universidade de Paris. De forma mais detalhada, o sociólogo francês Philippe Besnard nos explica que

Bouglé jogou um importante papel, pois foi pelo seu intermédio que colaborou Lapie, Parodie, assim como Muffang, seu colega no liceu de Saint-Brieuc. Mauss introduziu, junto de Durkheim, Hubert e provavelmente Fauconnet. Foi Simiand que estava, sem dúvida, em contato com E. Lévy, pois eles haviam feitos os estudos de direito ao mesmo momento em Paris. Quanto a Richard, ele foi, muito provavelmente, contactado diretamente por Durkheim. É interessante notar, por sinal, que Durkheim parece ter se encontrado com todos os colaboradores da primeira *Année* em 1897.⁴⁷

⁴⁶ Ibidem, p. 10 – 11.

⁴⁷ No original: “Bouglé a joué un rôle important puisque c'est par son intermédiaire que collaborent Lapie, Parodi ainsi que Muffang, son collègue au lycée de Saint-Brieuc. Mauss a introduit auprès de Durkheim Hubert et probablement Fauconnet. C'est Simiand qui était sans doute en rapport avec E. Lévy puisqu'ils avaient fait des études de droit au même moment à Paris. Quant à Richard, il a très probablement été contacté directement par Durkheim. Il faut d'ailleurs noter que Durkheim paraît avoir rencontré tous les collaborateurs de la première *Année* en 1897.” (Tradução nossa). In: Ibidem, p. 17.

O principal foco dos recrutadores eram jovens intelectuais dispostos à migrar para as Ciências Sociais, porém todos possuíam um forte currículo. A maior parte dos colaboradores eram antigos normalianos e/ou eram *agrégés*. Além disso, outro fator de integração do grupo eram as questões políticas. Todos da equipe inicial da AS era ativamente *dreyfusard* e, a maior parte destes, próximos de Lucien Herr e de seu Grupo da Unidade Socialista⁴⁸. Assim, os fatores comuns que fortaleciam a interconexão da equipe eram o fato da maior parte do grupo ser composta de antigos normalianos e/ou *agrégés*, e possuírem uma tendência política próxima do socialismo. Contudo, apesar deste grupo parecer coeso num primeiro instante, havia alguns fracionamentos internos.

A partir da posição central de Émile Durkheim, encontram-se dois ou três, subgrupos dentro da publicação da AS. O primeiro subgrupo é aquele que se reúne ao redor de François Simiand, Maurice Halbwachs e os irmãos Bourgin; sendo que o segundo se organiza ao em torno de Bouglé, Lapie e Parodi. Ainda seria possível indicar um terceiro subgrupo, localizado ao redor de Mauss e Hubert, porém como estes estavam próximo de Durkheim é possível afirmar que faziam parte do núcleo central⁴⁹. Segundo Philippe Besnard, haveria um “estado-maior” da equipe, responsável por resolver as crises e dificuldades pelas quais eventualmente a revista enfrentava. Este “estado-maior” era composto por Bouglé, Fauconnet, Hubert, Mauss, Simiand e Durkheim.

Contudo, apesar desses fracionamentos internos da equipe durkheimiana, esta conseguiu, de certa forma, se manter coesa durante a maior parte da publicação da revista *l'Année Sociologique*. Conforme afirma Besnard,

as divergências doutrinárias, a fraca integração da equipe em sua união, as crises [...] não devem mascarar o fato que a *l'Année Sociologique* foi, para Durkheim, um formidável sucesso e que, sem ele, não haveria provavelmente a ocasião de falar de uma “escola sociológica francesa” e ainda menos da “escola durkheimiana”.⁵⁰

Apesar desse grande sucesso inicial, no período do entre guerras, principalmente após a morte de Émile Durkheim e de alguns de seus mais promissores estudantes, a Escola Sociológica Francesa passou a enfrentar diversas dificuldades. É possível elencar dois motivos principais para essa ocorrência, tanto a frágil posição conquistada pelos sociólogos no sistema de ensino e pesquisa francês, quanto a dificuldade em recrutar

⁴⁸ Ibidem, p. 17 – 19.

⁴⁹ Ibidem, pp. 20 et seq.

⁵⁰ Ibidem, p. 25.

intelectuais para o grupo, conseguindo apenas atrair alguns jovens ou indivíduos mais à margem das universidades⁵¹.

Ou seja, em termos institucionais, de 1887 - quando Émile Durkheim foi nomeado *chargé de cours* de Ciências Sociais e Pedagogia - até meados da década de 1920, as Ciências Sociais conseguiram avançar pelos meandros do sistema educacional francês, porém não sem dificuldades. Na primeira metade do século XX, existiram somente quatro cadeiras que eram reconhecidamente “sociológicas”, sendo ou não intituladas desta maneira. Conforme aponta o sociólogo Johan Heilbron,

após Durkheim, a cadeira de “Ciência Social” em Bordeaux foi ocupada por Gaston Richard (até 1930), Max Bonnáfous (1930-1940) e Jean Stoetzel (1945-1955). A cadeira de Strasbourg foi criada para Maurice Halbwachs (1919-1935), depois ocupada por Georges Gurvitch (1935-1940, 1944-1948) e Georges Duveau (1948-1958). As outras duas cadeiras pertenciam à Sorbonne: a primeira ocupada por Paul Fauconnet (1921-1938), Halbwachs (1939-1940) e Albert Bayet (1940, 1944-1948); a segunda por Célestin Bouglé (1908-1915, 1919-1935, 1937-1939), Halbwachs (1935-1937), Albert Bayet (1939-1940), Halbwachs (1940-1944) e Georges Davy (1944-1955).⁵²

Contudo, os sociólogos conseguiram firmar-se no espaço da Filosofia, fazendo parte deste curso como certificado de “moral e sociologia”. Como a maior parte dos integrantes da Escola Sociológica Francesa eram *agrégés* de filosofia, esta situação se torna compreensível, pois estes se reconverteram em direção à Sociologia, mas buscaram ocupar os espaços acadêmicos a partir da Filosofia⁵³. Com a reformulação da publicação da AS em 1909, devido a crises internas cunho financeiro, os sociólogos buscaram publicar em outras revistas não sociológicas. Esta mudança fez com que a AS fosse publicada a cada triênio, havendo novos números em 1910 e 1913.

Assim, é neste contexto que Heilbron aponta existir uma espécie de divisão dos sociólogos, àqueles que eram os “pesquisadores” (como Mauss, Hubert, Simiand,

⁵¹ HEILBRON, Johan. Les métamorphoses du durkheimisme, 1920-1940. **Revue française de sociologie**. 1985, vol° 26, n° 2. pp. 203-237.

⁵² No original: Après Durkheim, la chaire de « science sociale » à Bordeaux fut occupée par Gaston Richard (jusqu'en 1930), Max Bonnáfous (1930-1940) et Jean Stoetzel (1945-1955). La chaire de Strasbourg fut créée pour Maurice Halbwachs (1919-1935), puis occupée par Georges Gurvitch (1935-1940, 1944-1948) et Georges Duveau (1948-1958). Les deux autres chaires appartenaient à la Sorbonne : la première occupée par Paul Fauconnet (1921-1938), Halbwachs (1939-1940), et Albert Bayet (1940, 1944-1948) ; la deuxième par Célestin Bouglé (1908-1915, 1919-1935, 1937-1939), Halbwachs (1935-1937), Albert Bayet (1939-1940), Halbwachs (1940-1944) et Georges Davy (1944-1955).” (Tradução nossa). In: *Ibidem*, pp. 204 – 205.

⁵³ *Ibidem*, pp. 206 – 207.

Halbwachs) e buscavam realizar pesquisas inéditas utilizando o método sociológico, e os “professores universitários” (como Bouglé, Lapie, Bayet, Davy) que, de certa forma, restringiam-se a reproduzir as obras e pesquisas de Durkheim⁵⁴.

A importância anexada com a filosofia pelos professores universitários estava ligada à suas posições dentro de um campo de forças, no qual a filosofia ocupava uma posição dominante. Como os pesquisadores estavam compelidos em se situar em um universo dominado pelos estudos especializados e eruditos, os professores universitários reinterpretaram o durkheimianismo ligando-o à filosofia universitária.⁵⁵

Dessa forma, a situação da Sociologia no período do entre guerras era, de certa forma, paradoxal, já que obtiveram uma grande legitimidade científica dentro do campo intelectual francês, porém ainda buscavam assegurar algumas poucas posições no sistema de ensino e educação. Além disso, a dificuldade de recrutamento também auxiliou negativamente neste cenário. Esta foi causada pelo diminuto ritmo de crescimento pelo qual passavam as universidades francesas no pós-Primeira Guerra mundial. Com isso, eram poucos os jovens intelectuais que arriscavam o futuro apostando suas fichas em uma ciência pouco estável no ambiente acadêmico. De acordo com Heilbron,

essa necessidade de encontrar ou de criar outras possibilidades, de reinventar o trabalho intelectual no lugar de preparar a sucessão, foi reforçada pelas experiências específicas das gerações em questão. Os durkheimianos foram formados na atmosfera das lutas republicanas e fizeram suas carreiras, em parte, graças às políticas republicanas de expansão escolar. A geração mais nova começou seus estudos após a 1ª Guerra Mundial e não conheceram o caso Dreyfus, as universidades populares, a separação de Igreja e Estado, e eles não foram diretamente beneficiados pela política escolar republicana.⁵⁶

1.3 MARCEL MAUSS

Marcel Mauss nasceu em 10 de maio de 1872, 14 anos após o nascimento de seu tio – Émile Durkheim –, na cidade de Épinal, na região provincial da França e próximo à

⁵⁴ Ibidem, p. 213.

⁵⁵ No original: “L'importance attachée à la philosophie par les enseignants universitaires était liée à leur position dans un champ de forces dans lequel la philosophie occupait une position dominante. Comme les chercheurs étaient contraints de se situer dans un univers dominé par des études spécialisées et erudites, les enseignants universitaires ont réinterprété le durkheimisme par rapport à la philosophie universitaire.” (Tradução nossa). In: Ibidem, p. 218.

⁵⁶ No original: “Cette nécessité de trouver ou de créer d'autres possibilités, de réinventer le travail intellectuel au lieu de préparer la succession, a été renforcée par les expériences spécifiques des générations en question. Les durkheimiens avaient été formés dans l'atmosphère des luttes républicaines et ont fait leurs carrières, en partie, grâce à la politique républicaine de l'expansion scolaire. Ceux qui ont commencé leurs études après la première guerre n'ont pas connu l'affaire Dreyfus, les universités populaires, la séparation de l'Eglise et l'Etat, et ils n'ont pas non plus profité directement de la politique scolaire des républicains.” (Tradução nossa). In: Ibidem, p. 227.

Alemanha. Sua família, juntamente com a de Durkheim, era de judeus que trabalhavam no setor têxtil. A cidade, bastante abalada pela guerra franco-prussiana, gerou um sentimento de patriotismo na família Mauss. Esta região da França, da Alsácia e Lorena, abrigava um grande número de judeus. Apesar disso, ainda eram minoria em relação aos católicos e protestantes. Havia, segundo Marcel Fournier, um sentimento de antissemitismo, não só nessa região, mas na França como um todo⁵⁷. A primeira educação recebida por Mauss foi baseada nos ensinamentos judaicos e da língua Hebraica, o que o auxiliou em grande medida nas suas futuras pesquisas.

A educação secundária de Mauss foi realizada no liceu de Épinal, porém, após concluí-la, não se dirigiu à *École Normale Supérieure*, a *grande école* que formava as elites intelectuais, mas se dirigiu à Faculdade de Letras de Bordeaux, onde seu tio lecionava na época. Foi em 1887 que Émile Durkheim foi convidado, por Louis Liard, para ser *chargé de cours* na Universidade de Bordeaux, onde esteve ligado à cadeira de Ciências Sociais e Pedagogia, a primeira na França a conter em seu título uma referência às Ciências Sociais⁵⁸. Segundo o próprio Mauss, este posto intelectual foi de vital importância para Durkheim e para a Sociologia.

Eu não sei se meus [de Marcel Mauss] leitores notaram o tanto de trabalhado que foi requerido para aquele jovem professor [Émile Durkheim] em Bordeaux, essencialmente solitário e sem suporte, para ser tão produtivo. Tudo isso foi feito em 15 anos, entre 1887 e 1902, quando Durkheim tinha entre vinte e nove e quarenta e quatro. Durante este período, Durkheim publicou *Da Divisão do Trabalho Social*, *As Regras do Método Sociológico*, e *O Suicídio*, e organizou, editou e escreveu os quatro primeiros volumes da *Année* [Sociologique]. Sem mencionar seus ensaios e sua intensa colaboração com cada um de nós.⁵⁹

Foi nesta universidade onde Mauss teve contato com àqueles que o influenciaram para a vida acadêmica, como o próprio Durkheim, Octave Hamelin⁶⁰ e Alfred Espinas⁶¹.

⁵⁷ FOURNIER, Marcel. **Marcel Mauss – A Biography**. Princeton: Princeton University Press, 2006.

⁵⁸ Ibidem, p. 18.

⁵⁹ No original: “I don’t know if my readers realize how much work was required for that young professor in Bordeaux, essentially solitary and without support, to be so productive. All this was done in fifteen years, between 1887 and 1902, when Durkheim was between twenty-nine and forty-four. During that period, Durkheim published *The Division of Labor in Society*, *The Rules of Sociological Method*, and *Suicide*, and organized, edited, and wrote the first four volumes of *Année*. Not to mention his essays and his intense collaboration with each of us.” (Tradução nossa). In: MAUSS, Marcel. **apud** FOURNIER, M. op. cit. *Marcel Mauss...*, p. 19.

⁶⁰ Octave Hamelin (1856 – 1907), foi um filósofo francês que realizou pesquisa ligados ao neokantianismo.

⁶¹ Alfred Espinas (1844 – 1922), filósofo francês influenciado por Auguste Comte e Herbert Spencer. Seus trabalhos influenciaram Friedrich Nietzsche.

Em Bordeaux, Mauss entrou para a Faculdade de Letras para ganhar sua *licence* em Filosofia. Neste período ele iniciou seu ativismo político. Durkheim e seu sobrinho eram próximos do político socialista de Jean Jaurès, porém somente o mais jovem tornou-se um militante. Aproximou-se do *Groupe des Étudiants Socialistes* (Grupo de Estudantes Socialistas) e se filiou ao *Parti Ouvrier Français* (Partido Trabalhista Francês)⁶².

Ao ganhar sua *licence* em filosofia, Mauss se dirige à Paris para estudar para o concurso de *agrégation*⁶³, também em filosofia. Escolheu não ir para a ENS e sim para a Sorbonne, onde permaneceu um ano – entre 1893 e 1894 – para se preparar para o exame. Em Paris, entra em contato com Edgar Milhaud e Paul Fauconnet, futuros colaboradores da *Année Sociologique*. No ano seguinte, Mauss retorna a Bordeaux para continuar se preparando para este difícil concurso. É interessante observarmos que, diferentemente da maioria dos jovens que pretendia uma carreira intelectual, Mauss optou em não ir para a ENS e permanecer em Bordeaux. Esta escolha, apesar de peculiar em um primeiro momento, pode ser explicada pelo fato de que Durkheim preparou seus cursos neste período direcionado para o exame que seu sobrinho iria realizar. Dessa maneira, Mauss também obteve uma preparação extensiva, contando com a ajuda de outros professores. Assim, o jovem intelectual francês consegue contornar a desvantagem, tanto na questão dos estudos quanto na formação de uma rede de contato, ao escolher permanecer junto ao seu tio.

Podemos notar que Mauss não esteve em desvantagem, pois conseguiu passar no concurso da *agrégation* em terceiro lugar, uma colocação expressiva já que usualmente os cinco primeiros lugares eram ocupados por normalianos. Além disso, Mauss foi congratulado pela banca de examinadores pelo seu excelente exame⁶⁴. É importante observarmos também que durante sua estadia em Paris, Mauss também esteve em contato com as questões políticas. Ele tornou-se líder, juntamente com os irmãos Milhaud, da *Ligue Démocratique des Écoles* (Liga Democrática das Escolas), que lutava em defesa da República; juntou-se ao *Groupe des Étudiants Collectivistes* (Grupo dos Estudantes

⁶² Ibidem, pp. 20 – 27.

⁶³ “The agrégation, a difficult ordeal, was indispensable for anyone wanting to make a career in secondary and university education. The best way to prepare for it was to be admitted to the École Normale Supérieure. Although scholarships for the licence and the agrégation were created in 1877 and 1880, respectively, allowing non-Normalians to qualify for the exam, the school on rue d’Ulm was still preeminent: a high percentage of the agrégés were Normalians and an even higher percentage of Normalians ranked in the top five every year.” Ibidem, p. 28.

⁶⁴ Ibidem, p. 31.

Coletivistas); e, por fim, saiu do Partido Trabalhista Francês para se filiar ao *Parti Ouvrier Socialiste Révolutionnaire* (Partido Trabalhista Socialista Revolucionário)⁶⁵.

Após a boa colocação na *agrégation*, Mauss escolhe não ir lecionar no ensino secundário, mas continuar seus estudos, dessa vez na EPHE. No outono de 1895, ele se matricula na quarta seção – com foco na ciência histórica e filologia – e na quinta seção – com foco nas ciências da religião. Seu maior interesse era por este último tema, particularmente sensível para a opinião pública do período. Com a recorrente discussão separação da Igreja e o Estado, durante a Terceira República, e a consequente laicização do Estado francês, as ciências das religiões foram afetadas. Os católicos temiam pela perda de neutralidade desta ciência, enquanto que os protestantes estavam menos relutantes com a mudança⁶⁶. Importante notarmos que a EPHE foi, juntamente com o *Collège de France*, a primeira instituição a abrir espaço para as ciências das religiões. A iniciativa partiu de Louis Liard, diretor da Educação Superior ligado ao Ministério da Instrução Pública, o mesmo que criou a cadeira ocupada por Durkheim em Bordeaux. A quinta seção contava originalmente com cinco cadeiras para o estudo da religião cristã, uma para o mundo clássico (Grécia e Roma), duas para os povos semíticos, uma para Egito, uma para Índia e uma para o Oriente Médio⁶⁷. Segundo Fournier, Mauss dirigiu-se à EPHE para estar próximo de importantes intelectuais da ciência da religião, principalmente Sylvain Lévi, a quem considerava um “segundo” tio. Além deste, buscou aproximar-se de Antoine Meillet, Louis Finot, Israël Lévi e de Léon Marillier.

No ano de 1896, Mauss sofre difíceis perdas familiares, tanto seu pai, quanto seu avô – pai de Durkheim – falecem no mesmo ano. Porém, neste mesmo período, Mauss auxiliou Durkheim a analisar e catalogar as fontes para o livro que este estava produzindo, *O Suicídio* (1897). Além disso, também publicou seus primeiros trabalhos, resenhas submetidas na *Revue de l'Histoire des Religions*. Ainda neste movimentado ano, Mauss ganha uma bolsa do governo francês para viajar tanto para a Inglaterra quanto para a Holanda, com o objetivo de entrar em contato com pesquisadores tanto da ciência da religião, quanto antropólogos – como James Frazer⁶⁸.

⁶⁵ Ibidem, pp. 33 – 34.

⁶⁶ Ibidem, pp. 37 – 38.

⁶⁷ Ibidem, p. 41.

⁶⁸ Ibidem, pp. 58 – 62.

Com o projeto de Durkheim de criar uma nova revista acadêmica para promover debates e expor as pesquisas recentes realizadas pelos sociólogos, Mauss abraçou a causa e auxiliou seu tio. A tarefa de Mauss, em um primeiro momento, foi a de recrutar novos colaboradores, o que ele fez durante sua estadia em Paris a partir de 1895. Entre os primeiros recrutados, estavam amigos próximos de Mauss que se interessaram pela sociologia, como Henri Hubert, Paul Fauconnet, Albert Milhaud, François Simiand, Daniel Halévy, Isidore Lévy. O primeiro, que acabou se tornando o melhor amigo de Mauss, logo veio a ocupar um lugar central neste novo projeto⁶⁹. Como já comentado, apesar do grupo manter uma coesão intelectual e durante os anos não se dissolver, não havia reuniões regulares, conferência, causando uma dispersão, mas não um racha ou afastamento total.

Na primeira série, que apareceu entre 1898 e 1913, comprimida em doze volume, a *Année Sociologique* publicou 18 ensaios, analisou não menos que 4,800 livros ou artigos e mencionou (sem comentar) outros 4,200. Estas nem sempre eram somente resenhas de livros ou sumários; 1,767 ‘análises’ excediam uma página, algumas vezes alcançando tanto quanto dez ou até mesmo vinte páginas.⁷⁰

Dentre essa diversidade de resenhas e artigos, Mauss, Hubert, Durkheim e Simiand se destacam pela produção.

Analisando a soma de 2,800 resenhas de pelo menos seis linhas, podemos identificar os principais colaboradores da *Année*. Em ordem de importância, eles são: Durkheim (498 resenhas), Marcel Mauss (464 resenhas), Henri Hubert (396 resenhas) e François Simiand (254 resenhas). E se considerarmos não o número de resenhas, mas o número de livros e artigos resenhados e analisados, o papel de Mauss é maior ainda que de Durkheim.⁷¹

Em 1899, ocorre a primeira publicação da frutífera parceira – intelectual e de amizade – entre Henri Hubert e Marcel Mauss. A publicação de “*Essai sur la nature et la fonction du sacrifice*” foi, de forma geral, bem recebida pela comunidade acadêmica.

⁶⁹ Ibidem, pp. 63 – 65.

⁷⁰ No original: “In the first series, which appeared between 1898 and 1913 and comprised twelve volumes, *Année Sociologique* published 18 essays, analyzed no fewer than 4,800 books or articles, and mentioned (without comment) 4,200 others. These were not always just book reviews or summaries; 1,767 “analyses” exceeded one journal page, sometimes reaching as many as ten or even twenty pages.” (Tradução nossa). In: Ibidem, p. 67.

⁷¹ No original: “In analyzing the some 2,800 book reviews of at least six lines, we can identify the chief contributors to *Année*. In order of importance, they are: Durkheim (498 reviews), Marcel Mauss (464 reviews), Henri Hubert (396 reviews), and François Simiand (254 reviews). And if we consider not the number of reviews but the number of books and articles reviewed and analyzed, Mauss’s role is even greater than Durkheim’s.” (Tradução nossa). In: Ibidem, p. 68.

O trabalho contou com o auxílio de Sylvain Lévi – que no mesmo ano publicou um trabalho parecido sobre o sacrifício dos Brâmanes – e de Émile Durkheim, que afirmou que o trabalho de Mauss e Hubert seria importante para a sociologia da religião. Neste mesmo ano, o caso Dreyfus continua a se desenrolar na França. Diversos intelectuais ligados à AS juntaram-se aos protestos, entre eles: Charles Andler, Bouglé, Halévy e Simiand. Durkheim, juntamente com Lucien Herr, bibliotecário da ENS que advogava pela causa socialista, propôs a ideia de criar uma liga de proteção aos judeus. A *Ligue des Droits de l'Homme* foi criada em 1898, sendo Durkheim, um dos idealizadores, o secretário do ramo em Bordeaux⁷². Em 1899, Lucien Herr e Charles Andler fundam o *Groupe d'Unité Socialiste* (Grupo de Unidade Socialista), um grupo que reunia diversos grupos socialistas. Mauss participou do Grupo de Unidade Socialista representando o *Mouvement Socialiste* (Movimento Socialista). Neste mesmo período, Mauss entrou em contato com o movimento cooperativista na França. Ele entrou para a *Coopérative Socialiste* (Cooperativa Socialista) e tornou-se um de seus delegados.

Em 1900, à convite do Ministério de Instrução Pública, Mauss substituiu Alfred Foucher na EPHE. Durante o ano escolar de 1900-1901, Mauss lecionou sobre a história das religiões da Índia e analisou e explicou diversos sistemas da filosofia Hindu e dos textos védicos. Com a morte de Auguste Sabatier em 1901, surge uma oportunidade para a sociologia firmar posição dentro da EPHE. Assim, Durkheim, Mauss, S. Lévi e I. Lévi apoiam a candidatura de Hubert para ocupar a vaga. Após uma apertada votação, Hubert – que havia disputado a vaga contra Paul Monceaux, Charles Fossey e Alfred Loisy – ganha por três votos de diferença. Neste mesmo ano, em outubro, falece o cientista da religião e professor da EPHE, Léon Marillier. Mauss se candidata para a vaga e, novamente com o apoio de S. Lévi e I. Lévi, consegue a cadeira por 10 votos a favor⁷³. Durkheim considerou estas duas cadeiras na EPHE como uma vitória para a Sociologia.

Quando, em 1902, Émile Durkheim consegue uma nomeação de *charge de cours* na Sorbonne, este volta à residir em Paris. O retorno de seu tio à Paris insensificou alguns atritos na relação entre os dois, já que Mauss tinha o hábito de atrasar suas publicações e perder prazos, enquanto que Durkheim o ficava cobrando de seus afazeres⁷⁴. Além disso,

⁷² Ibidem, pp. 70 – 80.

⁷³ Ibidem, pp. 87 – 90.

⁷⁴ Ibidem, pp. 115 – 120.

Jean Jaurès, político socialista, era o editor-chefe do jornal *L'Humanité*, criado em 1904. Publicavam, neste jornal, diversos normalianos e *agrégés*, próximos ao socialismo, como Herr, Andler, Milhaud e Mauss. Este último publicava na seção sobre o cooperativismo, porém, no ano seguinte, com as dificuldades financeiras do jornal, Mauss foi cortado. Neste período, o Partido Socialista Francês passava por uma reorganização e havia mudado o nome para *Section Française de l'Internationale Ouvrière* (Seção Francesa da Internacional Trabalhista). Mauss, em respeito à Jaurès, sai do PSOR e se filia ao SFIO. Além disso, frequentava encontros organizados por Charles Andler que reuniam personalidades socialistas, como Lucien Herr, Gustave Lanson, Paul Desjardins, G. Glotz, Charles Seignobos, André Lalande, Albert Thomas, Élie Faure⁷⁵.

Em 1905, a República Francesa tornou-se uma realidade com a separação entre Igreja e Estado. Com isso, o Cristianismo perdia seu status privilegiado. Essa separação causou riscos aos cientistas da religião, pois o Estado, na figura do Ministério da Instrução Pública, deixou de financiar certas faculdades de teologia protestante e alguns departamentos de ciências da religião⁷⁶. É nesse contexto que o livro de Mauss e Hubert, *Mélanges d'histoires des religions* (1909), é publicado pela editora Alcan. Este livro reuniu alguns ensaios e artigos de Mauss e Hubert e causou uma reação não só de sociólogos, antropólogos e historiadores da religião, mas também de teólogos e filósofos⁷⁷.

Os anos entre 1907 e 1908 foram marcantes para a vida de Mauss. Neste período, duas cadeiras se tornaram vacantes no *Collège de France*, cadeiras essas às quais Mauss tinha chance de conseguir a indicação. Na primeira tentativa ele foi bem sucedido, conseguindo a nomeação *en deuxième ligne*. Porém, na segunda tentativa ele foi derrotado, tanto *en premier ligne*, quanto *en deuxième ligne*⁷⁸. Após essas duas derrotas, Mauss voltou a se concentrar em sua tese, porém não chegou a concluí-la. Por sua vez, a revista AS também vinha passando por crises. Essa passou a ser publicada a cada três anos (1910 e 1913) e os ensaios eram separados, tornando-se material para uma série especial, intitulada *Travaux de l'Année Sociologique*⁷⁹. Durkheim, nesse interim, publica

⁷⁵ Ibidem, pp. 130 – 132.

⁷⁶ Ibidem, p. 133.

⁷⁷ Ibidem, pp. 147 – 148.

⁷⁸ As tentativas de Marcel Mauss ao *Collège de France* entre os anos de 1907 e 1908 são discutidas, de forma mais aprofundada, no capítulo 2.

⁷⁹ FOURNIER, M. op. cit. Marcel Mauss..., p. 152.

seu famoso livro *As formas elementares da vida religiosa* (1912), uma espécie de síntese que ele e seus contribuintes vinham trabalhando há anos. Este livro foi amplamente reconhecido pela metodologia aplicada e, de certa forma, foi bem recebido. Nesse período,

a posição de Durkheim dentro da Academia francesa permanecia forte. Ele ensinava na Sorbonne, na *École Normale Supérieure* e na *École Pratique des Hautes Études*. Ele era um membro do *Conseil de l'Université* (Conselho universitário) e sentava-se em diversos comitês de universidades e governamentais. Mas, o homem chamado ‘o regente da Sorbonne’ tornou-se alvo de todos que ressentiam o espírito da nova Sorbonne.⁸⁰

Nos dois anos que precedem a Primeira Guerra Mundial, vemos uma intensa mobilização dos socialistas franceses para tentar impedi-la de acontecer. Mauss, como pacifista e internacionalista, assinou diversas petições que pediam a não mobilização para a guerra. Porém, quando esta começa, Mauss se voluntaria para lutar. Participou como intérprete em divisões do exército britânico e australiano e esteve, em certos momentos da guerra, no *front* de batalha. Contudo, muitos intelectuais próximos a ele não sobreviveram. Este é o caso de seu sobrinho, André Durkheim que faleceu em 1915. Esta morte piorou gravemente a já frágil saúde de seu pai, Émile Durkheim. Este veio falecer pouco tempo depois, em 1917. Ao final da guerra, devido à lei de novembro de 1918, Mauss retoma seu posto de trabalho na seção de ciência da religião na EPHE. Porém, tirou uma licença e retornou somente no ano escolar de 1919 – 1920⁸¹.

No pós-guerra, o socialismo francês estava enfraquecido e o número de deputados eleito em 1919 havia caído pela metade, somente 68 deputados conseguiriam se eleger. Mauss voltou a escrever para jornais socialistas, dessa vez publicava regularmente sobre o cooperativismo e suas memórias no jornal *Vie Socialiste* (Vida Socialista). Com a Revolução Russa, ocorre um racha no socialismo francês. Em 1921 é criado o *Parti Communiste Français* (Partido Comunista Francês), que apoiava os bolcheviques russos, em contrapartida o SFIO não se aproximou do governo russo. Mauss publicou dois artigos

⁸⁰ No original: “Durkheim’s position within French academia remained strong. He taught at the Sorbonne, the *École Normale Supérieure*, and the *École Pratique des Hautes Études*. He was a member of the *Conseil de l’Université* (university council) and sat on many university and government committees. But the man called “the regent of the Sorbonne” became the target of all who resented the spirit of the new Sorbonne.” (Tradução nossa). Grifos no original. In: *Ibidem*, p. 163.

⁸¹ *Ibidem*, p. 175 – 190.

criticando o bolchevismo⁸², o qual considerava pobre de ideias. Também retomou sua atuação no movimento cooperativista francês, apoiando a *Fédération Nationale des Coopératives de Consommation* (Federação Nacional de Cooperativas de Consumo). Para retomar a força, partidos socialistas franceses se juntaram no que ficou conhecido como *Cartel des Gauches* (Cartel das Esquerdas) para a eleição de 1924. Este Cartel reunia políticos do *Parti Radical*, os socialistas republicanos e o SFIO. Com isso, apesar de serem derrotados para a presidência, conseguiram formar uma ampla maioria na Câmara, contando com 328 dos 582 deputados⁸³.

Apesar da perda de diversos durkheimianos na Primeira Guerra Mundial,

o legado de Durkheim estava seguro. Três das quatro cadeiras universitárias reconhecidas como “sociológicas” estavam na mãos de durkheimianos: Maurice Halbwachs em Strasbourg e Paul Fauconnet e Célestin Bouglé na Sorbonne. E, graças à Paul Lapie, antigo colaborador na *Année* e diretor da educação primeira na França, sociologia era parte do currículo para a *license* em filosofia.⁸⁴

Ao retornar para a EPHE, Mauss e Hubert continuaram contribuindo para promover a sociologia durkheimiana através de seus cursos sobre ciência da religião. A sociologia religiosa durkheimiana ainda enfrentava forte oposição de grupos intelectuais católicos. Porém, em outros sentidos, Mauss buscou fortalecer sua relação com os psicólogos e aceitou ser presidente da *Société de Psychologie* (Sociedade de Psicologia) em 1923. Dessa forma, aproximou-se de importantes psicólogos como Pierre Janet, Théodule Ribot e Georges Dumas.

Alguns membros da Escola Sociológica Francesa buscaram relançar a publicação da *Année Sociologique*. Contudo, os antigos colaboradores encontravam-se cansados e envolvidos com outros projetos, mas deram força ao projeto. Na primeira reunião realizada, em 1923, alguns sociólogos participaram, entre eles: Bouglé, Bourgin, Philippe de Felice, Fauconnet, Granet, Hubert, Henri Jeanmaire, Raymond Lenoir, Henri Lévy-Bruhl, Lucien Lévy-Bruhl, Claude Maître, Mauss, e Jean Marx. Halbwachs não estava presente, mas apoiava o projeto. A fundação do *Institut Français de Sociologie* (Instituto Francês de Sociologia), também em 1923, ajudou os durkheimianos com o projeto de relançar a revista, pois foi uma criação exclusiva dos membros da Escola Sociológica,

⁸² Cf. MAUSS, Marcel. “Socialisme et bolchevisme,” *Monde Slave*, 2ª series, ano 2, no. 2, 1925; _____. “Appréciation sociologique du bolchevisme,” *Revue de Métaphysique et de Morale*, ano 31, no. 1, 1924.

⁸³ FOURNIER, M. op. cit. Marcel Mauss..., pp. 210 – 213.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 216.

tendo Marcel Mauss como presidente, François Simiand como vice-presidente, Paul Fauconnet como secretário, e Henri Hubert como tesoureiro⁸⁵.

Assim, os sociólogos durkheimianos conseguiram relançar, mesmo que parcialmente, a segunda série da revista *L'Année Sociologique*. Organizada em cinco seções, assim como a primeira série, encontra-se artigos sobre: sociologia geral, sociologia religiosa, sociologia legal, sociologia econômica e variados. Além dos antigos colaboradores, aqueles que ainda estavam vivos, outros juntaram-se à empreitada, como é o caso de Charles Blondel, André Piganiol, Albert Bayet, Alexandre Moret, Max Bonnafous e Marcel Déat⁸⁶.

No final de 1925, em função pedido feito por Mauss antes da 1ª Guerra Mundial ao Ministro da Instrução Pública, é criado o *Institut d'Ethnologie* (Instituto de Etnologia), tendo como criadores Marcel Mauss, Paul Rivet e Lucien Lévy-Bruhl, com o objetivo de reunir etnólogos de diversas partes do mundo⁸⁷. Contudo, da mesma forma que a Sociologia, a Etnologia (ou também conhecida como Antropologia ou Etnografia) também buscava um local dentro do sistema de ensino e pesquisa francês. Essa incerteza de como se referir à essa ciência refletia o estado confuso que ele se encontrava neste momento, havendo uma dificuldade em como defini-la⁸⁸. Segundo Victor Karady, a carreira de Mauss foi marcada desde o início por um precoce interesse na área de etnologia. Assim, quando ele assume uma cadeira na EPHE sobre a religião dos povos não civilizados, tornou-se ocupante da única cadeira de ensino universitário atribuída à etnologia na França. Juntamente com Robert Hertz, Henri Hubert e Lucien Lévy-Bruhl, os durkheimianos buscaram incentivar a etnologia. Dessa forma, a criação do Instituto de Etnologia em 1925 e, com a habilitação de prover um certificado de etnologia que o Instituto recebe em 1926, a Escola Sociológica Francesa ajudou a estabelecer a etnologia como um método de pesquisa válido e importante⁸⁹.

Assim, com a volta da publicação de uma segunda série da AS, a criação do Instituto de Etnologia e os cursos na EPHE, Mauss possuía diversas responsabilidades

⁸⁵ Ibidem, pp. 225 – 230.

⁸⁶ Ibidem, p.230.

⁸⁷ Ibidem, p. 234 – 236.

⁸⁸ KARADY, Victor. Durkheim et les débuts de l'ethnologie universitaire. **Actes de la recherche en sciences sociales**. Vol. 74, setembro 1988. pp. 23-32.

⁸⁹ Idem.

administrativas e acadêmicas. Contudo, essa não era uma realidade exclusiva deste sociólogo francês, os outros membros da Escola Sociológica Francesa que tinham interesse na continuação da publicação da AS, também estavam com dificuldades em conciliar suas responsabilidades. Assim, o segundo volume da nova série da AS, que deveria sair em 1926, analisando as publicações ocorridas entre 1924 e 1925, atrasou um ano e foi publicado somente em 1927. Além desse atraso, diversas seções da revista possuíam algum tipo de problema. A equipe, já pequena e fragilizada, acabava por se fechar em suas áreas de interesse, como Hubert na arqueologia, Simiand na economia e Halbwachs na estatística. Com isso, tomam a decisão de cancelar a continuação das publicações da *l'Année Sociologique*. Além do cancelamento da revista, outro choque afetou profundamente Marcel Mauss. Henri Hubert, que estava doente há algum tempo, falece em 1927 aos 55 anos de idade⁹⁰.

Com isso, é esse contexto de reformas do sistema educacional francês, no qual se reorganizou em grande medida o sistema de ensino e pesquisa da França, que tornou possível o surgimento e consolidação de novas ciências. A defesa das Ciências Sociais proposta por Émile Durkheim e a reunião de intelectuais em torno dessa figura, juntamente com a criação de uma revista especializada, a *l'Année Sociologique*, e o que chamavam de uma equipe durkheimiana. Em 1929, surge a oportunidade para Mauss ocupar um lugar na proeminente instituição da elite intelectual francesa, o *Collège de France*. Dessa forma, todos esses acontecimentos influenciam na candidatura deste sociólogo francês.

⁹⁰ FOURNIER, Marcel. op. cit. Marcel Mauss..., pp. 240 – 259.

2. A ELEIÇÃO DE MARCEL MAUSS AO COLLÈGE DE FRANCE

2.1 O COLLÈGE DE FRANCE: A ELEIÇÃO E AS RELAÇÕES DE FORÇA(S)

As eleições ao *Collège de France*, como vimos no capítulo anterior, se dão em dois momentos distintos. Em um primeiro momento ocorre a definição da cátedra, se será mantido ou não o antigo nome e, conseqüentemente, sua especialidade. Com isso decidido, segue-se ao momento em que especialistas se candidatam para ocupar a vaga. Apesar da eleição parecer algo simples, a partir da votação pelos professores CF em uma assembleia, havia outras forças em jogo para além dos títulos acadêmicos e do ritual a ser seguido. Segundo Ana Almeida, “na prática, a cátedra já é criada para um candidato específico (não nomeado na Assembleia), e a segunda etapa (assim como a indicação do segundo colocado) funciona apenas para as formalidades”⁹¹. Dessa forma, a eleição tida como mais importante não seria a que define o nome do candidato indicado à ocupar a cátedra, mas sim a própria eleição de definição desta.

A entrada no Collège de France é uma briga de foice e, nos bastidores de cada competição, não é difícil identificar os punhais virtuais mobilizados pelos contendores. E um dos trunfos capitais para o ingresso é a inserção do candidato numa rede de alianças intra e interdisciplinar, suficientemente articulada e poderosa, sem o que não é possível implementar quaisquer estratégias de vitória.⁹²

Conforme comenta Sergio Miceli, as eleições ao CF eram amplamente disputadas, sendo que estas iniciavam-se quando a cadeira era declarada vacante. Grupos de força dentro do CF buscavam mobilizar seus pares para que estes votassem de acordo com os objetivos daqueles. Assim, é possível pensarmos que havia divisões internas dentro do CF, nos quais grupos de professores, que por alguma razão atuam de forma similar em defender certos objetivos, agiam em conjunto para defender certas posições. O sistema de ensino e pesquisa francês, portanto, estaria permeado por esses fracionamentos que possibilitavam aos intelectuais jogar de forma parecida com a política, tecendo alianças e até soltando boatos para difamar seus adversários, como forma de estratégia eleitoral. Miceli reforça esta ideia ao afirmar que,

sendo um sistema fortemente enraizado em regras de promoção vinculadas à antiguidade, em laços de auxílio mútuo envolvendo os integrantes de uma corte geracional, tende a estimular uma rede de

⁹¹ ALMEIDA, Ana. **op. cit.** O Collège..., p. 18.

⁹² MICELI, Sergio. A condição do trabalho intelectual (comentários). IN: CATANI, A. M.; MARTINEZ, P. H. **Sete ensaios sobre o Collège de France**. 2ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2001, p. 110.

mando e autoridade sob controle de “patrões” intelectuais detentores de um cabedal apreciável de recursos institucionais e políticos.⁹³

Assim, é apontado um primeiro fator que formaria estes grupos de auxílio mútuo, o geracional. Além deste, é possível, conforme buscamos apontar ao longo deste capítulo, identificar outros fatores que influenciavam nas relações entre os professores do CF. Com isso, era interessante que o candidato a uma cátedra tivesse diferenciais para que se tornasse “atrativo” aos olhos de seus pares. Um destes diferenciais poderia ser a defesa de uma nova ciência, como o caso da Sociologia. Apesar desta não possuir a legitimidade científica de ciências mais consolidadas, como a História e a Filosofia, o fato dela ser nova gerava apoio de certos professores que buscavam uma renovação dos saberes. Os intelectuais e acadêmicos que exibiam uma trajetória intelectual mais regular e padronizada perdiam força para aqueles que desviavam deste caminho. Segundo Miceli, “o descumprimento dos padrões consagrados, a ruptura simbólica no interior de uma vertente reflexiva, [seria] alguns dos requisitos para qualquer empreendimento intelectual empenhado em renovar a tradição disciplinar”⁹⁴. Dessa forma, era proveitoso que os candidatos apresentassem uma ligação entre os saberes para que suas candidaturas os levasse à uma maior adesão dos professores do CF, tanto dos “literatos”, quanto dos “cientistas”.

Porém, para além das divisões entre saberes, também é possível encontrar no CF outras relações de força que provocavam divisões internas, caso da política e da religião. “A origem social, a formação religiosa e a preferência política certamente poderiam influenciar as preferências dos eleitores”⁹⁵. Porém, conforme Benthien nos alerta, o peso dessas variáveis na eleição era circunstancial, pois dependia de diversos fatores, como a composição da assembleia, os professores presentes no momento da votação, de contextos políticos maiores, entre outros. Entre 1870 e 1914, a morfologia dos professores do *Collège de France* foi bastante heterogênea,

embora os católicos prevalecessem, encontravam-se entre eles um número importante de indivíduos oriundos de minorias confessionais, com destaque para os judeus. As orientações políticas são também variadas: entre alguns monarquistas e outros tantos socialistas, a grande maioria se dividia entre os republicanos liberais e os conservadores.⁹⁶

⁹³ Ibidem, pp. 109 – 110.

⁹⁴ Ibidem, p. 112.

⁹⁵ BENTHIEN, R. F. **op. cit.** Interdisciplinaridades..., p. 245.

⁹⁶ Idem.

Dessa forma, como no restante da sociedade, os professores do CF possuíam capital político que era passível de ser ativado no decorrer das eleições, auxiliando certos candidatos e prejudicando outros. Durante a Terceira República Francesa, o caso Dreyfus mobilizou uma maioria dos intelectuais franceses que colocaram-se ou ao lado do capitão, sendo referidos como *dreyfusards* ou revisionistas, ou apoiaram as acusações de traição levantadas pelo Estado francês, estes eram chamados de anti-dreyfusards. Este conhecido caso levou à uma tomada de posição pública por diversos intelectuais.

Sobretudo entre os cientistas, o engajamento pró-Dreyfus foi considerável, assim como existiram aqueles que se colocaram do outro lado das trincheiras. Tratava-se, em suma, de um cenário bastante instável, aberto a uma série considerável de alianças e conflitos possíveis. Nesse sentido, o CF distingue-se da *Nouvelle Sorbonne*, onde as minorias religiosas, os professores de esquerda e os *dreyfusards* encontravam-se relativamente em maior número.⁹⁷

A partir disso, podemos entender as diferentes linhas de força que perpassavam o *Collège de France* e que, direta ou indiretamente, afetavam as candidaturas à esta instituição. O candidato, portanto, para ser bem-sucedido na eleição precisava não somente propagandar sua trajetória intelectual, mas também evidenciar, ainda que de forma velada, suas opções político-religiosas, já que estas também influenciavam dentro das assembleias.

2.2 A ESCOLA SOCIOLOGICA FRANCESA NO COLLÈGE DE FRANCE ANTES DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Anteriormente à tentativa de Marcel Mauss em ser eleito ao *Collège de France*, outros membros da equipe durkheimiana já haviam tentado essa posição, sendo alguns bem sucedidos, enquanto outros não. Neste tópico iremos comentar brevemente da tentativa destes durkheimianos, para que o leitor comece a entender de que forma funcionava as relações entre os professores do CF e como os agentes ativavam uns aos outros dentro deste campo intelectual francês.

O primeiro sociólogo ligado à Escola Sociológica Francesa a tentar uma vaga no CF foi o próprio Émile Durkheim. Em 1897, o governo francês propõe a criação de uma cadeira intitulada *Philosophie Sociale* (Filosofia Social). Três acadêmicos, próximos às

⁹⁷ Ibidem, p. 245 – 246.

ciências sociais, demonstraram interesse junto ao administrador do CF. Eram eles: Émile Durkheim, Alfred Espinas e Jean Izoulet. O primeiro, apesar de ainda ser novo na época, já havia conquistado alguns sucessos como acadêmico: “antigo aluno da *École Normale Supérieure*, de onde saiu *agrégé* de *philosophie*, ele era *docteur-ès-lettres* e professor efetivo da Faculdade de Letras de Bordeaux, onde ocupava as cadeiras de *Science Sociale* e de *Pédagogie*”⁹⁸. Por sua vez, Espinas também havia frequentado a ENS e era um *agrégé* de filosofia. Após isso, passou por diversos liceus e universidades tendo, em 1878, conquistado o posto de titular na cadeira de *Pédagogie* na Universidade de Bordeaux, precedendo o próprio Durkheim. Também possuiu uma atuação administrativa dentro desta universidade, chegando ao cargo de reitor. Por fim, Jean Izoulet, outro antigo aluno da ENS e *agrégé* de filosofia, tinha como posição um cargo como professor no liceu Condorcet, localizado em Paris.

Nessa situação, o governo francês utiliza da prerrogativa de poder indicar alguém, já que se trata da criação de uma nova cadeira. Devido as orientações políticas mais conservadoras deste governo, Durkheim e Espinas são rejeitados. Com isso, o nomeado para a cadeira de Filosofia Social foi Jean Izoulet. Essa derrota se fez sentir aos durkheimianos, pois o indicado “fez aumentar a resistência aos durkheimianos no CF. Com efeito, na sequência, Izoulet se notabilizará por uma série de ataques às conquistas institucionais da equipe de *L’Année Sociologique*”⁹⁹.

Em sua segunda tentativa, Durkheim não chegou a oficializar sua candidatura devido à diversas mudanças que ocorreram durante o processo. Após a morte de Gabriel Tarde, em 1904, a cadeira de *Philosophie Moderne* (Filosofia Moderna) fica vaga. Porém, Henri Bergson, professor de *Philosophie Grecque et Latine* (Filosofia Grega e Latina) também no CF, toma o antigo posto de Tarde ficando, portanto, a sua cadeira vacante. Contudo, em uma segunda reviravolta, os professores do CF, durante a Assembleia, optam por alterar a cadeira. Assim, foram apresentadas cinco propostas: *Histoire Générale* (História Geral), *Philosophie Générale* (Filosofia Geral), *Antiquités Nationales* (Antiguidades Nacionais), *Pédagogie* (Pedagogia) e, por fim, *Sociologie* (Sociologia).

⁹⁸ Ibidem, p. 247.

⁹⁹ Ibidem, p.248.

Para defender a proposta da Sociologia, os durkheimianos contaram com o apoio de Pierre Janet, advogando em causa desta, e Henri Bergson¹⁰⁰.

Após dois turnos de votação o cenário permanecia empatado. Havia onze votos para *Sociologie*, onze para *Histoire Générale* e onze para *Antiquités Nationales*. Posteriormente à esse resultado, é possível pensarmos que os proponentes destas duas últimas, Louis Boissier e René Cagnat, chegaram à um acordo já que apresentaram uma nova proposta de cadeira intitulada *Histoire et Antiquités Nationales* (História e Antiguidades Nacionais). Com isso, o resultado da seguinte votação terminou com dezenove votos para História e Antiguidades Nacionais, onze para Sociologia e dois para Filosofia Grega e Latina. Assim, os sociólogos, portanto Durkheim, ficam de fora da disputa pela cadeira¹⁰¹.

Em 1905, ocorrem duas eleições em que os resultados são favoráveis ao grupo durkheimiano. A primeira de Antoine Meillet e a segunda de Charles Fossey. O primeiro se apresentou para a cadeira de *Grammaire Comparée* (Gramática Comparada), deixada vaga pela aposentadoria de Michel Bréal. Meillet, já conhecido na época pelos seus trabalhos em gramática, era um importante membro e divulgador da empresa durkheimiana e publicava com frequência na revista *l'Année Sociologique*. Somente outro pesquisador se candidatou à cadeira, Maurice Grammont, mas que em sinal de respeito pediu para que fosse considerado somente *en second ligne*. Assim, Meillet é eleito logo na primeira votação com trinte e três votos, consolidando seu lugar dentro do CF¹⁰².

Por sua vez, a eleição de Charles Fossey foi mais conturbada, estando envolta de uma grande controvérsia política e intelectual. Com o falecimento de Jules Oppert, a cadeira de *Philologie et d'Archéologie Assyriennes* (Filologia e Arqueologia Assirianas) fica vaga. Fossey, entrou em contato com a Escola Sociológica Francesa enquanto era professor na EPHE, colega de Mauss, Meillet e Hubert. Apesar de haver colaborado somente quatro vezes para a AS, seus vínculos com os durkheimianos permaneceram próximos ao longo dos anos. Além deste, outros três candidatos demonstraram interesse

¹⁰⁰ Ibidem, pp. 248 – 249; BESNARD, Philippe. Durkheim, les durkheimiens et le Collège de France. **Études durkheimiennes**. Bulletin d'information préparé par le Groupe d'études durkheimiennes. Avril 1979, número 3, p. 4-7.

¹⁰¹ BENTHIEN, R. **op. cit.** Interdisciplinaridades..., p. 250.

¹⁰² Ibidem, p. 252.

na cadeira vacante: Joseph Halévy, François Thureau-Dangin e Vincent Scheil. O que fazia maior oposição à Fossey era Scheil, padre pertencente à Ordem Dominicana e também professor na EPHE. Apesar de uma intensa mobilização para Fossey, foi Scheil que foi eleito em primeira linha com vinte e votos. Fossey ficou em segundo lugar com doze votos, mas conseguiu a indicação em segunda linha com vinte e três votos.

Com a vitória de uma padre para ocupar uma cadeira no CF, uma intensa campanha política-midiática é desencadeada, já que no mesmo período estava ocorrendo a separação entre Igreja e Estado na França. “O então ministro da instrução pública, Jean-Baptiste Bienvenu-Martin, atendendo a pedidos de parte de sua bancada, inverteu a ordem sugerida pela assembleia dos professores, provocando reações na imprensa de direita e da parte de alguns professores”¹⁰³. Além de acusações de cunho político, houve também acusações de cunho intelectual entre Fossey e Scheil, como denúncias de plágio e críticas aos trabalhos um do outro. A *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* tomou o partido de Scheil na disputa, revelando sua atuação em torno das eleições de professores ao CF. Porém, apesar de todas as críticas e disputas, a indicação do Ministro da Instrução Pública prevaleceu e Fossey logrou uma posição no *Collège de France*.

Por sua vez, Marcel Mauss havia tentado entrar duas vezes no *Collège de France*, antes de seu sucesso em 1930. Em 1907, com a morte de Albert Réville, titular da cadeira de *Histoire de Religions* (História das Religiões) no CF, surge a primeira oportunidade para Mauss. Apesar de ainda ser jovem, já havia publicado estudos de peso junto com Henri Hubert como *Essai sur la nature et la fonction du sacrifice* (1899) e *Esquisse d'une théorie générale de la magie* (1904); outro com Durkheim, *De quelques formes primitives de classification* (1903); além de diversos trabalhos de autoria própria¹⁰⁴. Além disso, já era *maître de conférence* na cadeira de *Religions des Peuples Non-Civilisés* (Religião dos povos não-civilizados) na quinta seção da EPHE. “Em sinal de respeito diante de Jean Réville, seu patrão na EPHE, Mauss, por intermédio de Meillet et Sylvain Lévi, requisitou que seu nome fosse considerado apenas para a ‘segunda linha’.”¹⁰⁵

Dessa forma, os candidatos em primeira linha eram Georges Foucart, Maurice Vernes e Jean Réville, filho de Albert Réville. O primeiro contava com o apoio de seu

¹⁰³ Ibidem, p. 255.

¹⁰⁴ FOURNIER, M. **op. cit.** Marcel..., p. 149.

¹⁰⁵ BENTHIEN, R. **op. cit.** Interdisciplinaridades..., p. 257.

pai, Paul Foucart, também professor no CF. Vernes, por sua vez era *maître de conférence* na EPHE, onde ocupava a cadeira de *Religions des Peuples Sémites* (Religiões dos Povos Semitas). Por fim, Réville, também professor na EPHE, ocupava a cadeira de *Histoire de l'Église Chrétienne* (História da Igreja Cristã). Durante a assembleia, porém, houve uma movimentação, levada a curso por Meillet, Lévi, Pierre Janet e Camille Jullian, para favorecer Mauss e indicá-lo em primeira linha. Assim, seu nome foi considerado em primeira linha, junto com os outros. Após duas rodadas de votação, Réville consegue vencer o pleito contando com vinte e quatro votos, ficando em segundo lugar, com oito votos, Georges Foucart. Ao se passar para a votação em segunda linha, a disputa polarizou entre Foucart e Mauss. Contando com um maior apoio, este último consegue vencer a indicação com vinte e um votos contra dez votos de Foucart.¹⁰⁶

Um ano após essa votação, Jean Réville falece e deixa a cadeira novamente vaga. Desta vez, Mauss possuía chances boas de vencer a disputa, havendo ganho a indicação em segunda linha na votação passada. Novamente entraram na disputa Georges Foucart e Maurice Vernes, além de três novos nomes Jules Toutain, Émile Amélineau e Alfred Loisy. Toutain e Amélineau vinham, assim como Mauss, da seção de ciências religiosas da EPHE¹⁰⁷. Loisy, por sua vez, era doutor em teologia e apresentava-se como vítima da Igreja Católica. “Ele provinha de grupos de letrados modernistas no seio da Igreja Católica, os quais vinham sendo perseguidos após o acirramento das tensões com o estado francês. Em 1907, por ter se recusado a reconhecer uma encíclica, ele foi sumariamente excomungado”¹⁰⁸. Segundo Benthien, Mauss acreditava que tinha grandes chances, já que reuniria os votos do judeus e socialistas, além de acreditar que poderia conseguir os votos dos “reacionários” que não desejavam fortalecer a candidatura de Loisy. Porém, ao que parece, Mauss foi vítima de uma campanha difamatória, na qual tentaram atribuir-lhe uma ligação aos partidários de Gustave Hervé, líder de uma corrente radical dentro do socialismo francês, o que o impossibilitaria de assumir uma cadeira com tema delicado, como o da História das Religiões¹⁰⁹. Durkheim pediu que Salomon Reinach desmentisse os boatos entre os professores do CF.

¹⁰⁶ Ibidem, pp. 257 – 258.

¹⁰⁷ Idem.

¹⁰⁸ Ibidem, p. 258.

¹⁰⁹ Ibidem, p. 259.

No dia da votação, ficou aparente a rede de relações ativadas para buscarem a eleição de seus candidatos.

Georges Foucart foi mais uma vez apresentado por seu pai, Paul Foucart, ao qual se somou Ernest Babelon, dois professores católicos e conhecidos por suas opiniões políticas conservadoras. Já a candidatura de Jules Toutain foi impulsionada pelo apadrinhado de dois outros importantes antiquisants do CF, René Cagnat e Maurice Croiset. Vernes e Aménileau foram apresentados pela mesma pessoa, Philippe Berger, o que já aponta para a fragilidade de seus apoios na assembleia. Mauss, por fim, teve mais uma vez a candidatura defendida por Antoine Meillet e Sylvain Lévi.¹¹⁰

Após uma conturbada seção, com diversas discussões, o resultado da primeira parte da eleições foi: doze votos para Foucart; nove para Loisy; sete para Mauss; cinco para Toutain; dois para Vernes; e somente um para Amélineau. Em uma segunda rodada de votações, retirados os dois últimos candidatos, Foucart obtém treze votos e Loisy, em segundo, recebe onze. Mauss conseguiu oito votos, enquanto que Toutain apenas quatro. Com este último fora da disputa, em uma terceira rodada de votação, Loisy consegue passar na frente de seus concorrentes obtendo dezessete votos, tendo Foucart recebido quinze votos e Mauss apenas quatro. Porém, alguns apoiadores de Mauss não aceitam a derrota e insistem na disputa, colocando seu nome novamente entre os elegíveis. Assim, em um quarto turno, Loisy recebe dezessete votos, Foucart dezesseis e Mauss somente dois, havendo uma anulação. Dessa vez, aceitando a derrota, os apoiadores de Mauss preferiram fortalecer a candidatura de Loisy, o excomungado, em contrapartida ao “reacionário” Foucart. Na última rodada, portanto, Loisy consegue dezenove votos, levando a indicação em primeira linha, contra dezesseis de Foucart.

Ainda restava a votação em segunda linha, na qual Mauss acreditava possuir alguma chance. Porém, Paul Foucart, “indignado com a derrota do filho, pediu que a candidatura deste fosse retirada. A ata da assembleia registra ainda que ele abandonou o recinto acompanhado de dois professores.”¹¹¹. Com isso, os “reacionários” tomam o partido de Toutain e, após três rodadas de votação em um conturbado momento em que alguns professores saíram da assembleia e depois retornaram, este consegue a indicação com dezessete votos, enquanto que Mauss recebe dezesseis.

¹¹⁰ Idem.

¹¹¹ Ibidem, p. 260.

Um último durkheimiano, François Simiand, tentou adentrar ao CF antes da Primeira Guerra Mundial e revela como a variável política tinha peso nas decisões da assembleia. Com o falecimento de três professores do CF, em 1912, alguns catedráticos foram encarregados de fazerem relatórios sobre novos saberes que ainda não haviam sido acolhidos pela instituição e prováveis nomes para ocupá-los. Na assembleia de 21 de janeiro, após debates e votações, ficou decidido que as seguintes cadeiras seriam criadas: *Études des Faits Économiques et Sociaux* (Estudos de Fatos Econômicos e Sociais), *Histoire de l'Afrique du Nord* (História da África do Norte) e *Géographie Humaine* (Geografia Humana)¹¹².

Ainda na eleição de 21 de janeiro, Georges Renard fez elogios ao sociólogo François Simiand apresentando-o como candidato qualificado para ocupar a cadeira de Estudos de Fatos Econômicos e Sociais. Henri Bergson apoiou o nome de Simiand, mas Camille Jullian, que sustentou a criação da cadeira, acreditava que Marcel Marion seria mais apropriado para ocupar a nova cátedra. Após dois meses de campanha, ocorre uma tumultuada sessão em que oito nomes são apresentados em primeira linha. Dentre estes, três se destacaram em suas apresentações: François Simiand, Louis Germain-Martin e Marcel Marion. Com uma turbulenta sessão em que houve diversas críticas aos candidatos, de cunho intelectual, mas também político, percebe-se como as discussões no CF não se restringiam somente aos méritos científicos. Após três turnos de votação Marion consegue a indicação em primeira linha contando com vinte e três votos, contra treze de Simiand. Esse cenário se repete na definição do nome em segunda linha, em que Germain-Martin consegue angariar os votos dos eleitores de Marion e se consagra vencedor dessa disputa, imprimindo assim uma segunda derrota à Simiand e, consequentemente, à Escola Sociológica Francesa¹¹³.

2.3 OS PROFESSORES DO COLLÈGE DE FRANCE (1929-1930)

Nos anos que ocorreram os primeiros debates sobre a criação de uma nova cadeira de Sociologia havia no Collège de France, segundo consta nas atas das assembleias, entre 49 e 50 professores. Com esse número é possível encontrar traços comuns entre os professores, como uma divisão geracional e o fato de todos serem do gênero masculino¹¹⁴,

¹¹² Ibidem, p. 262.

¹¹³ Ibidem, pp. 263 – 264.

¹¹⁴ A primeira mulher a conseguir uma cátedra no *Collège de France* foi a filóloga Jacqueline de Romilly (1913 – 2010) em 1973.

entre outros, como questões religiosas, políticas e intelectuais. A partir disso, baseando-nos em algumas divisões, montamos a Tabela 1 (abaixo) que apresenta certas características dos membros do CF. Assim, as divisões foram: nome e data de nascimento; locais de estudos (tanto secundário, quanto universitários); *agrégation* (aqueles que fizeram); locais de trabalho; vínculos religiosos; posicionamento no caso Dreyfus; e, por fim, informações adicionais. Contudo, antes de apresentarmos a tabela, é importante alertar ao leitor de que não foi possível encontrar informações confiáveis de todos os presentes nas assembleias, com isso conseguimos reunir dados sobre 42 (quarenta e dois) professores.

TABELA 1 – PROFESSORES DO COLLÈGE DE FRANCE EM 1929 - 1930

Nome (Data de Nascimento)	Estudos	<i>Agrégation</i> (Colocação – Ano)	Locais de Trabalho	Vínculos Religiosos	Caso Dreyfus	Informações Adicionais.
CROISET, Maurice. (1846)	ENS - lettres (1872-1°)	Lettres (1° - 1875)	<i>Docteur-ès-lettres</i> (1874). Professor na Faculté de Lettres de Montpellier (1876). <i>Maître de Conférences</i> na ENS (1891). Professor de Língua e Literatura Grega no Collège de France (1893- 1930). Membro da <i>Académie des Inscriptions et Belles Lettres</i> (1902). Administrador do CF (1911-29).	Católico		De Paris. Pai normaliano, agrégé de lettres e professor no Liceu SaintLouis. Tinha um irmão professor universitário na Sorbonne (Alfred Croizet).
LOTH, Joseph. (1847)	EPHE	Grammaire (8° - 1877)	<i>Docteur-ès-lettres</i> (1881) ; Professor no <i>Lycée Condorcet</i> (1882). Professor na <i>Université de Rennes</i> (1883). Reitor da <i>Faculté de Rennes</i> (1889-1910); Professor no Collège de France (1910-30). Membro de <i>Académie des Inscriptions et Belles Lettres</i> (1919).	Católico		
GIDE, Charles. (1847).	Faculdade de Direito de Paris.	Droit (1874).	Professor de Economia Política na Faculdade de Direito de Bordeaux (1874); Professor na Faculdade de Direito de Montpellier (1880); Professor na Faculdade de Direito de Paris (1898); Professor no <i>Collège de France</i> (1921).	Protestante	Dreyfusard	Assim como Mauss, esteve envolvido no movimento cooperativista francês e internacional. Participou da <i>Ligue des droits de l'Homme</i> .
RENARD, Georges. (1847).	ENS (1867)		Professor na École Monge; Professor na <i>Université de Lausanne</i> (1887-1900); Diretor da <i>Revue Socialiste</i> (1894 – 1898);		Dreyfusard.	Participou da Comuna de Paris. Próximo de Marcel Mauss devido à militância socialista de ambos.

			Professor no <i>Conservatoire national des arts et métiers</i> (1900); Professor no <i>Collège de France</i> .			
d'ARSONVAL, Arsène. (1851).	<i>Collège Sainte-Barbe</i> .		Professor Suplente no Collège de France ; Professor no <i>Collège de France</i> (1894). Membro da <i>Académie de Médecine</i> (1888); Membro da <i>Académie des Sciences</i> (1894).			
CAGNAT, René. (1852).	ENS (1873).	Grammaire (4° - 1876).	<i>Maître répétiteur</i> no <i>Lycée Charlemagne</i> (1872) ; Professor no <i>Collège Stanislas</i> (1876) ; <i>Chargé de Cours</i> na <i>Faculté de Douai</i> (1883) ; Professor de Epigrafia e Antiguidades Romanas no <i>Collège de France</i> (1887); Membro da <i>Académie des Inscriptions et Belle-Lettres</i> (1916).			
BRILLOUIN, Marcel. (1854).	ENS (1874)	Physique (7° - 1877).	<i>Maître de conférences</i> na Universidade de Nancy (1880) ; <i>Chargé de cours</i> na Universidade de Dijon (1882) ; <i>Chargé de Cours</i> na Universidade de Toulouse (1883) ; <i>Maître de conférences</i> na ENS (1887) ; Professor no <i>Collège de France</i> (1900-1931) ; Membro da <i>Académie des Sciences</i> (1921).			
MARION, Marcel. (1857)	ENS.	Histoire et Géographie (5° - 1880).	Professor na Faculdade de Letras de Bordeaux. Professor no <i>Collège de France</i> (1912); Membro da <i>Académie des Sciences Morales e Politiques</i> (1926).	Católico		Politicamente conservador, tornou-se um dos principais defensores do liberalismo ortodoxo na França.
GLEYS, Émile. (1857).	EPHE (1883)		Professor no <i>Collège de France</i> (1908); Membro da <i>Académie de Médecine</i> (1903).			Nasceu na mesma cidade que Mauss (Épinal).
LOISY, Alfred. (1857).	Colégio Eclesiástico de		Diretor da <i>Revue d'Histoire et de Littérature Religieuses</i> ; Professor no Collège de France (1909-1932).	Católico	Dreyfusard	Foi excomungado da Igreja Católica em 1908. No mesmo ano,

	Saint-Dizier (1872).					conseguiu a indicação ao Collège de France na eleição em que Mauss participava (ver subitem 2.2 da presente monografia).
JULLIAN, Camile. (1859)	Liceu de Marselha ; ENS – lettres (15° - 1877)	Histoire et Géographie (1° - 1880)	Membro da <i>École Française de Rome</i> (1880-2). Bolsista na Alemanha (1882-3) <i>Docteur-es-lettres</i> (1884). <i>Chargé de cours</i> e, mais tarde, professor na Faculté de Lettres de Bordeaux (1883-1904); Membro da <i>Académie de Bordeaux</i> (1888). Correspondente da <i>Académie des Inscriptions et Belles Lettres</i> (1897). Professor no Collège de France (1904).	Protestante	Antidreyfusard	De Marselha. Pai banqueiro. Mãe filha de proprietários. Esposa filha de professor de Medicina de Bordeaux.
MONCEAUX, Paul. (1859)	ENS.	Lettres (6° - 1881)	Professor na quinta seção da EPHE (1908-1934); Professor no <i>Collège de France</i> (1907-1937); Membro da <i>Académie des inscriptions et belles-lettres</i> . (1912)	Católico		Colega na ENS de Henri Bergson e Jean Jaurès (Político Socialista). Na Escola de Atenas foi colega de Salomon Reinach e Maurice Holleaux.
JANET, Pierre. (1859)	ENS (1879-1882); Faculdade de Medicina de Paris.	Philosophie (2° - 1882)	Professor Substituto no Collège de France (1895-1902); <i>Chargé de cours</i> na Sorbonne (1889-1902); Professor efetivo no <i>Collège de France</i> (1902)			Presidente da Sociedade de Sociologia. (Durkheim e Mauss faziam parte dessa sociedade). “Advogou” por Émile Durkheim quando este tentou a eleição para o CF (1904).
HOLLEAUX, Maurice. (1861)	ENS - lettres (prom. 1879-8°)	Histoire et Géographie (1° - 1882)	Membro da <i>École Française d’Athènes</i> (1882-5).	Católico	Dreyfusard	

			<p><i>Chargé de cours</i> na Faculdade de letras de Bordeaux (1886-1888). <i>Chargé de cours</i> na Faculdade de letras de Lyon (1888-1904). Diretor da <i>École Française d'Athènes</i> (1904). Professor no <i>Collège de France</i> (1927).</p>			
VICENT, Hyacinthe. (1862).	Faculté de Médecine de Bordeaux; Doutor, pela mesma Universidade (1887)		<p><i>Préparateur du Laboratoire d'Anatomie pathologique et de Bactériologie de l'École du Val-de-Grâce</i> (1889); Diretor do Laboratoire du Dey (1891); Professor Agrégé au Val-de-Grâce (1896); Professor na <i>École d'Application du Val-de-Grâce</i> (1902); Médico-chefe no Hospital <i>Val-du-Grâce</i> (1902); Membro da <i>Académie de Médecine</i> (1907); Membro da <i>Section de Médecine et de Chirurgie</i> (1917); Membro da <i>Académie des Sciences</i> (1924); Professor no <i>Collège de France</i> (1925).</p>			Teve uma longa carreira como médico militar. Foi responsável pela vacinação contra febre tifoide durante a 1ª Guerra Mundial.
LEFRANC, Abel. (1863)	École des Chartes (1882-1886)		<p>Arquivista no <i>Archives Nationales</i> (1888-1893); <i>Maître de conférences d'Histoire de la Renaissance</i> na EPHE (1901); <i>Directeur Adjoint</i> na EPHE (1906); Professor de <i>Langue et Littérature françaises modernes</i> no <i>Collège de France</i> (1904); Membro da <i>Académie des Inscriptions et Belles-Lettres</i> (1927).</p>	Católico		
LÉVI, Sylvain. (1863).	EPHE.	Lettres (2º - 1883).	<p><i>Maître de conférences</i> de Sanscrito na EPHE (1886); Professor de Língua e Literatura Sâncrita no <i>Collège de France</i> (1894);</p>	Judeu	Dreyfusard	Foi presidente da Aliança Israelita Universal (1920). Esteve ligado aos durkheimianos desde o início das publicações da <i>L'Année Sociologique</i> .

BÉDIER, Joseph. (1864).	ENS (1883)	Lettres (4° - 1886).	Professor na <i>Université de Fribourg</i> ; <i>Maître de conférence</i> na <i>Faculté de Caen</i> ; Professor na ENS; Professor de Língua e Literatura Francesa da Idade Média no <i>Collège de France</i> (1903); Membro da <i>Académie Française</i> (1920).			Entre 1929 e 1930 foi eleito administrador do Collège de France.
GSELL, Stéphane. (1864)	Lycée Louis-le-Grand ; ENS (1883).	Histoire (1° - 1886)	<i>Chargé de cours</i> na <i>l'Ecole supérieure des lettres d'Alger</i> (1894-1900) ; <i>Inspecteur des antiquités de l'Algérie</i> (1900) ; Diretor do <i>Musée des antiquités algériennes et d'art musulman</i> (1900) ; Professor no Collège de France (1912-1932) ; <i>Inspecteur général des Musées archéologiques de l'Algérie</i> (1919).	Protestante	Dreyfusard	
FINOT, Louis.(1864)	École des Chartes (1886)		Sub-bibliotecário na Biblioteca Nacional (1892); Professor na EPHE (1894); Professor no <i>Collège de France</i> (1917); Membro da <i>Académie des inscriptions et belles-lettres</i> (1933).			Aluno de Sylvain Lévi. Amigo de Paul Pelliot e Henri Maspero. Era um dos conselheiros no Instituto de Etnologia criado por Mauss, Rivet e Lévy-Bruhl.
CAYEUX, Lucien. (1864).	Universidade de Lille, licence-es-sciences. (1891).		Professor de Geologia aplicada à agricultura no <i>Institut National de Agriculture</i> (1901); Professor de Geologia na <i>École des Mines</i> (1907); Professor de Geologia no <i>Collège de France</i> (1912); Membro da <i>Académie des Sciences</i> (1928).			
HADAMARD, Jacques. (1865).	ENS; École Polytechnique.	Mathématique (1° - 1888)	Professor no <i>lycée Buffon</i> (1890-1893) ; <i>Chargé de cours</i> na Universidade de Bordeaux (1894-1897) ; <i>Maître de conférences</i> , depois, <i>Professeur adjoint</i> na Sorbonne (1897-1912). ; Professor no <i>Collège de France</i> (1912-1935) ; Membro da <i>Académie des Sciences</i> (1912).		Dreyfusard	

MEILLET, Antoine. (1866).	Faculté de Lettres de Paris	Grammaire (1° - 1889)	Suplente e, depois, <i>maître de conférences</i> na EPHE (1889). Suplente de Bréal no Collège de France (1899-1900). Professor de armeniano na <i>École des Langues Orientales</i> (1902-6). Professor de Gramática Comparada no Collège de France (1906).	Católico	Dreyfusard	
ANDLER, Charles. (1866)	ENS (1884)	Allemand (1° - 1889)	Professor de Língua e literatura germânica na <i>Sorbonne</i> ; Professor no <i>Collège de France</i> (1926)	Protestante	Dreyfusard	Foi filiado tanto ao Partido Trabalhista Socialista Revolucionário, quanto à Seção Francesa da Internacional Trabalhista. Mauss também foi filiado à ambos os partidos.
MILLET, Gabriel. (1867)		Histoire (1891)	Professor na EPHE (1896-1926); Professor no Collège de France (1926); Membro da <i>Académie des inscriptions et des Belles-Lettres</i> (1929)			
MORET, Alexandre. (1868)	Liceu Henri IV; Universidade de Lyon (1889-1893); EPHE (1894-1897)	Histoire e Géographie (1893)	Professor na Universidade de Lyon (1897-1899); Museu Guimet (1906-1923); Professor na EPHE (1920); Professor no Collège de France (1926).			Publicou artigos na segunda série da revista <i>l'Année Sociologique</i> .
FOSSEY, Charles. (1869)	ENS – 1891 ; EPHE	Lettres (11° - 1894).	Bolsista na Escola Francesa de Atenas (1894-1897) ; Professor na quinta seção da EPHE (1899); Professor no Collège de France (1906-1939)	Católico (não-praticante)	Dreyfusard	
FUSTER, Edouard. (1869).			Professor no <i>Collège de France</i> (1916-1935).			
LE ROY, Édouard. (1870)	ENS (1892)	Mathématique (5° - 1895);	<i>Doutor de sciences</i> (1898); Professor nos liceus: Michelet, Condorcet, Charlemagne ;	Católico		

			Professor de matemática especial no liceu Saint-Louis (1909); Suplente de Henri Bergson no Collège de France (1914-1916); Professor de Filosofia Moderna no <i>Collège de France</i> (1921-1940); Membro da <i>Académie des Sciences</i> (1919); Membro da <i>Académie Française</i> (1945).			
JOLLY, Justin. (1870)	Lycée Louis-le-Grand.		<i>Répétiteur</i> à EPHE (1895); <i>Docteur en médecine</i> (1898); <i>Maître de conférences</i> na EPHE (1903); Directeur du <i>laboratoire d'histologie</i> da EPHE, no Collège de France (1912); Professor de <i>Histophysiologie</i> no <i>Collège de France</i> (1925); Membro da <i>Académie de médecine</i> (1928); Membro da <i>Académie des Sciences</i> (1939).			Vem de uma família de importantes médicos na França, como seu pai Paul Jolly.
DÉLEPINE, Marcel. (1871).		Pharmacie (1904).	Farmacêutico no Hospital de Paris (1902); Professor na <i>Ecole supérieure de Pharmacie</i> (1913); Professor no Collège de France (1930-1941).			
LANGEVIN, Paul. (1872)	École de Physique et Chimie Industrielles (ESPCI) (1889-1891); École Normale Supérieure (1894-1897)	Physique (1º - 1897)	Directeur d'études na ESPCI (1909-1925); Professor no Collège de France (1909); Membro da <i>Académie des Sciences</i> (1934).		Dreyfusard	Foi presidente da Ligue de Droits de l'Homme. Amigo de Léon Blum, político socialista. Também foi amigo de Marcel Mauss, se aproximaram devido questões políticas.
MAUSS, Marcel (1872)	Faculdade de Letras de Bordeaux; École Pratique des Hautes Études.	Philosophie (3º - 1895)	Professor substituto na EPHE (1900 – 1901); Professor de História das Religiões dos Povos não-civilizados (1901 – 1940); Professor no CF na cátedra de Sociologia (1930 – 1940).	Judeu não praticante	Dreyfusard	

MAYER, André. (1875)	Doutor pela Universidade de Paris. (1900)		Professor de Fisiologia na Faculdade de Medicina de Strasbourg (1919); Professor no <i>Collège de France</i> (1922). Membro da <i>Académie des Sciences</i> .			Foi presidente da FAO (ligada à ONU).
BREUIL, Henri. (1877).	Seminário do Institut catholique de Paris (1897).	Histoire (1906).	Professor <i>Extraordinaire de Préhistoire et d'Ethnographie</i> na <i>Université de Fribourg</i> . (1906) ; <i>Chargé de cours</i> no <i>Institut d'ethnologie da Sorbonne</i> (1927) ; Professor no <i>Collège de France</i> (1929).	Católico		Filho do Procurador da República em Clermont.
PELLIOT, Paul. (1878)	<i>Licence ès-lettres</i> ; Diplomado pela <i>École des Sciences Politiques e École des Langues Orientales</i> .		Professor de Língua, História e Arqueologia da Ásia Central no <i>Collège de France</i> (1911).			Pai era um químico industrial. Realizou diversas missões na Ásia. Teve uma sala do Louvre em sua homenagem. Trabalho próximo de Sylvain Lévi e Antoine Meillet.
HAZARD, Paul. (1878).	ENS (1900).	Lettres (2º - 1903).	Professor na Sorbonne (1913); Professor Literatura Moderna e Comparada no <i>Collège de France</i> (1925); Membro da <i>Académie Française</i> (1940)			
PIÉRON, Henri. (1881)	Universidade de Paris	Philosophie (5º - 1903).	Diretor do Laboratório de Psicologia Fisiológica na Universidade de Paris (1912); Fundou o Instituto de Psicologia da Universidade de Paris (1921); Professor no <i>Collège de France</i> (1923-1951).			
MAZON, André. (1881)	Licenciado em letras e direito (1902); estudou na <i>École Nationale des</i>		Professor na Universidade de Strasbourg (1919-1924); Professor no <i>Collège de France</i> (1924-1961); Membro da <i>Académie des inscriptions et belles-lettres</i> (1941).			Próximo de Antoine Meillet. Pai era um anti-dreyfusard. André Mazon ficou preso durante três meses na

	<i>Langues Orientales Vivantes</i> (1905) e na EPHE (1906).					Rússia após a Revolução de Outubro de 1918. Juntamente com Sylvain Lévi e Paul Langevin, criam o Comitê francês de relações científicas com Rússia (1925).
FARAL, Edmond. (1882).	Liceu de Argel ; ENS	Grammaire (1º - 1906).	Professor no Ensino Secundário (1907 – 1920) ; <i>Directeur d'études</i> na EPHE (1920); Professor de Literatura Latina da Idade Média no <i>Collège de France</i> (1925); Membro da <i>Académie des Inscriptions et Belles-Lettres</i> .	Protestante		Ligado à Lucien Herr
FAURÉ-FREMIET Emmanuel. (1883).			Sub-diretor do Laboratório de Embriologia Comparada do <i>Collège de France</i> (1923); Professor de Embriologia Comparada no <i>Collège de France</i> (1928 – 1955); Diretor do Laboratório de Citologia na EPHE (1928 – 1940); Membro da <i>Académie des Sciences</i> (1959).			
MASPERO, Henri. (1883)	Lycée Louis-le-Grand ; École des Langues Orientales (1907)		Bolsista na <i>École Française d'Extrême-Orient</i> (1908) ; Professor de chinês na <i>École Française d'Extrême-Orient</i> (1911) ; Professor de Língua e literatura chinesa no <i>Collège de France</i> (1921); Membro da <i>Académie des Inscriptions et Belles-Lettres</i> (1935).			Filho de Gaston Maspero, que também havia sido professor no Collège de France.
MASSIGNON, Louis. (1883)	Lycée Louis-le-Grand		Professor de Sociologia Mulçumana no <i>Collège de France</i> (1919-1954); Professor de Islamismo na EPHE (1932-1954); Membro da Academia de Ciências da URSS;	Católico (caldeu).		Amigo de Henri Maspero.

FONTE: o autor (2016).

A partir da Tabela 1, portanto, podemos fazer algumas indicações. Em um primeiro momento é interessante observar o corte geracional que havia entre os professores. Todos nasceram entre as décadas de 1840 e 1880, sendo os mais novos nascidos em 1883 (Massignon, Maspero e Fauré-Fremiet), tendo em torno de 46 anos em 1929, e o mais velho nascido em 1846 (Croiset), com 83 anos de idade no período da eleição. Contudo, a maior parte pertence à uma geração que nasceu na década de 1860 e 1870, contabilizando um total 23 professores. É importante fazer essa constatação, pois estes pertenciam à uma mesma geração, ou bastante próxima, da qual Marcel Mauss fez parte, tendo este nascido em 1872. Segundo Miceli comenta, o vínculo geracional, principalmente entre os mais antigos, era forte e alterava os cenários das eleições. Assim, é importante entender que Mauss pertencia à uma mesma geração que a maior parte dos professores do CF.

O concurso conhecido como *agrégation* provia o título de *agrégé* àqueles que obtinham sucesso. Mais que isso, contudo, possibilitava aos acadêmicos uma oportunidade de trabalho no ensino secundário como funcionários do Estado, ou até mesmo no universitário para aqueles que se saíssem melhor, também nos serve como um ponto de análise importante. Apesar de nem todos os professores passarem por esse concurso, mais da metade dos integrantes do CF possuía este título. Dentre os professores que aparecem na tabela, 22 (vinte e dois) apresentam o título de *agrégé* em alguma área. A mais comum é a das Ciências Humanas, notadamente: *Histoire et Géographie* (História e Geografia), *Lettres* (Letras), *Grammaire* (Gramática) e *Philosophie* (Filosofia). Confirmando a predominância e realçando a importância desta área no *Collège de France*, representada pela *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* (como afirmado no item 1.1.1 da monografia), correspondendo a quase 40% do total de cátedras existentes. Essa predominância era decisiva em votações que envolvessem a criação de novas cadeiras que fizessem parte das Ciências Humanas. Dessa forma, o caso da criação de uma cadeira de Sociologia, uma ciência nova que buscava se estabelecer como parte das ciências humanas e sociais, estava diretamente ligada a essa relação de força entre os saberes estabelecidos no CF.

Além disso, outros dois fatores passíveis de serem elencados são os vínculos religiosos que os professores possuíam e o posicionamento político adotado no caso do capitão Dreyfus. Sobre o primeiro item, há uma certa dificuldade em conhecer a qual

religião os professores pertenciam ou se aproximavam. Assim, os dados colhidos possuem um impacto nas análises sobre as eleições, mas não é possível identificar com clareza o peso da religião nas decisões tomadas nas assembleias¹¹⁵. Porém, conhecemos exemplos de eventos em que o peso religioso fez as eleições mudarem de rumo, como é o caso de Alfred Loisy, eleito em 1909, em que este era um excomungado da Igreja Católica e buscava sua eleição em um momento em que havia uma separação entre Igreja e Estado. Contudo, conseguimos reunir informações concernentes à religião de somente 18 professores do CF. Dentre estes, 12 professores são católicos, praticantes ou não, (Holleaux, Croiset, Meillet, Loth, Fossey, Monceaux, Le Roy, Breuil, Marion, Lefranc, Massignon e Loisy), 5 são protestantes (Jullian, Gsell, Andler, Gide e Faral) e 1 é judeu (Sylvain Lévi). Com isso vemos que o cristianismo possuía um peso relevante dentro da instituição do *Collège de France*, seja na sua vertente católica ou na protestante.

Quanto ao segundo balizador que foi escolhido, o posicionamento em relação ao caso Dreyfus, é importante explicar o motivo desta escolha, sendo que o caso havia ocorrido entre os anos da virada do século XIX para o século XX, ou seja, quase trinta anos antes da eleição de Marcel Mauss. Conforme já visto, o recorte geracional dos professores os situa em uma geração que foi marcada pelo caso Dreyfus, pois no momento em que este ocorreu quase todos os professores já haviam iniciado suas carreiras universitárias ou, pelo menos, seus estudos em instituições de ensino superior. E, como este acontecimento gerou uma tomada de posição de ambos os lados dos intelectuais, entendemos que esta é uma importante baliza a ser determinada. Assim, conseguimos reunir a informação de 12 professores, sendo que 11 seriam dreyfusards (Holleaux, Meillet, Gsell, Fossey, Hadamard, Andler, Langevin, Gide, Lévi, Renard e Loisy) e somente um acreditava-se ser um antidreyfusard (Jullian). Contudo, esse posicionamento se refere somente ao caso Dreyfus, não sendo possível, a partir dele, definir posicionamentos políticos mais delimitados, conhecendo somente no caso de alguns, como de Charles Andler, Paul Langevin, Georges Renard, que eram reconhecidamente socialistas.

¹¹⁵ A questão mais importante não é da religião propriamente dita, mas dos vínculos que elas possibilitam estabelecer. Tanto no caso de ambos os professores possuírem uma mesma religião, ou serem próximos a elas, quanto no caso de professores que simpatizavam com alguém em função de algum estigma social que ambos sentiam.

Com isso, é importante conhecermos as linhas de força que estavam presente nas assembleias dos professores do *Collège de France*. Apesar das eleições terem cunho científico-intelectual, elas também estavam passíveis de serem alteradas por decisões político-religiosas, como foi o caso de Alfred Loisy. Conforme Benthien nos alerta:

A origem social, a formação religiosa e a preferência política certamente poderiam influenciar as preferências dos eleitores. O peso de cada uma dessas variáveis é, no entanto, circunstancial. Tudo depende da composição da assembleia, de quem eram os candidatos, assim como de contextos políticos maiores.¹¹⁶

Contudo, a partir de uma conceitualização proposta pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, em que este afirma sobre os “capitais”, podemos identificar a movimentação de capitais políticos e confessionais dentro das eleições, já que envolviam cargos de prestígio e, até, uma luta por legitimidade de saberes. Nesse sentido, “a forma que reveste a luta inseparavelmente científica e política pela legitimidade depende da estrutura do campo, isto é, da estrutura da distribuição do capital específico de reconhecimento científico entre os participantes na luta”¹¹⁷. Dessa forma, é importante que haja uma análise mais cuidadosa dos capitais que eram ativados em eleições ao CF.

2.4 A CRIAÇÃO DA CADEIRA DE SOCIOLOGIA E A ELEIÇÃO DE MARCEL MAUSS

Marcel Mauss, após sua tentativa em adentrar aos quadros do *Collège de France* em 1909, havia lançado novos trabalhos, proferido palestras fora da França, ganhando algum destaque internacional e, assim, vinha aumentando seu prestígio entre os intelectuais franceses das ciências humanas. Nesse sentido, no meio tempo entre 1909 e 1929, Mauss tinha

relançado o *Année Sociologique*, havia publicado “The Gift” [Ensaio sobre a Dádiva], havia fundado o Instituto de Etnologia. Seu renome era internacional: ele [Mauss] havia dado uma palestra, “A Noção da Civilização Primitiva”, em Oslo em dezembro de 1925; havia sido eleito Membro Honorário do Instituto Real de Antropologia; havia proferido palestras universitárias em Davos, Suíça [...], onde conheceu Albert Einstein; e havia sido convidado para dar três palestras em inglês na Escola Econômica de Londres em junho de 1928, sobre a teoria das formas elementares de oração na Austrália¹¹⁸.

¹¹⁶ BENTHIEN, R. **op. cit.** Interdisciplinaridades..., p. 245.

¹¹⁷ BOURDIEU, Pierre. O campo científico. IN: ORTIZ, Renato (orgs.). **Pierre Bourdieu – Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983, p. 136.

¹¹⁸ No original “He had relaunched *Année Sociologique*, had published “The Gift,” had founded the Institut d’Ethnologie. His renown was international: he had given a lecture, “The Notion of Primitive Civilization,”

Mauss possuía reconhecimento entre seus pares no sistema de ensino e pesquisa francês. Porém, somente em 1929 surgiu outra oportunidade concreta para sua eleição ao CF. Com o falecimento de Théodore Reinach, colega de Mauss, em 1928, alguns professores, como Antoine Meillet, visaram uma possível oportunidade para o sociólogo. Contudo, Mauss acreditava que sua melhor opção seria com a aposentadoria de Jean Izoulet ou Alfred Loisy¹¹⁹. Então, no ano seguinte, em 1929, quando Izoulet falece e deixa vaga a cadeira de Filosofia Social, a oportunidade se concretiza.

Segundo Fournier, “os olhos se voltaram naturalmente em direção à Marcel Mauss (1872-1950). Ninguém havia esquecido que em 1897 a cadeira de Filosofia Social deveria ter sido confiada a Émile Durkheim. Para o sobrinho, com 58 anos, seria, talvez, a última chance”¹²⁰. Nesse sentido, começa uma movimentação em torno de Mauss, principalmente de seus colegas mais próximos como Antoine Meillet e Sylvain Lévi. Em 7 de outubro de 1929, cerca de um mês antes da primeira assembleia que discutiu institucionalmente a questão, Lévi enviou uma carta ao administrador do *Collège de France*, cargo então exercido por Maurice Croiset. Nela, o indianista afirma que

em resposta a vossa nota datada de 1º de outubro, tenho a honra de vos fazer saber que, de acordo com um certo número de nossos colegas, eu proporei manter a cadeira deixada vaga pelo falecimento de M. Izoulet, e de atribuí-la à M. Marcel Mauss, Professor na Seção de Ciências Religiosas da Escola de Altos Estudos, *agrégé* de filosofia¹²¹.

Apesar de não ser uma indicação oficial, essa foi uma forma de fazer com que o nome de Mauss começasse a circular entre os professores do CF, visando facilitar um possível apoio futuro. No mesmo sentido apontado por Miceli, o sociólogo Fournier também comenta que “a campanha envolvia dois estágios: primeiro a disciplina na qual

in Oslo in December 1925; had been elected Honorary Fellow of the Royal Anthropological Institute;2 had delivered university lectures in Davos, Switzerland [...], where he had met Albert Einstein; and had been invited to give three lectures in English at the London School of Economics in June 1928, on the theory of the elementary forms of prayer in Australia”. (Tradução nossa). In: FOURNIER, M. **op. cit.** Marcel Mauss..., p. 263.

¹¹⁹ Idem.

¹²⁰ No original “Les regards se tournent alors naturellement vers Marcel Mauss (1872-1950). Personne n'a oublié qu'en 1897 la chaire de philosophie sociale aurait dû être confiée à Emile Durkheim. Pour le neveu, qui a 58 ans, c'est peut-être la dernière chance”. (Tradução nossa). In: FOURNIER, Marcel. L'élection de Marcel Mauss au Collège de France. **Genèses**, vol. 22, 1996, p. 160.

¹²¹ No original “En réponse à votre note datée du 1er octobre, j'ai l'honneur de vous fait savoir que, d'accord avec un certain nombre de nos collègues, je proposerai de maintenir la chaire laissée vacante par le décès de M. Izoulet, et de l'attribuer à M. Marcel Mauss, Professeur à la Section des Sciences Religieuses de l'École des Hautes Études, agrégé de philosophie”. (Tradução nossa). In: LÉVI, Sylvain. [Carta] 7 de outubro de 1929, Paris. [para] CROISET, Maurice. 1f. Presente nos Arquivos do *Collège de France*.

a cadeira seria alocada sob era definida e depois o apontamento em sentido estrito era feito. Mas tudo era resolvido na primeira fase. A segunda era, usualmente, uma mera formalidade”¹²². Assim era importante com que o nome de Mauss ganhasse força e fosse reconhecido antes mesmo da definição da cadeira.

Na primeira assembleia que discutiu sobre a cadeira vacante de Izoulet, em 6 de novembro de 1929, três propostas foram feitas¹²³. A primeira, feita por Marion¹²⁴, seria a de transformar a cátedra de Filosofia Social em Organização Política e Econômica da Europa. O nome pretendido para ocupá-la seria o de Georges Blondel, *agrégé* de história e doutor em direito, que já atuava, há dois anos, como suplente de Izoulet. A segunda proposta, sustentada por Edouard Le Roy¹²⁵ e apoiada por Gsell e Monceaux, era a de criar a cátedra de História da Filosofia na Idade Média. Esta proposta visava uma futura eleição de Étienne Gilson. Por fim, uma terceira proposta, realizada por Meillet e apoiada por Sylvain Lévi e Pierre Janet, era a de manter o nome da cátedra como Filosofia Social. Estes buscavam, como mostra a carta enviada ao administrador do CF, indicar Mauss como futuro ocupante.

A escolha entre os apoiadores de Mauss de propor a continuação do nome da cadeira não foi feita sem debate. Antoine Meillet, Sylvain Lévi e o abade Breuil acreditavam que a proposição de uma cadeira intitulada Etnologia seria mais proveitoso para Mauss. Estes três professores identificavam Mauss à etnologia francesa, já que este havia tido alguns sucessos nessa área ao longo dos anos anteriores. O próprio posto que Mauss ocupava, como professor de Religião dos Povos não Civilizados, era vista como a primeira cadeira de cunho etnológico no sistema de pesquisa e ensino francês¹²⁶. Além disto, Mauss havia criado, em 1925, o Instituto de Etnologia ligado à Universidade de

¹²² No original “The campaign involved two stages: first the discipline the chair would fall under was defined and then the appointment in the strict sense was made. But everything was played out in the first phase. The second was usually a mere formality.” (Tradução nossa). In: FOURNIER, M. **op. cit.** Marcel Mauss..., p. 264.

¹²³ Cf. Arquivos do *Collège de France, Assemblée du 6 novembre 1929*.

¹²⁴ Marcel Marion (1857 – 1940), professor da cátedra de *Étude des faits économiques et sociaux* (1912-1932), era *agrégé* de *Histoire et Géographie*. Marion era religiosamente próximo ao catolicismo e politicamente conservador, sendo um grande defensor do liberalismo econômico na França.

¹²⁵ Edouard Le Roy (1870 – 1954), professor de *Philosophie moderne* (1921-1940). Era católico e, segundo Marcel Fournier, um importante intelectual no CF.

¹²⁶ KARADY, V. **op. cit.** Durkheim et les débuts..., p. 27.

Paris, juntamente com Lévy-Bruhl e Paul Rivet. Porém, apesar destas discussões, Meillet, Lévi e Mauss optam por manter o nome de Filosofia Social¹²⁷.

Dessa forma, a disputa permanecia entre Georges Blondel, suplente de Izoulet, Marcel Mauss e Étienne Gilson. Este último era

um *agrégé* em filosofia (1907, sexto colocado) e doutor em letras (1913). Desde 1921 ele havia sido professor de história de filosofia medieval na Faculdade de Letras de Paris e o *directeur d'études* para teologia medieval e filosofia na quinta seção na Escola Prática de Altos Estudos [EPHE]. Ele era um filósofo católico conhecido por seus livros sobre São Tomas de Aquino e Santo Agostinho¹²⁸.

Portanto, após a apresentação das propostas sobre a cátedra na assembleia de 6 de novembro de 1929, os professores passaram à votação. Em um primeiro turno, a proposta de Marion, aquela que buscava a candidatura de Blondel, alcança somente dois votos. Por sua vez, Filosofia na Idade Média, com Gilson, alcança um total de vinte votos, enquanto que Filosofia Social consegue vinte e dois votos. Como nenhuma havia alcançado a maioria simples, total de 23 votos já que a assembleia contava com a presença de 44 professores, uma segunda rodada de votação é chamada. Nesta, os dois votos da proposta de Organização política vão para Gilson, que consegue portanto vinte dois votos, empatando com Filosofia Social¹²⁹. A ausência de certos professores, como Louis Finot e Alexandre Moret, talvez pudessem acarretar em um resultado diferente do esperado, já que ambas as proposições de cátedras ficaram com somente um voto a menos do mínimo necessário. Porém, com o empate entre Filosofia Social (Mauss) e Filosofia na Idade Média (Gilson), os professores do CF optam por tratar novamente do assunto em uma nova assembleia que seria realizada em janeiro de 1930, dando tempo para novas movimentações em busca de apoio.

Em 12 de janeiro de 1930 ocorre a segunda assembleia que iria discutir sobre a cadeira vacante de Izoulet¹³⁰. Diferentemente da assembleia de 1929, nesta, ambos os lados optam por alterar o título da cadeira. Edouard Le Roy apresenta a proposta de uma

¹²⁷ FOURNIER, M. *op. cit.* Marcel Mauss..., p. 266.

¹²⁸ No original “an agrégé in philosophy (1907, ranked sixth) and a doctor in letters (1913). Since 1921 he had been a lecturer in the history of medieval philosophy at the faculty of letters in Paris and the directeur d'études for medieval theology and philosophy in the fifth section at the École Pratique des Hautes Études. He was a Catholic philosopher well known for his books on Saint Thomas Aquinas and Saint Augustine”. (Tradução nossa). In: *Ibidem*, p. 267.

¹²⁹ Cf. Arquivos do *Collège de France, Assemblée du 6 novembre 1929*.

¹³⁰ Cf. Arquivos do *Collège de France, Assemblée du 12 janvier 1930*.

cadeira de História da Filosofia Francesa e, além desta mudança, o candidato pretendido à eleição também se modificava. De acordo com Fournier, Étienne Gilson havia desistido de sua possível candidatura, com isso, essa nova proposta visava a eleição de Jacques Chevalier, mudança confirmada pelas memórias escritas por Maurice Halbwachs¹³¹. Por sua vez, Sylvain Lévi, apoiado por Meillet e Jacques Hadamard, matemático dreyfusard, propõe a criação de uma cátedra denominada Sociologia. A razão dessa mudança não fica clara nas fontes, mas sabemos que para Mauss, conforme o próprio afirmava, não havia nada de melhor que a Sociologia¹³².

Dessa vez, o concorrente de Mauss era Jacques Chevalier, um antigo normaliano, *agrégé* de filosofia em 1903, tendo ficado em segundo no concurso, e discípulo de Henri Bergson. Chevalier era um filósofo católico, mais próximo politicamente de uma direita conservadora e atuava como professor na Faculdade de Letras de Grenoble¹³³. Uma vez definidos as propostas, a primeira votação ocorre. Com 43 professores votantes presentes, e sendo a maioria atingida com 22 votos, ambas as propostas reúnem vinte votos cada, empatando na primeira rodada. Além disso, houve três anulações de voto. Como nenhuma obteve a maioria, passou-se à uma segunda rodada de votação, porém houve novamente uma alteração. A proposta que primeiramente tinha sido denominada de História da Filosofia Francesa passou a ser de História da Filosofia Social. Na ata da assembleia não aparece o motivo dessa mudança, podemos pensar que seria para conquistar alguns dos três votos anulados na primeira rodada. Apesar disso, ambas as propostas terminam cada qual com vinte votos e mais três anulados, levando a questão para uma nova assembleia marcada para junho de 1930. Mesmo com os diversos apoios à Mauss, estes parecem não ter sido o suficiente para garantir uma vitória. De acordo com Fournier,

Marcel Mauss tinha certos apoios no Collège: Sylvain Lévi e Antoine Meillet, dois amigos de longa data, havia outros antigos professores e amigos da EPHE (Louis Finot, Alexandre Moret, Gabriel Millet); havia também os professores que cotejavam a questão política, notadamente Charles Andler (Língua e literatura alemã), Paul Langevin, professor de Física geral e experimental, Charles Gide, titular da cadeira de

¹³¹ HALBWACHS, Maurice; MALATIAN, Teresa. Minha campanha para o Collège de France. **Revista Brasileira de História**. 2001, v. 21, n° 40, pp. 25 – 58.

¹³² FOURNIER, M. **op. cit.** Marcel Mauss..., p.266.

¹³³ CHARLE, Christophe.; DELANGLE, Christine. La campagne électorale de Lucien Febvre au Collège de France, 1929-1932. Lettres à Edmond Faral. **Histoire de l'éducation**, n° 34, 1987. pp. 49-69.

cooperação e Georges Renard, responsável pela cadeira de História do Trabalho. Não era, pelo o que parecia, suficiente¹³⁴.

Com cinco meses para a próxima votação, Marcel Mauss continuou com os preparativos para a assembleia, assim como seus colegas, Meillet e Lévi. Nesse meio tempo, Mauss viajou ao Marrocos, para a região que fazia parte do protetorado francês, para dar algumas palestras e, se fosse possível, abrir caminho para que futuros etnólogos pudessem trabalhar na região¹³⁵. Na volta, Mauss e seus correligionários se organizaram para a disputa. Ainda havia incertezas, principalmente sobre quais os intelectuais que estavam visando um lugar no *Collège de France*, além de Marcel Mauss, Jacques Chevalier e Étienne Gilson, que volta para a disputa nessa terceira assembleia. Além destes, como se pode ver pelas suas cartas, um quarto intelectual media suas bases nesse instável terreno, Lucien Febvre. Este, em uma carta enviada à Edmond Faral professor no CF, comenta que,

[um de seus colegas do *Collège*] me escreveu, há três ou quatro dias, uma carta muito detalha para me dizer que, na sua visão, a candidatura de Mauss não possui chance de reunir uma maioria nesse verão. E que eu deviria ir sondar, porque, se essa candidatura não estivesse pacífica, eu poderia, sob a hipótese onde a candidatura de Chevalier fosse mantida, obter os votos que Mauss jamais possuiria, e passar contra Chevalier¹³⁶.

Dessa forma, percebemos como mesmo após duas assembleias, com diversos apoios de ambos os lados, ainda havia novos pretendes que visavam uma vaga no *Collège de France*. Talvez Febvre buscasse desestabilizar esses acordos entre os professores e, quem sabe, conseguir uma oportunidade na disputa. O caso é que Febvre continuou comentando sobre o caso e nos revelando algumas movimentações dos bastidores de uma eleição ao CF. Febvre aponta alguns dos mistérios que rondavam essa difícil eleição,

¹³⁴ No original “Marcel Mauss a certes des appuis au Collège : outre Sylvain Lévi et Antoine Meillet, deux amis de longue date, il y a d'autres anciens professeurs et collègues de l'École pratique des hautes études (Louis Finot, Alexandre Moret, Gabriel Millet) ; il y a aussi des professeurs qu'il a côtoyés dans les milieux politiques, notamment Charles Andler (langue et littérature allemande), Paul Langevin, professeur de physique générale et expérimentale, Charles Gide, titulaire de la chaire de la coopération, et Georges Renard, responsable de la chaire d'histoire du travail. Ce n'est, semble-t-il, pas suffisant”. (Tradução nossa). In: FOURNIER, M. **op. cit.** L'élection..., pp. 161 – 162.

¹³⁵ FOURNIER, M. **op. cit.** Marcel Mauss..., pp. 269 – 270.

¹³⁶ No original “m'a écrit, il y a trois ou quatre jours, une lettre très détaillée pour me dire qu'à son sens, la candidature de Mauss n'a pas de chance de réunir une majorité cet été. Et que je devrais bien y songer, parce que, si cette candidature n'était pas reposée, je pourrais, dans l'hypothèse où la candidature Chevalier serait maintenue, obtenir des voix que Mauss n'aura jamais, et passer contre Chevalier”. (Tradução nossa). In: FEBVRE, Lucien. [Carta] 5 de março de 1930 [para] FARAL, Edmond. IN: CHARLE, C.; DELANGLE, C. **op. cit.** La champagne..., p. 54.

mas é certo que Mauss não persistirá ou que não persistiram por ele? Primeiro mistério; e nesse mistério, incluo o mistério de Meillet e de sua atitude.... Em segundo lugar, o que aconteceu com Gilson nisso tudo? Ele renunciou para ressurgir em um instante? Se ele ressurgisse, não juntaria ele uma maioria feita em parte de partidário de Mauss querendo barrar a rota à Chevalier? Eu não quero, eu não posso me apresentar contra Mauss. Eu não quero, eu não posso me apresentar contra Gilson. Eu somente saberia me apresentar se Mauss renunciasse e Gilson permanecesse na expectativa, a via estaria livre, com a única candidatura de Chevalier a combater¹³⁷.

Após essa carta, ficamos sabendo, através de outra datada do mês seguinte, que Febvre realizou visitas a alguns professores do *Collège de France* para sondar o ambiente pré-eleição. Com isso, descobrimos alguns nomes que, de acordo com este historiador francês, seriam eleitores de Mauss. Estes seriam os professores Piéron, André Mayer, Gley e Andler. Ao receber uma resposta positiva de alguns destes professores, de que caso a candidatura de Mauss não confirmasse um sucesso, seria interessante que Febvre se apresentasse, possuindo talvez até uma chance de se vencer o pleito. Nesse sentido, Febvre revela a Faral que chegou a escrever duas cartas, uma para Sylvain Lévi e outra para Charles Andler, ambos defensores de Mauss, para lhes avisar que talvez entrasse no páreo. Porém, ambas as respostas que recebeu foram negativas, afirmando que Febvre estaria tentando aumentar a confusão e jogar com possibilidades. A resposta de Andler se revela mais dura, e este comenta que estaria engajado com Mauss e que lançar uma terceira candidatura seria para capitular frente a Chevalier, o que não seria o caso se esta candidatura fosse de Febvre¹³⁸. Na continuação da carta fica patente a vontade de Febvre em se candidatar e desestabilizar a candidatura de Mauss. Seria pelo motivo de Febvre acreditar que a candidatura de Mauss seria a mais fraca e por isso mais fácil de desorganizar ou, pelo contrário, sabendo que Mauss possuía força e por isso atacava-o? Difícil saber com certeza, mas é possível identificar os ataques aos partidários de Mauss e a sua tentativa de se eleger ao *Collège de France*. Segundo o historiador francês,

É evidente que é a atitude de Mauss, ou dos partidários de Mauss, que domina tudo. Que farão eles em definitivo e quem será candidato? Em particular, qual será a atitude de Gilson? Eu imagino que ele também

¹³⁷ No original “Mais est-il certain que Mauss ne s'obstinera pas ou qu'on ne s'obstinera pas pour lui ? Premier mystère ; et dans ce mystère, inclus, le mystère de Meillet et de son attitude... . En second lieu, que devient Gilson dans tout ceci ? A-t-il renoncé pour l'instant à réparaître? S'il reparaissait, ne rallierait-il pas une majorité faite en partie de partisans de Mauss voulant barrer la route à Chevalier? Je ne veux pas, je ne peux pas me présenter contre Mauss. Je ne veux pas, je ne peux pas me présenter contre Gilson. Je ne saurais me présenter que si, Mauss renonçant et Gilson demeurant dans l'expectative, la voie était libre, avec la seule candidature Chevalier à combattre”. (Tradução nossa). In: *Ibidem*, p. 55.

¹³⁸ *Ibidem*, p. 56.

deve estar muito incomodado pelo o silêncio de Mauss? É a plena confusão. Pessoalmente, eu me arrependo de ver Andler, Fossey e - preciso dizer S. Lévi? – adotar a parte que eles parecem querer tomar. Pois eu não creio no sucesso de Mauss. E eu tenho o sentimento que minha candidatura não seria mal recebida¹³⁹.

Vemos, nessa citação, Febvre analisar mal a situação ao afirmar que seria a atitude de Mauss e seus partidários que dominava tudo, mas ao mesmo tempo não acreditar em um possível sucesso de Mauss. O historiador francês, nesse sentido, parece não ler bem o cenário da eleição, talvez por estar mal posicionado – estando na Universidade de Estrasburgo –, e muito interessado em possíveis fracassos para que pudesse se fazer eleger. Dessa forma, percebemos os diversos jogos caracteristicamente políticos que ocorriam por trás das eleições. Porém, de fato haviam razões políticas e religiosas que envolviam as eleições e as tornavam mais instáveis, principalmente no caso de Mauss sendo um judeu, dreyfusard e militante socialista. A carta de Febvre afirma que

ela [a carta de Andler que Febvre recebeu] me traz um conselho de abstenção. Os partidários de Mauss se reuniram e visaram duas candidaturas de ‘conciliação’: a minha e a de Gilson. Pareceu-lhes finalmente que Gilson, melhor localizado para morder sobre a ‘direita’ havia mais chance que eu [Febvre] de reunir uma maioria. Eu não contradisse. Eu não sei nada, não estava no lugar, e fico um pouco receoso com essa intrusão do vocabulário eleitoral e político em um debate que eu acreditava ser de ordem científica...¹⁴⁰.

A partir dessa carta, portanto, é possível ter a certeza de que para além de um capital científico, outros tipos de capital, como o político e o confessional também eram ativados durante a eleição ao CF. Isso foi uma estratégia encontrada pelo partidário de Mauss, pois Gilson, filósofo católico e reacionário, ajudaria a retirar alguns votos de Chevalier, também católico e conservador. Esse “acúmulo” de capital por parte de Mauss, assim como de seus adversários, seria uma estratégia de fazer um “nome”. De acordo com Bourdieu, “acumular capital é fazer um ‘nome’, um nome próprio, um nome conhecido e

¹³⁹ No original “Il est évident que c'est l'attitude de Mauss, ou des partisans de Mauss, qui domine tout. Que feront-ils en définitive, et qui sera candidat? En particulier, quelle sera l'attitude de Gilson? J'imagine que lui aussi doit être très gêné par ce silence de Mauss? C'est la pleine confusion. Personnellement, je regrette de voir Andler, et Fossey et faut-il dire S. Lévi? adopter le parti qu'ils semblent vouloir tenir. Car je ne crois pas au succès de Mauss. Et j'ai le sentiment que ma candidature ne serait pas mal accueillie”. (Tradução nossa). In: FEBVRE, Lucien. [Carta] sem data, abril 1930 [para] FARAL, Edmond. Ibidem, p. 57.

¹⁴⁰ No original “Elle l'instant m'apporte la lettre un conseil d'abstention. Les tenants de Mauss s'étant réunis ont envisagé deux candidatures de « conciliation » : la mienne et celle de Gilson. Il leur a paru finalement que Gilson, mieux placé pour mordre sur la « droite » aurait plus de chance que moi de réunir une majorité. Je n'y contredis pas. Je n'en sais rien, n'étant pas sur place, et un peu effaré par cette intrusion du vocabulaire électoral et politicien dans des débats que j'aurais cru d'ordre scientifique...”. (Tradução nossa). In: FEBVRE, Lucien. [Carta] sem data, fim de abril 1930 [para] FARAL, Edmond. Ibidem, p. 58.

reconhecido, marca que distingue imediatamente seu portador, arrancando-o como forma visível do fundo indiferenciado, despercebido, obscuro, no qual se perde o homem comum”¹⁴¹.

Por fim, no dia 15 de junho de 1930, na terceira assembleia que discutiria o que se faria com os créditos vagos deixados pelo falecimento de Jean Izoulet, três propostas são feitas. A primeira, defendida por Edouard Le Roy, era para a criação de uma cátedra intitulada História da Filosofia Francesa, possivelmente tendo como candidato esperado o filósofo Jacques Chevalier. A segunda proposta, feita por Louis Massignon, defendia a criação de uma cátedra sobre História da Filosofia na Idade Média, provavelmente visando a candidatura de Étienne Gilson. Por fim, a terceira proposição, realizada por Meillet, Andler e Janet, defendiam a criação de uma cadeira de Sociologia¹⁴². Após as propostas, passaram-se às defesas de cada uma das partes. É interessante observar que, no que tange à Sociologia, foi Charles Andler que ficou como principal “advogado” da causa, um germanista próximo à Mauss não devido às teorias sociológicas, mas sim pela militância socialista. Segundo Fournier,

Andler e Mauss se conheciam em mais de trinta anos: na virada do século, eles estavam juntos com Lucien Herr, Léon Blum, Hubert Bourgoïn e François Simiand, na Nova Sociedade de Edição e de Livraria e no Grupo de Unidade Socialista, enquanto militante da nova Sociedade; estavam junto no *l'Humanité* em 1904, no momento da fundação do jornal por [Jean] Jaurès¹⁴³.

Ainda conforme propõe o sociólogo Fournier, Andler foi escolhido para advogar pela causa sociológica pelo viés filosófico que o método proposto pela Escola Sociológica Francesa apresentava. Ainda, por ter sido um crítico desta nova ciência humana, no início, mas ter mudado sua posição após entrar em contato com trabalhos de Durkheim e do próprio Mauss. Além disso, acreditamos que para além dos motivos intelectuais, a questão político-religiosa também era um forte componente da escolha de Andler, porém, como o próprio Febvre coloca, esta era uma discussão que se pretendia de caráter

¹⁴¹ BOURDIEU, P. **op. cit.** O campo..., p. 132.

¹⁴² Cf. Arquivos do *Collège de France, Assemblée du 15 juin 1930*.

¹⁴³ No original “Andler et Mauss se connaissent depuis plus de trente ans : au tournant du siècle, ils s'étaient trouvés avec Lucien Herr, Léon Blum, Hubert Bourgoïn et François Simiand, à la Société nouvelle d'édition et de librairie et au Groupe d'unité socialiste, pendant militant de la Société nouvelle ; ils s'étaient retrouvés à l'Humanité en 1904 au moment de la fondation du journal par Jaurès”. (Tradução nossa). In: FOURNIER, M. **op. cit.** L'élection..., p. 162.

científico e não político. Estes motivos ficam evidentes na primeira frase em que profere em seu discurso

Não me proponho em intervir aqui após colegas bem mais autorizados do que eu, de acrescentar qualquer coisa que eles disseram do valor científico do sociólogo que vos propuseram MM. Antoine Meillet e Sylvain Lévi. Mas me parece que tudo não foi dito sobre o interesse filosófico do ensinamento da sociologia tal qual poderá ser dado por mim. Pois não quero enfraquecer a seção filosófica do Collège, já bastante reduzida. Eu creio sentir também, entre alguns colegas, uma prevenção contra a sociologia durkheimiana em geral; e essa prevenção, eu vos confio-os, foi a minha, também profunda e completa como pode-se imaginar. Eu gostaria, para liberar minha consciência, vos dizer como eu a superei¹⁴⁴.

Como visto, a defesa a partir do viés filosófico da Sociologia buscava atrair votos dos professores ligados à Filosofia no *Collège de France* que, segundo o próprio Andler afirma, estava em tamanho reduzido. Assim, a proposta da criação de uma cadeira de Sociologia não enfraqueceria ainda mais essa posição da Filosofia dentro da instituição. Além disso, sua posição de antigo crítico de Durkheim, é reforçada para conquistar àqueles que ainda possuíam uma desconfiança desta nova ciência que se propunha como uma ferramenta metodológica capaz, dentre outras coisas, de auxiliar as ciências humanas. Charles Andler responde o porquê desta mudança,

por quê mudei? É que nós somos todos conscientes que as exigências da ciência são complexas. A ciência exige a síntese no mesmo momento em que as análises dos fatos acessíveis não são ainda completas, para dirigir as análises. Estes mesmos questionários são uma primeira interpretação que os fatos modificaram¹⁴⁵.

Para além desta defesa filosófica, Andler também busca chegar aos psicólogos, argumentando sobre uma possível e frutífera aproximação da Sociologia com a Psicologia,

¹⁴⁴ No original “Je ne me propose pas, en intervenant ici après des collègues bien plus autorisés que moi, d'ajouter quoi que ce soit à ce qu'ils vous ont dit de la valeur scientifique du sociologue que vous proposent MM. Antoine Meillet et Sylvain Lévi. Mais il me semble que tout n'a pas été dit sur l'intérêt philosophique de l'enseignement de la sociologie tel qu'il pourrait être donné par lui. Car je ne voudrais pas affaiblir la section philosophique du Collège, déjà très réduite. J'ai cru sentir aussi chez quelques collègues une prévention contre la sociologie durkheimienne en général ; et cette prévention, je vous le confie, a été la mienne, aussi profonde et complète qu'on peut l'imaginer. Je voudrais, pour libérer ma conscience, vous dire comment j'en suis revenu”. (Tradução nossa). In: ANDLER, Charles. Proposition en vue de la création d'une chaire de Sociologie au Collège de France. **Ibidem**, p. 164.

¹⁴⁵ No original “Pourquoi ai-je changé ? C'est que nous sommes tous conscients que les exigences de la science sont complexes. La science exige de la synthèse au moment même où les analyses des faits accessibles ne sont pas encore complètes, pour diriger les analyses. Ses questionnaires même sont une première interprétation que les faits modifieront”. (Tradução nossa). In: Idem.

esse contato com os pesquisadores de psicologia trouxe em toda a escola uma renovação, uma crise frutífera e que poderia transformar mais, se nós os ajudarmos em conseguir, no grande atelier que nós constituímos, de homens que devem não somente se conhecer e se estimar, corretamente, mas colaborar¹⁴⁶.

Dessa forma, em um primeiro momento de sua defesa, Andler busca se aproximar daqueles que não estavam totalmente seguros com a Sociologia, principalmente os filósofos e psicólogos, importantes votos em uma assembleia. É possível apontarmos também um componente retórico nessa defesa de Andler, pois as outras duas propostas também estavam próximas da filosofia. Assim, este busca apontar que uma possível eleição de Mauss também contribuiria com as questões filosóficas. Com isso, Andler segue para a defesa de Marcel Mauss, o candidato por trás da cátedra de Sociologia. O germanista propõe que

Para uma sociologia ainda grande, não mais construída mas a ser construída, enriquecer os resultados de todas as histórias comparadas do direito, das morais primitivas, das formas diversas de associação humana, comparação de línguas, de tecnologias, de formas de arte e de pensar, nós temos o homem: M. Marcel Mauss. Ele é o chefe reconhecido do grupo sobrevivente dos alunos de Durkheim¹⁴⁷.

Após essa primeira defesa, Andler continua comentando sobre a extensa obra que o sociólogo havia produzido ao longo dos anos, além de suas importantes parcerias, principalmente com Henri Hubert, historiador e amigo mais próximo de Mauss. Para além de um elogio ao sociólogo francês, Andler termina sua fala exaltando a própria Escola Sociológica Francesa ao indicar que “este é um dos fragmentos mais originais da ciência e da filosofia contemporânea, e daquelas que fazem a mais alta honra ao país [...], se nós nos fecharmos para tudo aquilo que nos países estrangeiros chamam, com admiração, a *escola sociológica francesa*”¹⁴⁸.

¹⁴⁶ No original “Ce contact avec les recherches de la psychologie a amené dans toute l'école un renouvellement, une crise féconde et qui pourra le devenir davantage, si nous y aidons en rapprochant, dans le grand atelier que nous constituons, des hommes qui doivent non seulement se connaître et s'estimer, comme il faut, mais collaborer”. (Tradução nossa). In: Idem.

¹⁴⁷ No original “Pour une sociologie ainsi élargie, non encore construite mais à construire, enrichie des résultats de toutes les histoires comparées du droit, des morales primitives, des formes diverses de l'association humaine, comparaison des langues, des technologies, des formes d'art et de pensée, nous avons l'homme : M. Marcel Mauss. Il est le chef reconnu du groupe survivant des élèves de Durkheim”. (Tradução nossa). In: Idem.

¹⁴⁸ No original “C'est un des fragments les plus originaux de la science et de la philosophie contemporaines, et de celles qui font le plus honneur au pays [...], si nous nous fermions pour toujours à ce que dans les pays étrangers on appelle, avec admiration, *l'école sociologique française*”. (Tradução nossa). Grifos no original. In: Ibidem, p. 165.

Dessa forma, após esta ampla defesa tanto da Sociologia quanto de Marcel Mauss, entendemos quais os argumentos estavam sendo utilizados, através partidários deste sociólogo, para a proposta de criação de uma cátedra de Sociologia. Passado ao primeiro turno da votação, portanto, a proposta da cátedra de Filosofia Francesa fica com dezesseis votos, enquanto que Filosofia na Idade Média recebe sete votos e Sociologia, apenas dois votos a menos para alcançar a maioria, tendo vinte e um votos. Em uma segunda rodada de votação esta termina com o seguinte resultado: Filosofia Francesa com dezessete votos; Filosofia na Idade Média com cinco votos; Sociologia com vinte e três votos; e um voto nulo. Apesar de conseguir os dois votos que precisava, como houve a chegada de mais dois professores para a assembleia, contando no momento com a presença de 46 no total, a maioria necessária para alcançar a indicação havia subido para 24 votos. Por fim, em uma terceira rodada de votação, a cátedra de Sociologia consegue alcançar os votos mínimos necessários, vinte e quatro no total, e ganha o pleito. Por sua vez, Filosofia Francesa e Filosofia na Idade Média recebem dezesseis e seis votos, respectivamente¹⁴⁹.

Uma vez sendo criada a cátedra de Sociologia, a eleição de Marcel Mauss para ocupá-la era tida como certa. Na assembleia de 23 de novembro de 1930¹⁵⁰ aparecem três concorrentes. Além de Marcel Mauss, André Joussain, um *agrégé* em filosofia e professor no *lycée Perigueux*¹⁵¹, e Georges Papillault, professor na *École d'Anthropologie*¹⁵². O primeiro havia sido apresentado por Antoine Meillet, enquanto que os outros dois haviam sido ambos defendidos por Pierre Janet. Além disso, Maurice Halbwachs também se candidatou para o pleito, sendo apresentado por Charles Andler, mas somente para ser considerado *en seconde ligne*. Conforme esperado, após uma primeira votação em que Mauss recebeu vinte e quatro votos, o sociólogo francês é eleito para ocupar a cátedra recém-criada de Sociologia. André Joussain e Papillault receberam dois e dez votos, respectivamente. Para a indicação em segunda linha, Halbwachs também consegue vencer sem dificuldades, obtendo vinte e dois votos. Com ambas as indicações conquistadas, é possível considerar o resultado dessa assembleia como uma dupla vitória para a Escola Sociológica Francesa.

¹⁴⁹ Cf. Arquivos do *Collège de France, Assemblée du 15 juin 1930*.

¹⁵⁰ Cf. Arquivos do *Collège de France, Assemblée du 23 novembre 1930*.

¹⁵¹ JOUSSAIN, André. **Lettre de candidature**. Disponível nos Arquivos do *Collège de France*.

¹⁵² Sobre Pappillaut, ver ANTHONY, R. Georges Papillault (1863-1934). **Bulletins et Mémoires de la Société d'anthropologie de Paris**, VIII^o Série, tome 5, 1934. pp. 1-3.

A partir dessa eleição de Mauss, seria possível então pensar em uma institucionalização das Ciências Sociais no sistema de ensino e pesquisa francês durante a Terceira República? Acreditamos que para além de uma institucionalização de forma quantitativa, a Escola Sociológica Francesa buscou formas qualitativas de se realizar tal projeto. Além disso, em um momento em que a Sociologia estava se firmando como ciência, seus desdobramentos como a Etnologia também buscavam se consolidar como ciências próprias ou, pelo menos, serem reconhecidas como disciplinas universitárias. Dessa forma, as mudanças ocorridas nas Ciências Sociais entre 1880 e 1930 devem-se, em grande medida, aos esforços empreendidos pelo grupo durkheimiano. Victor Karady explica que

se a marginalidade da disciplina na Universidade é inteira no fim do século, os durkheimianos são bem colocados para remedia-la por duas razões. [...] Em primeiro lugar, o sistema de faculdades estava em plena renovação, notadamente por esse que era o alargamento dos programas de ensino e de integração de matérias até o momento ignoradas. As faculdades de letras praticavam sob essa relação uma dupla abertura: em direção às especialidades estabelecidas no seio das disciplinas clássicas (por exemplo nas cadeiras já amalgamadas dos estudos históricos e geográficos [...]), e também em direção as novas disciplinas como a nascente ciências sociais. [...] Em segundo lugar, nessa conjuntura universitária bastante vantajada para a inovação temática, os durkheimianos são dotados de todas as virtudes e de todos os pontos fortes necessários para se fazer admitir, com suas contribuições, pois eles faziam parte de uma elite quase estatutária do setor literário da Universidade enquanto agrégés e/ou normalianos e/ou filósofos, tripla faceta de uma fração dominante do establishment¹⁵³.

Nesse sentido percebemos de que forma o sucesso alcançado pelo grupo se deu. Em um texto escrito por Marcel Mauss¹⁵⁴, em 1929, este faz um levantamento do “estado” que as ciências sociais se encontravam em Paris, principal centro de pesquisa francês

¹⁵³ No original “Si la marginalité de la discipline dans l'Université est entière à la fin du siècle, les durkheimiens sont bien placés pour y remédier pour au moins deux raisons [...]. En premier lieu le système des facultés est en pleine rénovation, notamment pour ce qui est de l'élargissement des programmes d'enseignement et de l'intégration des matières jusqu'alors ignorées. Les facultés des lettres pratiquent sous ce rapport une double ouverture : vers les spécialités établies au sein des disciplines classiques (par exemple dans le cadre jadis amalgamé des études historiques et géographiques, on affranchit d'abord l'enseignement géographique [...]), vers de nouvelles disciplines comme les sciences sociales naissantes [...] En second lieu, dans cette conjoncture universitaire assez avantageuse à l'innovation thématique, les durkheimiens sont dotés de toutes les vertus et de tous les atouts nécessaires à se faire admettre, avec leur apport, dans le saint des saints des facultés des lettres parce qu'ils font partie de l'élite quasi statutaire du secteur littéraire de l'Université en tant qu'agrégés et (ou) normaliens et (ou) philosophes, triple facette d'une fraction dominante de l'establishment”. (Tradução nossa). In: KARADY, V. **op. cit.** *Stratégies...*, pp. 52 – 53.

¹⁵⁴ MAUSS, Marcel ; BESNARD, Philippe. Les sciences sociales à Paris vues par Marcel Mauss. **Revue française de sociologie**. 1985, v. 26, n° 2. pp. 343-351.

onde os mais importantes estabelecimentos de ensino e pesquisa se encontravam. Mauss comenta tanto sobre o caso da etnologia/antropologia, ciência ainda sem um consenso de como deveria ser referida¹⁵⁵, como também da sociologia. No caso das primeiras, Mauss aponta que elas estariam bem representadas em Paris, possuindo

uma cadeira de Antropologia no Museu [du Trocadero] atualmente ocupada por Rivet; uma cadeira de pré-história no Collège de France (Breuil); uma cadeira na Escola de Altos Estudos [EPHE] (Religião dos povos não civilizados: Mauss); o Instituto de Etnologia da Universidade de Paris [...], instituto de pesquisa e ensino; dois estabelecimentos de utilidade pública subvencionados um pelo governo e por uma fundação pública: a Escola de Antropologia; o outro por uma fundação do Príncipe de Mônaco, o Instituto Internacional de Paleontologia Humana¹⁵⁶.

A forte presença dos membros da Escola Sociológica Francesa no ensino e pesquisa de temas ligados à etnologia fez com que houvesse um quase monopólio dos cargos existentes voltados ao ensino dessa ciência em formação. Os cargos na EPHE, tanto de Mauss quanto de Hubert, fomentaram essa “monopolização” e a institucionalização do uso durkheimiano da etnologia¹⁵⁷. Além disso, Karady comenta que

a ação durkheimiana teve como consequência imediata a elevação de nível universitário do recrutamento dos etnólogos. A passagem da etnologia de amadores à prática científica organizada e exercida pelos únicos profissionais não foi assegurada de um momento a outro. A obra de Mauss, de Hubert e de Hertz, universitários de alto status [...], está certamente na virada dessa transformação, porque foram eles que, pelo seu ensino na EPHE, realizaram os passos decisivos para a reprodução universitária da etnologia em um alto nível. Outros *agrégés* e normalianos os seguiram e os assistiram vivamente a reconversão temática de Durkheim à etnologia, de um professore da prestigiosa Sorbonne, assim como do filósofo Lucien Lévy-Bruhl¹⁵⁸.

¹⁵⁵ Cf. KARADY, V. **op. cit.** Durkheim et les...

¹⁵⁶ No original “Les sciences anthropologiques et ethnologiques sont assez abondamment représentées à Paris. Une chaire d'Anthropologie au Muséum actuellement occupée par M. Rivet; Une chaire de préhistoire au Collège de France (M. Breuil); Une Chaire à l'Ecole des Hautes Etudes (Religion des peuples non civilisés : M. Mauss). L'Institut d'Ethnologie de l'Université de Paris [...], institut de recherches et d'enseignement; Deux établissements d'utilité publique subventionnés l'un par le Gouvernement et par une fondation publique: l'Ecole d'anthropologie; l'autre par une fondation du Prince de Monaco, l'Institut International de Paléontologie Humaine”. (Tradução nossa). In: MAUSS, M. **op. cit.** Les sciences..., p. 344 – 345.

¹⁵⁷ KARADY, V. **op. cit.** Durkheim et les..., p. 27.

¹⁵⁸ No original “L'action durkheimienne a eu pour conséquence immédiate l'élévation du niveau universitaire du recrutement des ethnologues. Certes le passage de l'ethnologie d'amateurs à la pratique scientifique organisée et exercée par les seuls professionnels ne s'est pas accompli d'un moment à l'autre. L'oeuvre de Mauss, d'Hubert et de Hertz, universitaires de haut statut [...] est certainement à la charnière de cette transformation, parce que c'est eux qui, par leur enseignement à l'Ecole pratique, ont réalisé les pas

Dessa forma, os intelectuais recrutados pela empresa durkheimiana, em sua maioria normalianos e *agrégés*¹⁵⁹, possuindo essa formação de alto nível tinham o capital intelectual suficiente para realizarem empreitadas que não eram comuns a outros acadêmicos. Essa conversão intelectual se devia ao fato de haver, no final do século XIX e começo do XX, um crescimento do sistema de ensino e pesquisa francês dando lugar à novas ciências, caso da Pedagogia e Sociologia. “A estratégia universitária dos durkheimianos consistiu, portanto, em utilizar as posições adquiridas nas disciplinas clássicas e transformar o ensino delas – da filosofia principalmente – para suscitar, nesse quadro, uma demanda de instrução e de competência sociológicas”¹⁶⁰.

Assim, no texto em que Mauss apresenta o “estado” das ciências sociais na França, este comenta que no caso da Sociologia havia uma divisão entre os estabelecimentos públicos, e dentro destes uma subdivisão entre as Faculdades de Letras e as de Direito, e os privados. Ao se analisar as posições ocupadas pelos durkheimianos, percebemos a preferência destes para os estabelecimentos públicos e, mais especificamente, as Faculdades de Letras, reforçando o caráter qualitativo da institucionalização buscada por esse grupo. Nesse sentido, Mauss cita em quais instituições haviam cadeiras ligadas ao ensino de Sociologia como as Faculdades de Letras de Paris; a *École Pratique des Hautes Études*, mais especificamente a quarta e quinta seção, sendo nesta última a qual Mauss lecionava; o Centro de Documentação Social, ligada à *École Normale Supérieure*; e no *Collège de France*¹⁶¹. Nesta última instituição, em específico, Mauss aponta que

infelizmente as cátedras de economia política e de sociologia desapareceram momentaneamente, mas serão certamente reestabelecidas iminentemente. O *Collège de France* é dispensado de exames e de diplomas de graduação e, conseqüentemente, de todo o ensino obrigatório e elementar. Suas cadeiras são excelentes postos de pesquisas originais – quando o professor assim quer¹⁶².

décisifs vers la reproduction universitaire de l'ethnologie à un haut niveau. D'autres agrégés et normaliens les suivront et l'on assiste du vivant de Durkheim à la conversion thématique à l'ethnologie d'un professeur de la Sorbonne prestigieux, tel que le philosophe Lucien Lévy-Bruhl”. (Tradução nossa). In: *Ibidem*, pp. 31 -32.

¹⁵⁹ KARADY, Victor. L'expansion universitaire et l'évolution des inégalités devant la carrière d'enseignant au début de la IIIe République. **Revue française de sociologie**. 1973, v. 14, n° 4. pp. 443-470.

¹⁶⁰ No original “La stratégie universitaire des durkheimiens consista donc à utiliser leurs positions acquises dans les disciplines classiques et transformer l'enseignement de celles-ci - de la philosophie avant tout - pour susciter, dans ce cadre, une demande d'instruction et de compétence sociologiques”. (Tradução nossa). In: KARADY, V. **op. cit.** Stratégies..., p. 53.

¹⁶¹ MAUSS, M. **op. cit.** Les sciences..., pp. 348 – 349.

¹⁶² No original “Malheureusement les chaires d'économie politique et de sociologie ont momentanément disparu, mais seront sûrement rétablies prochainement. Le Collège de France est dispensé d'examens et de

A importância do *Collège de France* então é reforçada por Mauss, como um local importante para a realização de pesquisas originais. É interessante notar que o texto em que o sociólogo afirma sobre isso é de apenas um ano antes de ser eleito à essa instituição. Importante perceber também que em um dado momento da defesa de Charles Andler, na última assembleia que definiu sobre a criação da cátedra de Sociologia, este também comenta sobre o caráter essencial desta instituição para a divulgação da Sociologia. Andler afirma que

Talvez seria preciso dar-lhe [à Marcel Mauss] os meios de se realizar plenamente. Nem na Escola de Altos Estudos, nem no Instituto de Etnologia se ensina a sociologia. Ele permanece confinado, como exige de seu ensinamento, nos seus estudos descritivos. Nós podemos lhe fornecer os meios de abordar, finalmente, seu lazer, num ensino que completaria de se desenvolver, o inteiro sistema de suas ideias. Essa não seria somente uma alta consagração, mas, para Mauss e seu grupo, a possibilidade de aperfeiçoar uma obra¹⁶³.

Além disso, Karady sugere sobre a importância desta instituição francesa dentro do sistema de ensino e pesquisa francês. Este afirma que

uma carreira de erudição na Escola de Altos Estudos [EPHE] – instituição marginal universitariamente desclassificada – poderia terminar no *Collège de France* – igualmente marginal no estudo superior (e como instituição fora de todo ciclo de estudos organizados) mas intelectualmente “*sur-classé*”, isto é, paradoxalmente, dotado de uma máximo de legitimidade institucional -, certos porta-vozes mais notórios da Escola Sociológica (Simiand e Mauss) conseguiram mais tarde atingir o auge da hierarquia institucional e confirmar involuntariamente a ilusão de um sucesso acadêmico total de sua disciplina¹⁶⁴.

Contudo, apesar de Karady ser crítico quanto ao sucesso acadêmico da Sociologia e à importância do *Collège de France*, é possível entendermos sua posição. Karady aponta

collation des grades et, par conséquent, de tout enseignement obligatoire et élémentaire. Ces chaires sont d'excellents postes de recherches originales — quand le professeur le veut”. (Tradução nossa). In: Idem.

¹⁶³ No original “peut-être faudrait-il lui donner le moyen de se réaliser pleinement. Ni à l'École des Hautes Études ni à l'Institut d'Ethnologie il n'enseigne la sociologie. Il reste confiné, comme l'exige son enseignement, dans des études descriptives. Nous pouvons lui fournir le moyen d'aborder enfin à loisir, dans un enseignement qui achèverait de le développer, le système entier de ses idées. Ce ne serait pas seulement une haute consécration mais, pour Mauss et pour son groupe, la possibilité de parachever une œuvre”. (Tradução nossa). In: ANDLER, C. **op. cit.** Proposition..., p. 165.

¹⁶⁴ No original “une carrière d'érudition à l'École des Hautes Etudes — institution marginale universitairement déclassée — pouvait déboucher au Collège de France — également marginal dans le haut enseignement (en tant qu'institution hors de tout cycle d'études organisé) mais intellectuellement sur-classé, c'est à-dire, paradoxalement, doté du maximum de légitimité institutionnelle —, certains des porte-parole les plus notoires de l'École sociologique (Simiand et Mauss) ont réussi sur le tard à rejoindre le sommet de la hiérarchie institutionnelle et confirmer involontairement l'illusion d'un succès académique total de leur discipline”. (Tradução nossa). In: KARADY, V. **op. cit.** Stratégies..., pp. 62 – 63.

sobre um não sucesso pois seria somente após a Segunda Guerra Mundial que a ciência e a disciplina de Sociologia conquistaria um lugar definitivo no sistema de ensino e pesquisa francês, principalmente após a criação de uma *agrégation* em Sociologia. Porém, entendemos que o fato da Escola Sociologia Francesa ser o principal expoente desta disciplina na virada do século XIX para o XX até antes da Segunda Guerra, tendo após a morte de Durkheim sido Mauss o principal condutor desse projeto, uma mostra da importância deste grupo para o fortalecimento inicial desta nova ciência que buscava se institucionalizar e propor uma chave teórico-metodológica passível de ser utilizada também pelas outras ciências humanas. Com isso, é possível entendermos, de acordo com Karady, que a equipe durkheimiana não atingiu um sucesso institucional no sentido quantitativo, devido à quantidade restrita de postos universitários destinados ao ensino de Sociologia ou próximos à essa ciência, porém conseguiram alçar importantes membros da Escola Sociológica Francesa a posições de destaque no sistema de ensino e pesquisa francês, principalmente em instituições localizadas em Paris, centro intelectual de maior importância na França.

3. UMA CONVERSA ENTRE SABERES: A RELAÇÃO ENTRE A SOCIOLOGIA E A ARQUEOLOGIA NOS TRABALHOS DE MARCEL MAUSS (1930 – 1940)

Neste capítulo buscaremos abordar como Marcel Mauss, principalmente em seus trabalhos enquanto professor do *Collège de France*, relacionava a Sociologia e a Arqueologia. A aproximação de Mauss com a esta ciência deveu-se em grande medida à sua longa parceria com o arqueólogo-sociólogo Henri Hubert. Gerou também publicações de trabalhos em conjunto e uma influência recíproca entre eles, como orientações de estudantes, trabalhos em museus, entre outros. Além disso, também trataremos sobre a situação da Arqueologia na França entre meados do século XIX até o início do século XX, já que esta ciência, assim como a Sociologia, buscava se consolidar no sistema de ensino e pesquisa francês.

3.1 HENRI HUBERT (1872 – 1927) E A ARQUEOLOGIA FRANCESA

Henri Hubert nasceu em Paris em 23 de junho de 1872, mesmo ano que Marcel Mauss. Oriundo de uma família burguesa, foi incentivado pelo seus pais a possuir interesses intelectuais e artísticos. Desde cedo, obteve uma excelente educação, indo estudar no *lycée Louis-le-Grand*, renomado liceu parisiense, onde conquistou o primeiro lugar no *Concours Général* (Concurso geral) em grego¹⁶⁵. Em 1892, Hubert consegue sua *licence de lettres* na Sorbonne e é admitido na *École Normale Supérieure*, onde trabalha como assistente do bibliotecário Lucien Herr. Após três anos na ENS, é aprovado no concurso de *agrégation* em História e Geografia, em que consegue a terceira colocação¹⁶⁶. Assim como Marcel Mauss, após o concurso, Henri Hubert opta por continuar seus estudos na EPHE, onde se matricula na quarta e quinta seções, assistindo cursos dos professores: abade Quentin, R. Scheil, J. Halévy, Israël Lévi, entre outros. É neste momento, durante o curso de Israël Lévi, que Mauss e Hubert se conhecem e se aproximam¹⁶⁷.

¹⁶⁵ LORRE, Christine. Henri Hubert. Disponível em: <http://www.inha.fr/fr/ressources/publications/publications-numeriques/dictionnaire-critique-des-historiens-de-l-art/hubert-henri.html>. Acesso em 12 de julho de 2016.

¹⁶⁶ FOURNIER, M. **op. cit.** Marcel Mauss..., p. 48 – 51.

¹⁶⁷ Idem.

Marcel Mauss apresentou Hubert à Durkheim no período em que este estava planejando o lançamento da *l'Année Sociologique*.

Introduzido à Émile Durkheim, do qual ele será um dos mais próximos colaboradores, Hubert joga um papel essencial na fundação da *L'Année Sociologique* e contribui com o sobrinho [Mauss], que o considera como seu “gêmeo de trabalho”, na introdução e desenvolvimento das teses durkheimianas nos domínios de história das religiões, da mitologia, da etnografia comparada e da proto-história¹⁶⁸.

Ao longo dos anos em que Hubert contribuiu com a AS, este chegou a escrever aproximadamente 410 resenhas para a revista, estando entre os colaboradores mais assíduos da publicação. Em 1898, Henri Hubert aceita o posto de *attaché libre*, oferecido por Salomon Reinach, no Museu de Antiguidades Nacionais de Saint-Germain-en-Laye. O arqueólogo trabalhou neste local durante onze anos e pôde aprofundar suas pesquisas em temas como a Idade do Bronze, a época de Hallstatt, cerâmicas galo-romanas, entre outros. Pouco tempo depois, em 1901, consegue outro posto de trabalho, dessa vez na EPHE, como *maître de conférence* na seção de ciências religiosas (quinta seção), onde lecionava no curso sobre Religiões Primitivas na Europa¹⁶⁹.

A primeira década do século XX foi um fecundo período da parceria Mauss-Hubert. A publicação de textos importantes logo no começo da carreira de ambos auxiliou-os a ganhar notoriedade e serem reconhecidos como pesquisadores sérios. Os principais trabalhos em conjunto, nesse período, foram o *Essai sur la nature et la fonction du sacrifice*, publicado em 1899 em *l'Année Sociologique*; *Esquisse d'une théorie générale de la magie*, publicado em 1904 também na AS; *Introduction à l'analyse de quelques phénomènes religieux*, publicado em 1908 na *Revue de l'Histoire des Religions*; e, por fim, *Mélanges d'histoire des religions* livro publicado em 1909 pela editora Alcan que reunia alguns dos trabalhos já publicados de Mauss e Hubert¹⁷⁰.

Henri Hubert também esteve próximo de um grande debate sobre a questão da Arqueologia na França, auxiliando na formatação de um projeto de lei que legislava sobre os achados arqueológicos na França. Após a Primeira Guerra Mundial e o grande impacto

¹⁶⁸ No original: “Introduit auprès d'Émile Durkheim dont il sera l'un des plus proches collaborateurs, Hubert joue un rôle essentiel lors de la fondation de *L'Année sociologique* et contribue avec le neveu, qui le considère comme son « jumeau de travail », à l'introduction et au développement des thèses durkheimiennes dans les domaines de l'histoire des religions, de la mythologie, de l'ethnographie comparée et de la protohistoire”. (Tradução nossa). In: LORRE, C. **op. cit.**, p. 3.

¹⁶⁹ Idem.

¹⁷⁰ GUGLER, Josef. Bibliographie de Marcel Mauss. **L'homme**. 1964, v. 4, n. 1, p. 105 - 112.

que esta teve na equipe durkheimiana, Hubert continua sua atividade profissional com intensidade. Além de retomar seu curso sobre “Religiões Primitivas na Europa” na EPHE, também volta ao seu posto de trabalho no Museu de Antiguidades Nacionais, além de trabalhar com temas sobre aspectos metodológicos da arqueologia e sobre preservação do patrimônio¹⁷¹.

É importante entender, nesse sentido, um pouco sobre como a ciência arqueológica estava presente na França entre os séculos XIX e XX, principalmente por também se encontrar em uma frágil posição institucional. Porém, antes da arqueologia, era o antiquarismo que possuía força na Europa, principalmente entre os séculos XVII e XVIII. Segundo Alain Schanpp¹⁷², foi em 1612 que ocorreu a primeira publicação de um guia de antiguidades na França, realizado por Paul Petau, que era um catálogo de objetos.

É com o Renascimento que a ciência do “antiquarismo” ganha força na Europa, sendo esta considerada como a origem da arqueologia. Flávio Biondo, um tabelião da Cúria pontifícia, é um dos primeiros a publicar um guia arqueológico. A geração de antiquários de Biondo e seus respectivos sucessores empregaram seus trabalhos à descrever cuidadosamente os monumentos, desenvolvendo técnicas rudimentares da topografia arqueológica¹⁷³. O interesse do Renascimento para com a Antiguidade auxiliou a difusão do antiquarismo pela Europa. No século XVIII, mais preocupados do que descobrirem novos documentos, os antiquários europeus buscaram sistematizar os conhecimentos já adquiridos, se apoiando em instituições intelectuais como a *Académie des Inscriptions et Belles Lettres* na França. Um importante trabalho que marca esse período é o livro de J. J. Winckelmann, *História da Arte na Antiguidade* (1764), considerado o primeiro ensaio de uma história da arte antiga que busca recolocar as obras em seu contexto. “Com Winckelmann, a curiosidade antiquária se desloca da descrição à interpretação e esse deslocamento lança as bases de uma nova maneira de se interessar pelo passado”¹⁷⁴.

¹⁷¹ LORRE, C. *op. cit.* .p.4.

¹⁷² SCHNAPP, Alain. Histoire de l'archéologie et l'archéologie dans l'histoire. In: DEMOULE, J-P.; et al. **Guide des méthodes de l'archéologie**. 3^a ed. Paris: La Découverte, 2009, pp. 9 – 39.

¹⁷³ Idem.

¹⁷⁴ No original “Avec Winckelmann, la curiosité antiquaire se déplace de la description à l'interprétation et ce déplacement jette les bases d'une nouvelle manière de s'intéresser au passé”. (Tradução nossa). In: *Ibidem*, p. 20.

No começo do século XIX, os métodos da ciência antiquária mudam consideravelmente. As descobertas de outras civilizações na África, América e Oriente revelam novas possibilidades de pesquisa. Em Copenhague, C. J. Thomsen reorganiza alguns museus de Antiguidade Nórdicas seguindo uma ordem evolucionista criando, dessa forma, um sistema com três eras sucessivas: pedra, bronze e ferro. Com essas mudanças de metodologia também na França, com Champollion traduzindo parte dos hieróglifos egípcios e na Itália, com o *Instituto di Corrispondenza archeologica*, uma instituição científica cujo objetivo principal é a publicação e interpretação dos monumentos com métodos precisos, a ciência arqueológica vai ganhando método e se institucionalizando aos poucos.

“Podemos considerar que, no meio do século XIX, as diferentes correntes e as diferentes tradições da arqueologia convergem, para além de suas singularidades, para formar uma ciência unificada”¹⁷⁵. Essa convergência se dá na direção na utilização de métodos e procedimentos similares. Além disso, a arqueologia foi surgindo como uma ciência dividida entre as ciências humanas e as naturais. De um lado, a arqueologia histórica que privilegia as fontes textuais, as descobertas epigráficas, os conjuntos monumentais. Do outro, a arqueologia naturalista que se atenta para as origens do homem, baseando-se na geologia e paleontologia. Segundo Schnapp, “a arqueologia é, portanto, filha do antiquarismo [...]. Na metade do século XIX, essa relação se exprime nos programas, nas práticas, como nas instituições da ciência arqueológica”¹⁷⁶.

Contudo, essa formação das ciências arqueológicas não ocorreu calmamente, pelo menos na França. Neste país houve intensos debates que concerniam à ciência arqueológica, à pré-história e quem possuía o direito de realizar escavações. Estes debates chegaram ao auge com o chamado “caso Hauser” que levou sociedades eruditas, intelectuais, jornais locais e nacionais, e o governo francês a discutirem sobre a questão da arqueologia pré-histórica em território francês.

¹⁷⁵ No original “On peut considérer qu’au milieu du XIXe siècle les différents courants et les différentes traditions de l’archéologie convergent, par-delà leurs singularités, pour former une science unifiée”. (Tradução nossa). In: *Ibidem*, p. 22.

¹⁷⁶ No original “L’archéologie est donc fille de l’antiquarisme, [...]. Au milieu du XIXe siècle, cette relation s’exprime dans les programmes, les pratiques, comme les institutions de la science archéologique”. (Tradução nossa). In: *Ibidem*, p. 26.

Otto Hauser foi um historiador da pré-história e antiquário suíço que além de realizar escavações em algumas partes da Europa, incluindo a França, tinha o costume de vender os objetos encontrados. Hauser, após a polêmica em que estava envolvido, torna-se um símbolo da exploração comercial dos depósitos arqueológicos franceses, aumentando também a *germanofobia* na ciência francesa¹⁷⁷. Esse episódio do caso Hauser oferece “aos partidários de uma profissionalização e de uma jurisdição das escavações a ocasião de exprimir abertamente sua vontade de romper com as práticas laboriosas de amadores isolados e a necessidade de passar à um controle dos trabalhos realizados sobre o terreno”¹⁷⁸.

Otto Hauser chegou em Périgord, na França, em 1898 e logo começou a empreender escavações em diversos terrenos que havia comprado. Após achar alguns objetos começa-os a vender através de catálogos. Em 1907, um artigo escrito por Camille Jullian na *Revue des études anciennes* denuncia as ações praticadas pelo arqueólogo suíço e reacende o debate sobre a regulamentação das escavações em território francês. Este debate já vinha ocorrendo desde 1900 em congressos internacionais, mas é em 1905 durante o Congresso pré-histórico da França, organizado pela Sociedade pré-histórica da França (SPF), que os eruditos dessa sociedades intensificam as discussões sobre a regulamentação estatal, visto que as sociedades eram compostas majoritariamente por amadores¹⁷⁹. A SPF clama ser alvo de uma campanha hostil perpetrada por “intelectuais oficiais” de grandes instituições científicas tradicionais.

Após a publicação do artigo de Jullian, outros jornais, tanto locais quanto nacionais, prosseguem em divulgar a história do suíço que estava vendendo relíquias francesas. Em fins de 1908 parecia haver um consenso entre a comunidade historiadores da pré-história e arqueólogos sobre a necessidade de se proteger as escavações de depósitos pré-históricos. A mobilização neste circuitos é tanta que após o caso Hauser ganhar destaque nacional e suscitar discussões, o Estado francês, através de Aristide Briand, presidente do Conselho e Ministro do Interior e dos cultos, e de Gaston

¹⁷⁷ HUREL, Arnaud. **La France préhistorienne de 1789 à 1941**. Paris: Éditions du CNRS, 2007, pp. 149 – 152.

¹⁷⁸ No original “[...] aux tenants d’une professionnalisation et d’une juridisation des fouilles l’occasion d’exprimer ouvertement leur volonté de rompre avec les pratiques laborieuses d’amateurs isolés et la nécessité de passer à un contrôle des travaux menés sur le terrain”. (Tradução nossa). In: *Ibidem*, p. 151.

¹⁷⁹ *Ibidem*, pp. 155 – 158.

Doumergue, Ministro da Instrução Pública e Belas-Artes, propõe um projeto de lei relativo às escavações¹⁸⁰. O projeto de lei contou com a colaboração de intelectuais ligados às instituições oficiais, como museus e universidades, e também de eruditos ligados às sociedades com essa temática. As discussões entorno desse projeto também foram acaloradas devidos a pontos considerados polêmicos para os arqueólogos amadores, como a possibilidade da intervenção estatal em escavações empreendidas por aqueles. De acordo com Arnaud Hurel, o projeto de lei fez com que houvesse uma radicalização entre a oposição das províncias à Paris, dos amadores aos intelectuais oficiais de grandes instituições científicas¹⁸¹. Após discussões entre os que aprovavam o projeto, em sua maioria os intelectuais de instituições “oficiais”, e os que o recusavam, grande parte das sociedades de eruditos ligados à arqueologia, etnologia, paleontologia, entre outros, ele vai desaparecer dentre outras propostas na Câmara dos Deputados. Assim, no final de 1911, já não havia mais um debate sobre a aprovação ou não, somente a comemoração por parte do secretário-geral da SPF pelo esquecimento do projeto¹⁸².

Contudo, para além das sociedades eruditas e os seus arqueólogos amadores, houve a entrada da ciência arqueológica e etnológica em postos no sistema de ensino e pesquisa francês. Apesar destes poucos postos, o ensino oficial da pré-história vai ser confinado à uma marginalidade acadêmica até meados do século XX. O primeiro centro de ensino está ligado à *Société d'Anthropologie de Paris* (SAP), criada em 1859, por Paul Broca. Em 1867, Broca anexa à sociedade um laboratório de estudos destinado à iniciação de alunos e ensino de métodos de pesquisa. No ano seguinte, com a criação da EPHE, o laboratório é anexado à essa nova instituição, onde Broca passa a lecionar regularmente. A criação da Escola de Antropologia também auxiliou na divulgação da antropologia pré-histórica, tendo um sucesso real até a primeira década do século XX¹⁸³. Com cursos gratuitos e públicos, essa Escola, entre 1877 e 1896, chegou a receber milhares de ouvintes.

Paul Broca, em 1881, abre um curso complementar de antropologia na Faculdade de Ciências de Lyon, associado ao Museu de História Natural de Lyon. Em 1909, o curso muda de titulação, sendo agora de antropologia e paleontologia humana. Dez anos mais

¹⁸⁰ Ibidem, p. 191.

¹⁸¹ Ibidem, p. 195.

¹⁸² Ibidem, pp. 196 – 202.

¹⁸³ Ibidem, pp. 220 – 224.

tarde, o curso passa a ser um requerimento obrigatório para o alunos de geologia. Além dessa faculdade, no final do século XIX, a Escola do Louvre, o *Collège de France*, a Sorbonne e a Escola de Chartes possuíam cursos próximos à arqueologia. Em 1905, com o curso de Camille Jullian, e em 1929, com a entrada de Breuil, o CF conta com duas cadeiras ligadas ao ensino da pré-história. Por fim, outro importante centro de pesquisa ligado à antropologia e, conseqüentemente, à pré-história é o Instituto de Etnologia criado por Paul Rivet, Lucien Lévy-Bruhl e Marcel Mauss em 1925. A intenção desse instituto era a formação de etnólogos profissionais, a publicação de obras e o financiamento de missões de estudo etnográfico¹⁸⁴.

3.2 “GEMÊOS DE TRABALHO”: A PARCERIA MAUSS-HUBERT

Como já referido, a publicação do trabalho *Ensaio sobre a Natureza e Função do Sacrifício* (1899), de Marcel Mauss e Henri Hubert, deu início à uma longa parceria de colaborações entre ambos. Apesar de terem publicado somente outros três textos juntos, sem contar as diversas resenhas publicaram em conjunto, ambos buscaram estudar e analisar temas em comum. Dessa forma, é importante conhecermos um pouco dos trabalhos publicados em conjunto entre Mauss e Hubert. Além, também, dos cursos dados por Mauss enquanto professor na EPHE, para compreendermos quais as temáticas presentes em suas obras e como estas influenciaram seus trabalhos futuramente, principalmente entre 1930 e 1940.

Desde o começo de seus trabalhos é possível perceber como ambos estavam próximos da sociologia e dos métodos sociológicos. É interessante perceber o modo como ambos os jovens trabalhavam em conjunto. Segundo nos revela Fournier sobre a publicação do ensaio sobre o sacrifício,

tudo foi feito através do correio. Hubert e Mauss escreveram e reescreveram o esboço, trocaram suas anotações, discutiram uma questão ou outra em suas cartas, adicionaram informações e corrigiram as versões preliminares. Eles tiveram que aprender a trabalhar juntos, dividir a tarefa enquanto levando em conta a área de competência de cada um¹⁸⁵.

¹⁸⁴ Ibidem, p. 228.

¹⁸⁵ No original “Everything was done through the mail. Hubert and Mauss wrote and rewrote the outline, exchanged their note cards, discussed one question or another in their letters, added information, and corrected the preliminary versions. They had to learn to work together, divide up the task while taking each other’s area of competence into account”. (Tradução nossa). In: FOURNIER, M. **op. cit.** Marcel Mauss, p. 74.

Além disso, trabalhar com o tema do sacrifício revela a ambição destes dois jovens intelectuais no início de suas carreiras, já que este estava envolto de polêmicas. O trabalho “possui uma dimensão deliberadamente polêmica. Nele, Hubert e Mauss criticam vários autores”¹⁸⁶. Podemos perceber essas críticas logo nas primeiras páginas do ensaio quando afirmam que

o grande defeito desse sistema [proposto por Frazer e completado por Smith] é querer reduzir as formas tão múltiplas do sacrifício à unidade de um princípio arbitrariamente escolhido. Antes de mais nada, a universalidade do totemismo, ponto de partida de toda a teoria, é um postulado. O totemismo só aparece em estado puro em algumas tribos isoladas da Austrália e da América. Colocá-lo na base de todos os cultos teriomórficos é fazer uma hipótese talvez inútil, e em todo caso impossível de verificar¹⁸⁷.

Além de criticarem grandes nomes da sociologia britânica daquele período, Robertson Smith e James Frazer, também apontam para a fragilidade do uso do sistema teórico, o totemismo, da forma como fora utilizado por eles para estudar a questão sacrificial. Nesse sentido, Mauss e Hubert afirmam que um dos objetivos do trabalho é o de “mostrar que a eliminação de um caráter sagrado, puro ou impuro, é um elemento primitivo do sacrifício, tão primitivo e tão irredutível quanto a comunhão. Se o sistema sacrificial tem sua unidade, ela deve ser buscada noutra parte”¹⁸⁸. Com isso, os jovens pesquisadores revelam que “procuraremos [Mauss e Hubert] estudar corretamente fatos típicos. Esses fatos, nós os tomaremos particularmente dos textos sânscritos e da Bíblia”¹⁸⁹.

Após a análise de diversos documentos, como os textos védicos, brâmanes e cristãos e uma análise minuciosa da ritualística do sacrifício, Mauss e Hubert chegam à conclusão de que “as noções religiosas, por serem objeto de crença, existem; existem objetivamente, como fatos sociais. As coisas sagradas em relação às quais funciona o sacrifício são coisas sociais. E isso basta para explicar o sacrifício”¹⁹⁰. Com isso, percebemos a influência da teoria durkheimiana desde os trabalhos iniciais tanto de Mauss quanto de Hubert. O ensaio, portanto, se insere dentro da lógica da equipe

¹⁸⁶ No original “[Essay on the Nature and Function of Sacrifice] has a deliberately polemical dimension. In it Hubert and Mauss criticize various authors”. (Tradução nosas). In: *Ibidem*, p. 71.

¹⁸⁷ HUBERT, H.; MAUSS, M. **Sobre o sacrifício**. São Paulo: Cosac Naify, 1ª ed., 2013 [1899], p. 13.

¹⁸⁸ *Ibidem*, p. 15.

¹⁸⁹ *Idem*.

¹⁹⁰ *Ibidem*, p. 109.

durkheimiana de buscar analisar a questão do fato social através do método sociológico, principalmente o método comparativo.

O ensaio seguinte de Hubert e de Mauss, *Esquisse d'une théorie générale de la magie* (1904) (Esboço de uma teoria geral da magia), lançado alguns anos após o trabalho sobre o sacrifício, também é importante para entender mais dos frutos dessa parceria. Da mesma forma, eles iniciam o texto fazendo uma crítica às teorias precedentes, como as de James Frazer e Edward Tylor, porém também reconhecendo a importância destes. Segundo Hubert e Mauss,

devemos estudar paralelamente magias de sociedades muito primitivas e magias de sociedades muito diferenciadas. É nas primeiras que encontraremos, em sua forma perfeita, os fatos elementares, os fatos-origens dos quais os outros derivam; as segundas, com sua organização mais completa, suas instituições mais distintas, fornecerão fatos mais inteligíveis para nós, que nos permitirão compreender os primeiros¹⁹¹.

A partir disso, os jovens intelectuais passam a apontar quais fontes eles usariam para o trabalho. A partir do método comparativo entre diferentes sociedades, algo próximo ao que eles haviam feito no trabalho sobre o sacrifício, usaram documentos referentes à magia “de algumas tribos australianas; as de um certo número de sociedades melanésias; as de duas das nações de origem iroquesa, Cherokee e Huron, e, entre as magias algonquinas, a dos Ojibwa. Levamos igualmente em consideração a magia do antigo México”¹⁹². Por fim, Marcel Fournier comenta que “não somente Hubert e Mauss escreveram um novo capítulo da sociologia religiosa; eles também proveram uma contribuição para o estudo das representações coletivas”¹⁹³. Vemos, então, novamente a aproximação teórico-metodológica entre os projetos de Hubert e Mauss e os de Durkheim e da equipe durkheimiano.

Além disso, Hubert e Mauss ainda publicaram outros dois trabalhos em conjunto. Um em 1908, *Introduction à l'analyse de quelques phénomènes religieux* (1908) (Introdução à análise de alguns fenômenos religiosos), publicado na *Revue de l'Histoire des Religions*. O outro foi a publicação de um compêndio que reunia alguns trabalhos dos

¹⁹¹ HUBERT, H; MAUSS, M. Esboço de uma teoria geral da magia. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015, pp. 50 – 51.

¹⁹² Idem.

¹⁹³ No original “not only did Hubert and Mauss write a new chapter of religious sociology; they also provided a contribution to the study of collective representations”. (Tradução nossa). In: FOURNIER, M. **op. cit.** Marcel Mauss..., pp. 137 – 138.

dois pesquisadores e um texto inédito de Henri Hubert. Esta coleção chamou-se *Mélanges d'histoire des religions* (1909) (Miscelânea de História das Religiões). Este livro buscou expor o conjunto de trabalhos preparados por Hubert e Mauss e, segundo Fournier “o objetivo [dos trabalhos] era descobrir o fenômeno universal da vida social, ligando-os solidamente no estudo de instituições particulares: sacrifícios, mágica, formas de classificação”¹⁹⁴. A publicação logo causou impacto entre sociólogos, antropólogos e historiadores da religião, recebendo críticas, mas também diversos elogios aos trabalhos.

Além destes, também é interessante conhecer os cursos que Mauss estava lecionando na EPHE, onde tinha posto de trabalho desde 1901. Mauss trabalhava com a temática da religião, da qual era próximo. “Seu método foi inspirado pela tradição estabelecida pelo seu predecessor, Léon Marillier: o estudo crítico de documentos como um grupo. Havia uma considerável documentação etnográfica”¹⁹⁵. Dessa forma, o sociólogo buscou trabalhar com o formato de seminário durante seu curso, analisando documentações pertinentes e também trabalhos já realizados sobre tais documentações. De acordo com o próprio sociólogo,

em minha cadeira de história das religiões dos povos não-civilizados, eu fui fiel ao título barroco que carregava e ao espírito da Escola de Altos Estudos. Eu ensinei somente a partir de um ponto de vista historicamente rigoroso, crítico e não comparativo, mesmo quando os fatos que eu estava estudando me interessavam somente a partir de um ponto de vista comparativo. Eu nunca pratiquei sociologia militante¹⁹⁶.

Assim, de 1900, quando adentrou à EPHE como professor substituto, até 1914, quando já estava efetivado, os cursos dado por Mauss tiveram diversas temáticas.

Tabela 2.1 – Cursos dados por Marcel Mauss na *École Pratique des Hautes Études*, 1900 – 1914.

Ano do curso	Título do curso
1900 – 1901	História concisa das religiões da Índia;

¹⁹⁴ No original “The objective was to discover the universal phenomena of social life, solidly grounding them in the study of particular institutions: sacrifices, magic, forms of classification”. (Tradução nossa). In: Ibidem, p. 148.

¹⁹⁵ No original “His method was inspired by the tradition established by his predecessor, Léon Marillier: the critical study of documents as a group. There was considerable ethnographic documentation”. (Tradução nossa). In: Ibidem, p. 92.

¹⁹⁶ No original “In my chair in the history of the religions of uncivilized peoples, I was faithful to the baroque title it bore and to the spirit of the *École des Hautes Études*. I taught only from a rigorously historical, critical, noncomparative point of view, even when the facts I was studying interested me only from a comparative point of view. I never practiced militant sociology”. (Tradução nossa). In: MAUSS, M. **apud**. FOURNIER, M. Ibidem, p. 91.

	Análises de vários sistemas de filosofia e explicação dos textos védicos.
1901 – 1902	História e explicação dos textos filosóficos de yoga; Estudos das formas elementares de reza; Estudo crítico de documentos sobre magia entre os melanésios.
1902 – 1903	Teoria das formas elementares de reza (Austrália, Melanésia); Explanação crítica e analítica de textos etnográficos sobre magia na Melanésia.
1903 – 1904	Estudo crítico e analítico de documentos etnográficos sobre relações entre a família e religião na América do Norte; Teoria geral de magia e sua relação com a religião.
1904 – 1905	Explanação crítica e analítica de textos etnográficos concernentes às relações entre a família e a religião na América do Norte; Análise de noções básicas de magia.
1905 – 1906	Explanação crítica e analítica de textos etnográficos concernentes às relações entre a religião e a família nas sociedades americanas do noroeste; Sociedades secretas na América do Norte.
1906 – 1907	1º semestre: Estudo de textos etnográficos concernentes às proibições ritualísticas na Polinésia. 2º semestre: Compilação de instruções etnográficas para observar populações das colônias francesas na África Ocidental e no Congo; Estudo dos sistemas religiosos africanos.
1907 – 1908	1º semestre: Instruções para sociologia descritiva (continuação). 2º semestre: Explicação de documentos etnográficos concernentes aos sistemas religiosos da África; Relações entre religião e clãs entre os índios Pueblo.
1908 – 1909	1º semestre: Estudo crítico e analítico de documentos concernentes às religiões na África. (Substituto temporário para as conferências de terça-feira de R. Hertz). 2º semestre: Origens de rituais orais - Austrália
1909 – 1910	Teoria da origem de rituais orais; Explicação crítica e analítica de documentos concernentes às proibições ritualísticas na Nova Zelândia.
1910 – 1911	Teoria da origem de rituais formulários; Explicação de documentos concernentes aos serviços econômicos, religiosos e legais entre os clãs nas tribos indígenas no noroeste americano.
1911 – 1912	Linguagem religiosa e linguagem secular; Análise de documentos etnográficos concernente aos serviços econômicos, religiosos e legais entre fraternidades e clãs no noroeste americano.
1912 – 1913	Formas primitivas de linguagem religiosa; Formas primitivas de contratos e trocas coletivas na Nova Guiné.
1913 – 1914	Teoria da origem da crença na virtude de fórmulas: Organização crítica de documentos concernentes às organizações legais e religiosas.

Fonte: Adaptado de FOURNIER (2006)

A partir dos títulos podemos perceber as diversas temáticas que Marcel Mauss trabalhava e a diversidade de fontes que utilizava. Indo da utilização de textos religiosos védicos da Índia até documentos etnográficos do noroeste americano, passando por fontes

da Melanésia, Nova Guiné e do continente africano. Apesar de comentar sobre não fazer uma sociologia militante e focar na questão histórica das religiões, ele também buscou estar próximos de ciências as quais ele possuía afinidade, como a etnografia e a linguista. Porém, seus cursos foram interrompidos no ano de 1914 devido à Primeira Guerra Mundial, do qual Mauss participou na *front* de batalha. Após a guerra, quando retomou seus cursos em 1920, o sociólogo continuou alocado à seção de ciências religiosas da EPHE e, portanto, dando aulas sobre a temática da religião. Com isso, Mauss esteve à frente da cátedra de História das Religiões dos Povos não Civilizados até 1940 quando sofreu uma aposentadoria compulsória, tanto da EPHE quanto do CF, devido às leis raciais do governo de Vichy.

Tabela 2.2 – Cursos dados por Marcel Mauss na *École Pratique des Hautes Études*, 1920 – 1940.

Ano do curso	Título do curso
1920	Análise de documentos (Baldwin Spencer, Stuhler); Análise de documentos do Thurnwald sobre a tribo Buiss.
1920 – 1921	Origens da crença na eficácia das fórmulas (Austrália); Organização política e religiosa na Melanésia.
1921 – 1922	Explicação do texto de August Comte sobre o fetichismo, com C. Akamatsu.
1922 – 1923	Ritos orais australianos; Sociedades secretas e sociedades de homens na Melanésia.
1923 – 1924	Poesia australiana dramática; Análise de documentos concernentes às religiões nigritianas.
1925 – 1926	Mesmo curso de 1924 – 1925.
1926 – 1927	Rituais orais australianos, ritual moral e ritual negativo; Sudão francês.
1927 – 1928	Tabus linguísticos na Austrália; Análise dos documentos de Wirz sobre o Marind-Anim (Nova Guiné).
1928 – 1929	Ritos orais negativos na Austrália; Explicação de documentos concernentes ao ritual e mitologia (Nova Guiné).
1929 – 1930	Formas elementares de ritual oral na Austrália; A relação entre mito e rito na Papua Nova Guiné.
1930 – 1931	Ritual oral na Austrália; A relação entre mitologia e ritual na Papua Nova Guiné.
1931 – 1932	A relação entre mito e rito nas religiões australianas; A relação entre religião e arte no Ashanti.
1932 – 1933	As religiões e civilizações dos povos siberianos do leste e nordeste; Características da religião Maori (Polinésia).
1933 – 1934	Explicação de documentos concernentes às religiões do noroeste asiático; Estudo de documentos concernentes às religiões polinésias.
1934 – 1935	As noções cosmológicas das populações do nordeste da Ásia; Documentos Maori concernentes à cosmologia.

1935 – 1936	Estudo de documentos concernentes às cosmologias e cultos da natureza entre as populações do nordeste da Ásia; Estudo do livro <i>Antiguidades Havaianas</i> .
1936 – 1937	Xamanismo e cosmologia nas sociedades do nordeste da Ásia; Estudo dos rituais maiores no Havaí – a edificação do Templo de Guerra.
1937 – 1938	Estudo do livro <i>Jardins de Coral</i> de Malinowski; Estudo dos documentos da cosmologia havaiana.
1938 – 1939	Jogos e cosmogonias na Polinésia e América do Norte; Jogos de bola e noções da cosmologia e cosmogonia na América.

Fonte: Adaptado de FOURNIER (2006)

No cursos entre 1920 e 1940 percebemos uma maior ocorrência do estudo de fontes, documentos e livros ligados à etnologia, principalmente no que se referiam à Ásia e América do Norte. Dessa forma, é interessante notarmos como a edição das obras póstumas de Henri Hubert, quando Mauss já era catedrático no *Collège de France*, o influenciou em suas pesquisas e cursos que este deu durante o período de 1930 e 1940. O caráter mais etnológico dos cursos pode ser explicado pela criação do Instituto de Etnologia em 1925, da qual Mauss foi um dos fundadores.

3.3 ARQUEOLOGIA E SOCIOLOGIA SE ENCONTRAM NO COLLÈGE DE FRANCE (1930 – 1940)

Quando, em maio de 1927, Henri Hubert falece após complicações de saúde, Marcel Mauss se encarrega de organizar os trabalhos incompletos do arqueólogo e fazer os ajustes finais naqueles que estavam quase prontos. “Atuando como testamenteiro literário, Mauss tinha de organizar os trabalhos de seu amigo, realizar um inventário de seus livros e preparar seu manuscritos para publicação, uma tarefa considerável”¹⁹⁷. Assim, Mauss esteve em um maior contato com os temas que Hubert vinha trabalhando, principalmente a questão da sociologia dos povos celtas e germânicos. O arqueólogo-sociólogo estava trabalhando nos livros *Les Celtes et l'expansion celtique jusqu'à l'époque de La Tène* (1932); *Les Celtes depuis l'époque de la Tène et la civilisation celtique* (1932); e, *Les Germains: Cours professé à l'école du Louvre en 1924-1925* (1952). Além disso, também havia publicado, em 1925 e 1927, dois artigos sobre os povos celtas na *Revue celtique* que, como o nome indica, era especializada em publicações sobre tal tema¹⁹⁸.

¹⁹⁷ No original “Acting as literary executor, Mauss had to organize his friend’s papers, do an inventory of his library, and prepare his manuscripts for publication, a considerable task”. (Tradução nossa). In: FOURNIER, M. **op. cit.** Marcel Mauss..., p. 253.

¹⁹⁸ LORRE, C. **op. cit.**, p. 9.

Dessa forma, podemos perceber que estes temas relativos aos povos celtas e germânicos em alguns trabalhos e cursos no CF de Marcel Mauss, entre 1930 e 1940, foram influenciados por seu trabalho como editor e organizador das obras póstumas de seu colega. Ele havia enfrentado esse tema antes em um texto como o “Ensaio sobre o Dom”, mas jamais com tanta ênfase e intensidade. Esse contato com as obras de Hubert começou logo após o seu falecimento, como aponta Fournier ao afirmar que “Mauss acreditava otimistamente que ele seria capaz de dar à Henri Berr o livro de Hubert sobre os Celtas ante do final de agosto de 1927 e terminaria o trabalho sobre o estudo de Hubert sobre os germânicos no ano seguinte”¹⁹⁹. O trabalho de Mauss não terminou por aí, pois em sua carta de apresentação aos professores do *Collège de France*, o sociólogo sugere que “eu [Mauss] deixei recair sobre mim o enorme peso da publicação da obra considerável e inédita Durkheim, de Henri Hubert, de Hertz. Suas obras chegam ao público graças à mim, na cadência de um ou dois volumes por ano”²⁰⁰. Com isso, percebemos que antes mesmo de adentrar aos quadros do CF, Mauss já estava em contato com as obras de Hubert e que ainda trabalhava em outros textos póstumos. No prefácio escrito por Mauss à obra de Hubert - *Les Celtes et l'expansion celtique jusqu'à l'époque de La Tène* (1932) – que ele foi editor póstumo, o sociólogo afirma novamente sobre a sua função de organizador dos trabalhos do arqueólogo.

Henri Hubert havia-se assegurado, em uma colaboração fraternal de mais de trinta anos, de que eu [Mauss] era o fiel depositário de seu pensamento, e que conhecia-o bastante os segredos de seu estilo para ser o escrupuloso editor das partes de sua obra inédita que puderam-se publicar²⁰¹.

Esse texto de apresentação de Mauss também nos revela parte da dinâmica que ele possuía com seu colaborador mais próximo, Henri Hubert. Ele comenta que “com Hubert, publiquei duas memórias sobre o Sacrifício e sobre a Magia, o prefácio de nosso

¹⁹⁹ No original “Mauss optimistically believed he would be able to give Henri Berr Hubert’s book on the Celts before the end of August 1927 and would finish the job on Hubert’s study of the Germanics the following year”. (Tradução nossa). In: FOURNIER, M. **op. cit.** idem.

²⁰⁰ No original “J’ai [Mauss] laissé retomber sur moi le poids énorme de la publication de l’œuvre considérable et inédite de Durkheim, d’Henri Hubert, de Hertz. Leurs ouvrages arrivent grâce à moi au public, à la cadence d’un ou deux volumes par an”. (Tradução nossa). In: MAUSS, Marcel. *L’œuvre de Mauss par lui-même. Revue Française de Sociologie*, vol. 20, nº1, 1979, p. 211.

²⁰¹ No original “Henri Hubert se había asegurado, en una colaboración fraternal de más de treinta años, de que yo era el depositario fiel de su pensamiento, y que conocía lo bastante los secretos de su estilo para ser el escrupuloso editor de las partes de su obra inédita que pudieran publicarse.” (Tradução nossa). In: MAUSS, Marcel. Advertencia. In: HUBERT, Henri. **Los Celtas y la expansión céltica hasta la época de la Tene**. México: Union Tipografica Editorial Hispano Americana, 1957 [1932], p. XVII.

Mélanges. Eu geralmente participei em tudo o que ele fez de não estritamente crítico ou arqueológico. Ele sempre controlou o que eu escrevi”²⁰². Apesar de afirmar que não participava da parte arqueológica dos trabalhos de Hubert, Mauss acabou tendo contato com ela na publicação dos textos póstumos e isto acabou permeando em seus trabalhos posteriores. Para além de suas próprias obras, Mauss defendeu que trabalharia no CF com as pesquisas de pessoas próximas à ele, entre eles Hubert e Durkheim.

juntei até mesmo como programa em meu ensinamento a obra inédita deixada pelos meus melhores amigos. Sua publicação será facilitada, sua sobrevivência melhor assegurada, e meu ensino mais geral poderá ter uma ação mais larga. Será não somente o meu, mas o deles. Ensinarei não somente minha obra, mas as ideias e provas dessas ideias que meus amigos haviam elaborado, de Durkheim e de Hubert à Doutté e Maurice Cahen²⁰³.

Uma vez eleito ao *Collège de France*, Marcel Mauss trabalhou com a obra de seus colegas, principalmente a de Henri Hubert. Desde a sua lição inaugural, da qual possuímos somente uma parte, o sociólogo já dava indícios concretos de que trabalharia com as obras de seu colega arqueólogo. “De Henri Hubert, o livro sobre os celtas foi impresso. Eu [Mauss] penso que nossa devoção comum, de Lantier, de Marx, e a minha, farão aparecer um segundo volume sobre a sociedade celta. Com a colaboração de M. Jansé, espero publicar *Os Germânicos*”²⁰⁴.

Na edição póstuma do livro sobre os celtas, Marcel Mauss escreve uma advertência ao leitor, na qual indica alguns aspectos importantes sobre sua contribuição para com a obra. O livro estava basicamente pronto quanto Hubert faleceu,

não faltava mais que dar-lhe a forma de livro. Essa tarefa estava realizada em seus dois terços quando Hubert morreu. O manuscrito, quase em perfeito estado, notas também, termina no final da segunda

²⁰² No original “Avec Hubert, j'ai publié deux mémoires sur le Sacrifice et sur la Magie, la préface de nos *Mélanges*. J'ai généralement participé à tout ce qu'il a fait de non strictement critique ou archéologique. Il a toujours contrôlé ce que j'ai écrit”. (Tradução nossa). In: *Ibidem*, pp. 210 – 211.

²⁰³ No original “J'ajoute même comme programme à mon enseignement l'œuvre inédite laissée par mes meilleurs amis. Sa publication en serait facilitée, leur survie serait mieux assurée, et mon enseignement plus général pourrait avoir une action plus large. Il serait non seulement le mien mais le leur. J'enseignerais non seulement mon œuvre, mais les idées et les preuves de ces idées qu'avaient élaborés mes amis, de Durkheim et d'Hubert à Doutté et Maurice Cahen”. (Tradução nossa). In: *Ibidem*, p. 212.

²⁰⁴ No original “D'Henri Hubert, le livre sur les Celtes s'imprime. Je pense que notre piété commune, de Lantier, de Marx, et la mienne feront paraître un deuxième volume sur la société celtique. Avec la collaboration de M. Jansé, j'espère publier *Les Germains*.” (Tradução nossa). In: MAUSS, Marcel. Un inédit : la leçon inaugurale de Marcel Mauss au Collège de France. *Terrain*. n° 59, 2012, p. 9.

parte. Mais além, os executores da vontade de Hubert não tinham antes, mais que seu curso, em um estado admirável, é certo²⁰⁵.

Com isso, entendemos qual o papel que Marcel Mauss possuiu na edição das obras de Hubert. Nesta sobre os celtas, como estava quase finalizada, o sociólogo pouco fez alterações ou incluiu novas pesquisas, somente fazendo alterações maiores no segundo volume da coleção. Porém, na outra obra que Hubert havia deixado – Os germânicos (1952) – Mauss dedicou grande parte de seu tempo de curso no CF à ela, mas não conseguiu publicá-la em vida. Ao analisarmos a lista de cursos que Mauss deu no CF, entre 1930 e 1940, podemos perceber que este trabalhou, por diversas vezes, com o tema sobre as civilizações e populações germânicas.

Tabela 2.3 – Cursos dados por Marcel Mauss no *Collège de France*, 1930 – 1940.

Ano do curso	Título do curso
1931	Observação do fenômeno geral da vida coletiva nas sociedades de tipo arcaico.
1931 – 1932	Exposição da doutrina de Durkheim sobre ética profissional e cívica; O uso da noção de primitivo na Sociologia e na História geral da civilização.
1932 – 1933	Correção e atualização da pesquisa não publicada de Robert Hertz sobre o pecado e a expiação nas sociedades inferiores.
1933 – 1934	Pecado e expiação nas sociedades inferiores.
1934 – 1935	Pecado e expiação nas sociedades inferiores; Trabalho de Henri Hubert sobre a civilização e os povos germânicos.
1935 – 1936	Pecado e expiação nas sociedades inferiores; A formação dos povos germânicos: pesquisa sobre lei.
1936 – 1937	Pecado e expiação nas sociedades inferiores: a formação das civilizações germânicas.
1937 – 1938	As relações entre certos jogos e cosmologias; Os germânicos (continuação): pesquisa sobre a lei e a religião germânica.
1938 – 1939	Jogos indianos; Os germânicos.
1939 – 1940	Cosmologia e jogos; Os germânicos.

Fonte: Adaptado de FOURNIER (2006).

A partir dessa lista notamos que, por diversas vezes, Mauss trabalhou com as obras do Henri Hubert, diferentemente do que fazia em seus cursos na EPHE, como visto na Tabela 3.2 (acima). Assim, no primeiro curso dedicado às questões da obra de Hubert,

²⁰⁵ No original “No quedaba más que darle la forma de libro. Esta tarea estaba realizada en sus dos tercios cuando Hubert murió. El manuscrito, casi en perfecto estado, notas comprendidas, termina al final de la segunda parte. Más allá, los ejecutores de la voluntad de Hubert no han tenido ante sí más que su curso, en un estado admirable, es cierto”. (Tradução nossa). In: MAUSS, M. **op. cit.** Advertência..., p. XVI.

entre 1934 e 1935, Mauss afirma, no resumo do curso publicado no anuário do *Collège de France*, que

o curso de sexta-feira foi consagrado à expor os resultados do trabalho de Henri Hubert sobre a formação da civilização e dos povos germânicos. [...] A pré-história e a proto-história desses povos [germânicos] fazem aparecer seus componentes diversos e quão recente foram seus últimos deslocamentos e suas assimilações de povos estrangeiros²⁰⁶.

Ao entrar em contato com a questão da pré-história e da proto-história, Mauss também se aproximava das discussões arqueológicas da qual Hubert era especialista. Essa abordagem também se faz notar no curso do ano seguinte, entre 1935 e 1936. Neste curso, o sociólogo afirma que

nós fomos capazes de retomar, graça à novas pesquisas, a apresentação de toda a formação das populações e civilizações germânicas. Nós pudemos, em particular, em particular, como veremos na edição que nós preparamos da obra de Henri Hubert, sobre os germânicos em geral, colocar nossos ouvintes à par dos grandes trabalhos dirigidos na Alemanha [...]²⁰⁷.

Vemos, portanto, a recorrência da edição das obras de Hubert nos cursos de Mauss. Além disso, também notamos o afinco com que o sociólogo se debruçava neste trabalho, buscando novas fontes e pesquisas que pudessem enriquecer o trabalho de seu amigo. No curso do ano seguinte, Mauss explica que

nós resumimos, primeiramente, os dois cursos dos anos precedentes sobre a formação do conjunto da civilização germânica e dos povos germânicos, sobre sua aparição relativamente tardia e sobre suas origens relativamente compostas. Nós os mostramo-los extremamente misturadores em uma parte ao mundo céltico, de outra parte aos mundos do Leste da Europa, do Mediterrâneo, e mesmo ao mundo distante do Oriente e também do Extremo-orient: e, para terminar, nós providenciamos um quadro geral da civilização germânica, mais exatamente, dessa que podemos supor ter sido a civilização germânica comum entre o IV e IX século de nossa era²⁰⁸.

²⁰⁶ No original “Le cours de vendredi a été consacré à exposer les résultats du travail d’Henri Hubert sur la formation de la *civilisation et des peuples germaniques*. [...] La préhistoire et la protohistoire de ces peuples font apparaître leurs composantes diverses, et combien récents furent leurs derniers déplacements et leurs assimilations de peuples étrangers”. (Tradução nossa). In: MAUSS, Marcel. **Œuvres – Tome 2**. Paris : Minuit, 1983, p. 574.

²⁰⁷ No original “Nous avons pu reprendre, grâce à de nouvelles recherches, l’exposé de toute la formation des populations et des civilisations germaniques. Nous avons pu, en particulier, comme on le verra dans l’édition que nous préparons de l’œuvre d’Henri Hubert, sur les Germains en général, mettre nos auditeurs au courant des grands travaux dirigés en Allemagne [...]”. (Tradução nossa). In: Idem.

²⁰⁸ No original “Nous avons d’abord résumé les deux cours des années précédentes sur la formation de l’ensemble de la civilisation germanique et des peuples germaniques, sur leur apparition relativement

Neste curso, então, percebemos a busca em estudar conjuntamente e relacionando tanto a civilização germânica quanto a civilização céltica. Novamente, no curso entre 1937 e 1938, a questão da pré-história, conseqüentemente da arqueologia, continua a aparecer. Neste curso, Mauss afirma que “os trabalhos são destinados à publicar o livro (curso) de Henri Hubert, sobre o Germânicos. Algumas lições foram consagradas à expor e um pouco à atualizar os capítulos da pré-história e, se não à melhorá-los, ao menos à enriquecê-los um pouco de fatos novos”²⁰⁹. A demora em arrumar o livro se deve, possivelmente, às diversas tarefas em que Mauss estava envolvido – cursos no Instituto de Etnologia, cursos na EPHE, cursos no CF, edição de obras póstumas de colaboradores póstumos e pesquisas próprias – além do manuscrito estar mais incompleto que o trabalho sobre os celtas, o qual foi publicado logo no ano de 1932. Com o passar dos anos em que Mauss trabalhou com esse tema, percebemos um constante aprofundamento na temática, que fica claro no curso que ele deu entre 1938 e 1939.

após uma nova atualização do estado atual dos conhecimentos concernentes à história dos povos de língua germânica do século IV antes ao VI após Jesus Cristo, insistimos sobre a lentidão, a relativa fraqueza e a precariedade da ligação desses povos aos solos pobres ou recentemente conquistados, ou colonizados em sociedades mistas. Esse caso foi e permanece o dos bárbaros, das invasões – e aquele dos Estados da Idade Média. Pudemos constatar uma mistura ainda visível de raças. Mas, ao mesmo tempo, fizemos destacar as relativas forças, as superioridades técnicas: ferro, cavalaria, marinha (Vikings), em comparação aos exércitos romanos ou àqueles levados pelos povos romanizados ou helenizados. Essa superioridade militar comporta ainda uma séria inferioridade em comparação com Attila e seus hunos. É ainda que toda a Europa do leste não pôde mais resistir à chegada dos Citas, que eram os iranianos, e também dos eslavos, dos Fino-Húngaros (Turco-mongóis, húngaros, abares)²¹⁰.

tardive et sur leurs origines relativement composites. Nous les avons montrées extrêmement mêlées d’une part au monde celtique, d’autre part aux mondes de l’Est de l’Europe, de la Méditerranée, et même au monde lointain de l’Orient et même de l’Extrême-Orient : et pour en finir, nous avons donné un tableau général de la civilisation germanique, plus exactement, de ce qu’on peut supposer avoir été la civilisation germanique commune entre le IV^e et le IX^e siècle de notre ère”. (Tradução nossa). In: *Ibidem*, p. 575.

²⁰⁹ No original “Les travaux sont destinés à publier le livre (cours) d’Henri Hubert, sur les Germains. Quelques leçons ont été consacrées à exposer et un peu mettre à jour les chapitres de préhistoire et, sinon à les améliorer, du moins à les enrichir un peu de nouveaux faits”. (Tradução nossa). In: *Ibidem*, p. 576.

²¹⁰ No original “Après une nouvelle mise au point de l’état actuel des connaissances concernant l’histoire des peuples de langues germaniques du IV^e siècle avant au VI^e siècle après Jésus-Christ, on a insisté sur la lenteur, la relative faiblesse et la précarité de l’attachement de ces peuples à des sol pauvres ou récemment conquis, ou colonisés en sociétés mixtes. Ce cas fut et est resté celui des barbares, des invasions – et celui de bien des États du Moyen-Age. On a pu constater une mixture encore visible des races. Mais en même temps, on a fait ressortir les relatives forces, les supériorités techniques: fer, cavalerie, marine (Vikings), par rapport aux armées romaines ou à celles levées par les peuples romanisés ou grecises. Cette supériorité militaire comporta d’ailleurs une infériorité sérieuse par rapport à Attila et ses Huns. C’est ainsi que toute

Dessa forma, nesse curso percebemos a clara proximidade com a arqueologia na questão das fontes referentes ao ferro, cavalaria, marinha, entre outros. Também vemos a influência do método sociológico durkheimiano em que se prezava pela questão do comparativo, nesse caso entre diversas civilizações em diferentes períodos. Por fim, no último ano em que Mauss trabalhou no CF – antes de ser aposentado compulsoriamente devido às leis raciais do governo de Vichy – este continuou a pesquisar e a dar o curso com a temática dos germânicos.

retomamos o conjunto de trabalhos de Hubert sobre a origem dos germânicos: acentuando as provadas da hipótese que a época de Halstatt não é uma época germânica, mas uma época celta-cita-iraniana, [...], notamos o caráter tardio da aparição do *homo nordicus* na própria Germânia e, enfim, pudemos acentuar por um estudo da civilização gótica a face cujo devemos conceber os bárbaros germânicos como um conjunto²¹¹.

Com isso, após esses anos dando cursos sobre os trabalhos de Henri Hubert, estes acabaram impactando também as obras do próprio Marcel Mauss. Em trabalhos produzidos na década de 1930, percebemos, em alguns deles, a influência da questão dos povos celtas e germânicos ou da arqueologia. Em seu famoso artigo *Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”* (1938), podemos notar, em certo momento do texto, a relação com seu curso no CF, principalmente pelo fato haver dado aulas sobre a questão dos povos germânicos e o direito. No artigo, o sociólogo afirma que “o velho direito germânico ainda o distingue do homem livre, *Leibeignen*, proprietário de seu corpo. Mas, no momento em que os direitos dos saxões e dos suevos são redigidos, se os servos não possuíam seu corpo, já não possuíam uma alma, que o cristianismo lhe deu”²¹². Assim, notamos a influência destes determinados temas em outros trabalhos de Mauss que não aqueles conectados ao seu curso no CF.

Em um comentário publicado na *Revue de Synthèse Historique* sobre a diferença entre as migrações dos povos celtas e germânicos, a relação que Mauss realiza entre a

l'Europe de l'Est, ne put pas plus résister à l'arrivée des Scythes, que étaient des Iraniens, qu'à celles des Slaves, des Finno-Ougriens (Turco-Mongols, Hongrois, Avars)". (Tradução nossa). In: Idem.

²¹¹ No original “On a repris l'ensemble des travaux d'Hubert sur l'origine des Germains; accentué les preuves de l'hypothèse que l'époque de Halstatt n'est pas une époque germanique, mais bien une époque celto-scytho-iranienne, [...] on a noté le caractère tardif de l'apparition d'*homo nordicus* en Germanie propre, et enfin, on a pu accentuer par une étude de la civilisation gothique la façon dont on doit concevoir les Barbares germaniques comme un ensemble”. (Tradução nossa). In: Ibidem, p. 577.

²¹² MAUSS, Marcel. *Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”*. IN: _____. **Sociologia e Antropologia**. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015, pp. 387.

arqueologia e a sociologia aparece com força. Em determinado trecho, o sociólogo aponta que “os germânicos nos aparecem como ainda pouco numerosos e ainda pouco diferentes dos outros povos. A civilização da primeira Idade do ferro, convencionalmente chamada de Halstatt, relativa ao sítio arqueológico bastante completo escavado na Áustria, é comum aos celtas e aos demais, como havia sido na civilização do Bronze médio”²¹³. Novamente vemos a questão do marco temporal da Idade do ferro e do sítio arqueológico de Halstatt. Em outro momento do texto, Mauss comenta que

podemos ver no Museu Nacional de Copenhague o vaso de Gundestrup que é uma grande obra dos ourives *escordicos*, dos quais não sabemos com certeza se eles eram germânicos, mas que estavam em posse de uma arte de tipo germânica. É, portanto, uma antiguidade céltica, pois nós vemos sobre suas diversas facetes (exceto duas) que os principais temas da religião dos celtas²¹⁴.

Com o uso de uma fonte de cultura material, Mauss nos revela a sua aproximação, com a arqueologia e com os temas anteriormente trabalhados pelo seu colega de trabalho. Porém, para além de um simples uso ou influência dos trabalhos do arqueólogo nos textos de Mauss, esse uso da arqueologia e da história faziam parte da estratégia da Escola Sociológica Francesa para aproximar as outras ciências humanas da sociologia. Victor Karady aponta que

para garantir a legitimidade científica da sociologia e assegurá-la a um local equivalente às das disciplinas clássicas nos programas de ensino, eles trabalharam uma relação de interdependência com as ciências humanas já estabelecidas nas faculdades – história, geografia, filosofia e também a psicologia – através da oferta de serviços, bem como uma crítica efetiva e radical de seus pressupostos epistemológicos²¹⁵.

²¹³ No original “Les Germains nous apparaissent d’autre part comme d’abord peu nombreux et d’abord peu différents des autres peuples. La civilisation du premier Age du fer, dite de Hallstatt, leur est commune avec les Celtes et d’autres peuples, comme l’avait été la civilisation du Bronze moyen”. In: MAUSS, Marcel. Différences entre les migrations des Germains et des Celtes. **Revue de Synthèse Historique**, vol. 17, 1938, p. 23.

²¹⁴ No original “On peut voir au Musée National de Copenhague le vase de Gundestrup qui est une grande œuvre d’orfèvres scordiques, dont on sait mal s’ils étaient des Germains, mais qui étaient en possession d’un art de type germanique. C’est pourtant une antiquité celtique, car nous ne voyons sur ses diverses facettes (sauf deux) que les principaux thèmes de la religion des Celtes”. (Tradução nossa). In: *Ibidem*, pp. 23 – 24.

²¹⁵ No original “Pour garantir la légitimité scientifique de la sociologie et lui assurer une place équivalente à celle des disciplines classiques dans les programmes d’enseignement notamment, il fallait mettre en œuvre une relation d’interdépendance avec les sciences de l’homme établies dans les facultés — l’histoire, la géographie et la philosophie surtout mais aussi la psychologie — au moyen d’offres de services tout autant que d’une efficace et radicale critique de leurs présupposés épistémologiques”. (Tradução nossa). In: KARADY, V. **op. cit.** Durkheim, les sciences..., p. 305.

Para os durkheimianos, portanto, a estratégia universitária consistiu “em utilizar as posições adquiridas nas disciplinas clássicas e transformar o ensino delas – da filosofia principalmente – para suscitar, nesse quadro, uma demanda de instrução e de competência sociológicas”²¹⁶. Dessa forma, notamos que a aproximação de Mauss para com as obras póstumas de seu amigo também serviu para divulgar a arqueologia nos meios sociológicos, quanto também, divulgar a sociologia entre os arqueólogos e mostrar-lhes a importância do método sociológico. O próprio Marcel Mauss atesta a importância da equipe durkheimiana dentre as outras ciências humanas quando comenta que,

o movimento de teorias sempre foi cuidadosamente registrado. Para os que querem seguir o progresso, mesmo das disciplinas vizinhas da nossa (filosofia e psicologia religiosa por exemplo) [...], e estas ciências especialmente vizinhas de nossas (Direito, Economia, Geografia humana, etc.), nós fomos certamente úteis e, em língua francesa, talvez indispensáveis²¹⁷.

Assim, os próprios durkheimianos reconhecem e divulgam sua importância para as outras ciências humanas. O caso de Henri Hubert também é emblemático, pois este além de possuir uma formação em História, acabou se aproximando tanto da arqueologia quanto da sociologia, segundo o próprio Mauss.

sendo às vezes sociólogo e etnógrafo, como o era Hubert, me permito sublinhar o acordo da história, entendi aqui neste livro, com as outras disciplinas pelas quais Huber marcou seu passo: a Sociologia e a Arquitetura Pré-histórica. Nem no espírito de Hubert, nem nos feitos, nem na lógica – nem para nós nem para ninguém – essas disciplinas se opõem quando se trata de uma descrição completa dos acontecimentos humanos como a que aqui se busca²¹⁸.

De tal modo, o caráter multifacetado de Hubert e de tantos outros membros da equipe durkheimiana, já que até o momento não existia uma formação plena em ciências

²¹⁶ No original “Utiliser leurs positions acquises dans les disciplines classiques et transformer l'enseignement de celles-ci — de la philosophie avant tout — pour susciter, dans ce cadre, une demande d'instruction et de compétence sociologique”. (Tradução nossa). In: KARADY, V. **op. cit.** *Stratégies...*, p. 53.

²¹⁷ No original “le mouvement des théories a toujours été soigneusement enregistré. Pour qui veut suivre les progrès, même de disciplines seulement voisines de la nôtre (philosophie et psychologie religieuses par exemple) et [...] ceux des sciences spéciales voisines des nôtres (Droit, Economie, Géographie humaine, etc.), nous avons été certainement utiles et, en langue française, peut-être indispensables”. (Tradução nossa). In: MAUSS, M. **op. cit.** *L'œuvre...*, p. 213.

²¹⁸ No original “Y siendo a la vez sociólogo y etnógrafo, como lo era Hubert, me permito subrayar el acuerdo de la historia, entendida así en este libro, con las otras disciplinas por las que Hubert marcó su paso: la Sociología y la Arquitectura prehistórica. Ni en el espíritu de Hubert, ni en los hechos, ni en la lógica – ni para nosotros ni para nadie – esas disciplinas se oponen cuando se trata de una descripción completa de los acontecimientos humanos como la que aquí se intenta”. (Tradução nossa). In: MAUSS, M. **op. cit.** *Advertencia...*, p. XVIII.

sociais, nos confirma essa intenção de ampliar o escopo do método sociológico e divulgar os seus frutíferos resultados, como aqueles alcançados através da comparação. Karady suporta que,

a ideia de que a sociologia deve ser uma ciência cruzada procede para os durkheimianos não somente de considerações heurísticas, mas também de uma visão prática: aumentar a demanda universitária para eles, consolidar as ligações de aliança e os serviços suscetíveis de lhes ligar às disciplinas estabelecidas nas faculdades e de integrar os cursos normais de estudos²¹⁹.

Essa estratégia, portanto, estava aliada àquela de ocupar postos universitários de importância no sistema de ensino e pesquisa francês. Sustentamos, como no capítulo anterior, que essa também foi uma estratégia bem sucedida visto os diferentes intelectuais, com as mais diferentes formas na área das ciências humanas, que fizeram parte da chamada Escola Sociológica Francesa. E que, portanto, auxiliou a divulgar o método sociológico durkheimiano como proveitoso para as mais diversas áreas do conhecimento humano. Por fim, segundo nos aponta Johan Heilbron, em um breve levantamento é possível identificar que

um dos fatores de diferenciação mais importante [para os durkheimianos] era a filiação disciplinar e, desse ponto de vista, a rede durkheimiana parecia extremamente dispersada. Essa composição heterogênea refletia no prestígio da sociologia e na dependência dos sociólogos de seu reconhecimento pelas disciplinas vizinhas. Encontramos entre os membros desse instituto, os psicólogos (C. Blondel, G. Dumas), os historiadores (M. Bloch, A. Piganiol), os linguistas (A. Meillet, M. Cohen), os etnólogos (M. Leenhardt, R. Maunier, P. Rivet), um cientista político (A. Siegfried) e também um grande número de juristas e economistas²²⁰.

Dessa forma notamos como a relação entre a arqueologia e a sociologia, como visto nos trabalhos de Mauss na década de 1930, estava imbricada para além da simples edição das obras póstumas de Henri Hubert. Essa conversa entre esses saberes auxiliava

²¹⁹ No original “L'idée que la sociologie doit être une science carrefour procède pour les durkheimiens non seulement de considérations heuristiques mais aussi d'une visée pratique : accroître la demande universitaire à son égard, consolider les rapports d'alliance et de services susceptibles de la lier aux disciplines établies dans les facultés et de l'intégrer au cursus normal des études.”

²²⁰ No original “t).Un des facteurs de différenciation le plus important était l'appartenance disciplinaire et, de ce point de vue, le réseau durkheimien apparaît comme extrêmement dispersé. Cette composition hétérogène reflète à la fois le prestige de la sociologie et la dépendance des sociologues de leur reconnaissance par les disciplines voisines. On trouvait en effet, parmi les membres de cet institut, des psychologues (C. Blondel, G. Dumas), des historiens (M. Bloch, A. Piganiol), des linguistes (A. Meillet, M. Cohen), des ethnologues (M. Leenhardt, R. Maunier, P. Rivet), un politologue (A. Siegfried) et aussi un grand nombre de juristes et économistes”. (Tradução nossa). In: HEILBRON, J. **op. cit.** pp. 207 – 208.

na divulgação do método sociológico e na promoção deste como uma ferramenta teórico-metodológica passível de ser utilizada pelas outras ciências humanas. A diversidade de membros que fizeram parte, ou pelo menos estiveram próximos, da Escola Sociológica Francesa nos auxilia a perceber o sucesso que essa empresa teve, principalmente nas primeiras décadas do século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sucesso que a equipe durkheimiana logrou nas primeiras décadas do século XX pode ser confirmado com a abrangência e a importância que o grupo teve, e continua a ter, para as Ciências Sociais tanto especificamente na França quanto no Ocidente de uma maneira geral. Um importante membro desta equipe, Marcel Mauss, conseguiu alcançar sucessos que auxiliaram na divulgação dessa empreitada como um todo. Conforme vimos no capítulo dois dessa monografia, sua eleição para o *Collège de France* na primeira cátedra exclusivamente de Sociologia na França foi um passo fundamental em sua trajetória.

Tal eleição só foi possível após diversos acontecimentos que marcaram a vida acadêmica tanto de Marcel Mauss quanto dos outros próximos à sociologia durkheimiana. Depois de duas tentativas fracassadas de se eleger ao CF, em 1907 e 1909, Mauss conseguiu realizar esse feito em 1930. Como percebemos, a movimentação para tal eleição começou alguns meses após o falecimento de Jean Izoulet, antigo ocupante da cátedra de Filosofia Social, quando Sylvain Lévi, colega do sociólogo, envia uma carta ao administrador da instituição indicando um interesse em ver Mauss ocupando tal posição. Com a chegada da primeira assembleia que discutiu sobre os créditos disponíveis da cátedra de Filosofia Social, notamos como os aliados do sociólogo agiram em defender suas propostas, principalmente Sylvain Lévi e Antoine Meillet. Estes dois, estiveram constantemente advogando na causa de Mauss. Após duas assembleias tensas que terminaram em empate, compreendemos as diversas forças que atuavam em torno de tais acontecimentos. As cartas de Lucien Febvre, historiador que nos bastidores buscou desestabilizar as eleições em causa própria, revelam de que forma os capitais políticos e confessionais pesavam nas decisões. O fato de Mauss ser um judeu socialista fez com que este fosse visto com cuidado pelos setores mais reacionários e conservadores do CF, tanto que seus concorrentes buscaram se aproveitar disso. Tanto Jacques Chevalier, quanto Étienne Gilson eram filósofos católicos e politicamente conservadores, o oposto do sociólogo. Ademais, o fato da Sociologia, na época, ainda não ser uma ciência consolidada também afetou a disputa, tendo que Charles Andler, em seu discurso de defesa, repetidamente apresentar as benesses das Ciências Sociais para a Filosofia e Psicologia. Com isso, após diversos fatores que influenciaram positivamente na

aprovação da proposta de criação da cátedra de Sociologia, Marcel Mauss conseguiu ser eleito para ocupá-la. Essa vitória representou uma importante conquista para os sociólogos durkheimianos que se viram representados em uma das mais respeitadas e importantes instituições francesas, o *Collège de France*. Além disso, as diversas posições ocupadas por outros próximos do projeto durkheimiano também pode revelar uma possível institucionalização qualitativa das Ciências Sociais, em que o essencial eram as posições-chaves ocupadas e não tanto a quantidade.

Além dessa busca por ocupar posições de destaque no sistema de ensino e pesquisa francês, os durkheimianos também procuraram interligar saberes próximos, como as Ciências Sociais com outras ciências humanas, para mostrarem as possibilidades de pesquisa utilizando a metodologia durkheimiana. Desde o período de formação dos pesquisadores próximos à Escola Sociológica Francesa percebemos que essa “reconversão” entre saberes era algo comum, já que não havia uma formação completa em Sociologia. Dessa forma, todos os intelectuais próximos dessa empreitada possuíam uma proximidade com outras áreas das ciências humanas. Essa pluralidade de conhecimentos facilitou a relação que os durkheimianos buscavam construir entre a Sociologia e outras ciências próximas, sempre tentando apresentar o método durkheimiano como uma possibilidade real e interessante, que traria inovações às ciências. Em um momento onde não só as Ciências Sociais passavam por inovações, com a equipe durkheimiana, vemos também a ciência histórica sendo renovada, tanto por Seignobos e Langlois quanto pela revista dos *Annales* posteriormente, e também a geografia, com a geografia humana de Vidal de La Blanche.

A partir disso, podemos entender que ao se estudar uma trajetória específica, a de Marcel Mauss, ganhamos em detalhes, mas também perdemos ao buscar entender o grupo como um todo, como os durkheimianos. Segundo aponta Pierre Bourdieu, ao comentar sobre a “ilusão biográfica”, “os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado”²²¹. Assim, uma das vantagens de se estudar uma trajetória em específico é a de perceber mais claramente como ocorre essa distribuição de capitais

²²¹ BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. IN: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (orgs). **Usos e abusos da História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, pp. 183 – 190.

e como eles são ativados em diferentes momentos, bem como as modificações de suas concentrações e valores no tempo e no espaço do campo. O campo intelectual em que Mauss estava inserido requeria uma diversidade de capitais, não só o intelectual, mas também o confessional e o político, já que estes também tinha seus relativos pesos. Além disso, notamos a forma com que Mauss vai moldando sua trajetória como a opção de ir estudar com seu tio em Bordeaux e não seguir, como normalmente esperava-se de jovens pesquisadores, para a ENS. Esta escolha deveu-se à sua proximidade, desde o início, com a Sociologia e o método sociológico defendido por seu tio. Porém, ao estudarmos esse caso em específico, perdemos no sentido de não ser possível identificar os diversos intelectuais próximos à equipe durkheimiana e como estes foram moldando suas trajetórias e reconvertendo seus saberes. Ademais, somente percebemos a forma como Marcel Mauss relacionava a Sociologia com as outras ciências humanas, como a Arqueologia, e não como o grupo fazia isso de uma forma geral. Contudo, apesar desses descaminhos, conseguimos nos aprofundar na pluralidade que é estudar a Escola Sociológica Francesa e a importância desta para às Ciências Sociais não só na França, mas no Ocidente como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTHIEN, Rafael Faraco. **Interdisciplinaridades**: latinistas, helenistas e sociólogos em revistas (França, 1898- 1920). 2011. 352 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BESNARD, Philippe. La formation de l'équipe de l'Année sociologique. **Revue française de sociologie**. 1979, vº 20, nº 1. pp. 7-31.

_____. Durkheim, les durkheimiens et le Collège de France. **Études durkheimiennes**. Bulletin d'information préparé par le Groupe d'études durkheimiennes. Avril 1979, número 3, p. 4-7.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. IN: ORTIZ, Renato (orgs.). **Pierre Bourdieu – Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983, pp. 122 – 155.

_____. Campo intelectual e projeto criador. IN: POUILLON, Jean (org.). **Problemas do estruturalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, pp. 105 – 146.

_____. A Ilusão Biográfica. IN: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, pp. 183 – 190.

CHARLE, Christophe.; VERGER, Jacques. **História das Universidades**. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

CATANI, A. M.; MARTINEZ, P. H. **Sete ensaios sobre o Collège de France**. 2ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

FOURNIER, Marcel. **Marcel Mauss – A Biography**. Princeton: Princeton University Press, 2006.

_____. L'élection de Marcel Mauss au Collège de France. **Genèses**, vol. 22, 1996, pp. 160 – 165.

GUGLER, Josef. Bibliographie de Marcel Mauss. **L'homme**. 1964, v. 4, n. 1, p. 105 - 112.

HALBWACHS, Maurice. Minha campanha para o Collège de France. **Revista Brasileira de História**. 2001, v. 21, nº 40, pp. 25 – 58.

HEILBRON, Johan. Les métamorphoses du durkheimisme, 1920-1940. **Revue française de sociologie**. 1985, v. 26, n° 2. pp. 203-237.

HUBERT, H.; MAUSS, M. **Sobre o sacrifício**. São Paulo: Cosac Naify, 1ª ed., 2013 [1899].

HUREL, Arnaud. **La France préhistorienne de 1789 à 1941**. Paris: Éditions du CNRS, 2007.

KARADY, Victor. Durkheim et les débuts de l'ethnologie universitaire. **Actes de la recherche en sciences sociales**. Vol. 74, 1988. pp. 23 – 32.

_____. Durkheim, les sciences sociales et l'Université : bilan d'un semi-échec. **Revue française de sociologie**. 1976, v. 17, n° 2. pp. 267-311.

_____. Stratégies de réussite et modes de faire-valoir de la sociologie chez les durkheimiens. **Revue française de sociologie**. 1979, v. 20, n° 1. pp. 49 – 82.

_____. L'expansion universitaire et l'évolution des inégalités devant la carrière d'enseignant au début de la IIIe République. **Revue française de sociologie**. 1973, v. 14, n° 4. pp. 443-470.

LORRE, Christine. Henri Hubert. Disponível em: <http://www.inha.fr/fr/ressources/publications/publications-numeriques/dictionnaire-critique-des-historiens-de-l-art/hubert-henri.html>. Acesso em 12 de julho de 2016.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

MICELI, Sergio. A condição do trabalho intelectual (comentários). IN: CATANI, A. M.; MARTINEZ, P. H. **Sete ensaios sobre o Collège de France**. 2ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2001, pp. 105 – 119.

MUCCHIELLI, Laurent. O nascimento da sociologia na universidade francesa (1880-1914). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 21, n° 41, 2001, pp. 35 – 54.

RINGER, F. **Fields of Knowledge: French academic culture in comparative perspective, 1890-1920**. 1ª ed. Cambridge: University Press, 1992.

SCHNAPP, Alain. Histoire de l'archéologie et l'archéologie dans l'histoire. In: DEMOULE, J-P.; et al. **Guide des méthodes de l'archéologie**. 3^a ed. Paris: La Découverte, 2009, pp. 9 – 39.

Fontes

Correspondências

LÈVI, Sylvain. [Carta] 7 de outubro de 1929, Paris. [para] CROISSET, Maurice. 1f. Presente nos Arquivos do *Collège de France Fonds Marcel Mauss*.

CHARLE, Christophe.; DELANGLE, Christine. La campagne électorale de Lucien Febvre au Collège de France, 1929-1932. Lettres à Edmond Faral. **Histoire de l'éducation**, n° 34, 1987. pp. 49-69.

Atas das Assembleias

- Arquivos do *Collège de France Fonds Marcel Mauss, Assemblée du 6 novembre 1929*.

- Arquivos do *Collège de France Fonds Marcel Mauss, Assemblée du 12 janvier 1930*.

- Arquivos do *Collège de France Fonds Marcel Mauss, Assemblée du 15 juin 1930*.

- Arquivos do *Collège de France Fonds Marcel Mauss, Assemblée du 23 novembre 1930*.

Os arquivos utilizados nesta pesquisa do *Fonds Marcel Mauss* estão disponibilizados integralmente no site: [https://salamandre.college-de-france.fr/ead.html?id=FR075CDF_00CDF0057#!{"content":\["FR075CDF_00CDF0057_e0000019",true,""\]}](https://salamandre.college-de-france.fr/ead.html?id=FR075CDF_00CDF0057#!{). Acesso em 10 de novembro de 2016.

Textos de Marcel Mauss

MAUSS, Marcel ; BESNARD, Philippe. Les sciences sociales à Paris vues par Marcel Mauss. **Revue française de sociologie**. 1985, v. 26, n° 2. pp. 343-351.

- MAUSS, Marcel. L'œuvre de Mauss par lui-même. **Revue Française de Sociologie**, vol. 20, n°1, 1979, pp. 209 – 220.

_____. Advertencia. IN: HUBERT, Henri. **Los Celtas y la expansión céltica hasta la época de la Tene**. México: Union Tipografica Editorial Hispano Americana, 1957 [1932], pp. XVI – XX.

_____. Un inédit : la leçon inaugurale de Marcel Mauss au Collège de France. **Terrain**. n° 59, 2012, pp. 1 – 15.

_____. **Œuvres – Tome 2**. Paris : Minuit, 1983.

_____. Différences entre les migrations des Germains et des Celtes. **Revue de Synthèse Historique**, vol. 17, 1938, pp. 22 – 24.

Necrológios e/ou autobiografias

ANTHONY, R. Georges Papillault (1863-1934). **Bulletins et Mémoires de la Société d'anthropologie de Paris**, VIII^e Série, tome 5, 1934. pp. 1-3.

BOK, Julien; KOUNELIS, Catherine. Paul Langevin (1872-1946). **Europhysics News**. vol. 38, n. 1, 2007, pp. 19 – 21.

CAGNAT, René. Notice sur la vie et les travaux de M. Camille Jullian. **Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres**. n. 4, 1934. pp. 312 – 324.

CORBIN, Henry. Louis Massignon (1883-1962). **École pratique des hautes études, Section des sciences religieuses**. Annuaire 1963-1964. tome 71. 1962. pp. 30 – 39.

COURRIER, Robert. Funérailles de Justin Jolly. **Bulletin de l'Académie des sciences**. Notices et discours, 1953, pp. 1 – 43.

DENJOY, Arnaud. Remise a Jacques Hadamard. **Bulletin de l'Académie des sciences**. Notices et discours, 1962, pp. 1 – 26.

DUSSAUD, René. Notice sur la vie et les travaux de M. Alexandre Moret. **Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres**, n. 5, 1940. pp. 454 - 466.

_____. Notice sur la vie et les travaux de M. Louis Finot. **Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres**, n. 6, 1938. pp. 486 – 501.

FESSARD, Alfred. Henri Piéron. **L'année psychologique**. 1949, vol. 50. pp. 7 – 13.

FROLOW, A. Nécrologie : Gabriel Millet. **Revue des études byzantines**, tome 12, 1954. pp. 294 – 298.

GAUCHER, Gilles. Henri Breuil, abbé. **Bulletin de la Société préhistorique française**, tome 90, n°1, 1993. pp. 104 – 112.

GUITARD, Eugène-Humbert. Le Professeur Marcel Delépine (1871-1965). **Revue d'histoire de la pharmacie**, n°187, 1965. pp. 435 – 440
 JOUSSAIN, André. **Lettre de candidature**. Disponível nos Arquivos do *Collège de France*.

JACOB, Charles. Lucien Cayeux. **Bulletin de l'Académie des sciences**. Notices et discours. 1946, pp. 1 – 31.

JANET, Pierre. Autobiography of Pierre Janet. In: MURCHISON, Carl (org.). **History of Psychology in Autobiography**. Worcester: Clark University Press, vol. 1, pp. 123 – 133.

LEFRANC Abel. Funérailles de M. Maurice Croiset, membre de l'Académie. Discours de M. Abel Lefranc, Président de l'Académie. **Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres**, n. 4, 1935. pp. 518 – 526.

LEMOIGNE, Maurice. Notice nécrologique sur M. André Mayer. **Comptes rendus hebdomadaires des séances de l'Académie des sciences**, t. 242, n. 23, 1956, pp. 2682 – 2692.

LE ROY, Édouard. **Biographie**. Disponível em: <http://www.academie-francaise.fr/les-immortels/edouard-le-roy>. Acesso em 25 de junho de 2016.

MARÈS, Antoine. André Mazon, un slaviste au XX^e siècle profil politique d'un savant. **Revue des études slaves**, Paris, v. 1, 2011, p. 69 - 94.

MERLIN, Alfred. Notice sur la vie et les travaux de M. Antoine Meillet, membre de l'Académie. **Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres**, 96^e année, n. 4, 1952. pp. 572 - 583.

_____. Notice sur la vie et les travaux de M. Henri Maspero, membre de l'Académie. **Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres**, n. 4, 1951. pp. 416 – 426.

MICHON, Étienne. Éloge funèbre de M. Stéphane Gsell, membre de l'Académie. **Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres**, n. 1, 1932. pp. 7 – 13.

NOUGAYROL, Jean. Charles Fossey (1869-1946). **École pratique des hautes études, Section des sciences religieuses**. Annuaire 1947-1948. 1946. pp. 25 - 29.

RENOU, Louis. Edmond Faral. **Cahiers de civilisation médiévale**, n°3, 1958. pp. 390 – 392.

_____. Notice sur la vie et les travaux de M. Paul Pelliot, membre de l'Académie. **Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres**, n. 2, 1950. pp. 130 - 144.

TESSIER, Georges. Notice sur la vie et les travaux de M. Abel Lefranc, membre de l'Académie. **Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres**, n. 1, 1956. pp. 31 - 44.

TOUTAIN, Jules. Paul Monceaux (1859-1941). **École pratique des hautes études, Section des sciences religieuses**. Annuaire 1940-1941 et 1941-1942. 1939. pp. 45 - 48.

VILLAT, Henri. Introduction. In: ABRAHAM, H. et. al. **Jubilé de M. Marcel Brillouin**. Paris: Gauthier-Villars, pp. 5 – 6.